

Cândido Mariano da Silva Rondon

ÍNDIOS DO BRASIL
DO NORTE DO RIO AMAZONAS

TOMO III

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL 254-C

SENADO FEDERAL


EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como marechal Rondon (Santo Antônio de Leverger, MT, 5 de maio de 1865 – Rio de Janeiro, Distrito Federal, 19 de janeiro de 1958), foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio às populações indígenas brasileiras. Descendente de portugueses e espanhóis miscigenados com guanás, indígenas da região, por parte do pai, e da mãe descendente de bororos e terenas.

Um dos maiores sertanistas brasileiros, senão o maior e mais famoso, integrou-se inteiramente à sua formação militar desde a adolescência, galgando na carreira todos os postos, até o mais elevado, marechal.

Pela segurança e competência com que construiu, pelas selvas de Mato Grosso, as linhas telegráficas brasileiras, foi encarregado de estendê-las pela Amazônia adentro. Descobriu o rio Juruema (afluente dos Tapajós) e estabeleceu contato estreito com os nambiquaras. Em 1909 iniciou sua mais longa expedição, até o rio Madeira.

Acompanhou o militar e político norte-americano Theodore Roosevelt em busca do chamado rio da Dúvida (hoje rio Roosevelt).

Rondon foi quem concebeu a criação do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, do qual foi o primeiro presidente.

Cândido Mariano da Silva Rondon morreu aos 92 anos, em janeiro de 1958, no Rio de Janeiro, deixando uma legenda de glória em relação a possíveis confrontos com os índios:

**"Morrer se for preciso;
matar, nunca!"**

A história deste livro tem uma ligação muito forte com a família de Kurt Krakauer, autor das ilustrações de capa de *Os índios do Brasil*. Judeus refugiados da Segunda Guerra obtiveram cidadania brasileira por interseção direta do marechal Rondon, pelo envolvimento desinteressado na elaboração desta obra.

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Obras sobre a Amazônia e o Centro-oeste publicadas pelo Senado Federal

- Cândido Mariano da Silva Rondon. *Missão Rondon*.
- Alfred Russel Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*.
- Marcos Carneiro de Mendonça. *A Amazônia na era pombalina*.
- Nelson de Figueiredo Ribeiro. *A questão geopolítica da Amazônia, da soberania difusa à soberania restrita*.
- Paul Walle. *No Brasil, do rio São Francisco ao Amazonas*.
- Euclides da Cunha. *Um paraíso perdido: ensaios amazônicos*.
- Gilberto Paim. Amazônia ameaçada. *Da Amazônia de Pombal à soberania sob ameaça.*
- Jarbas Passarinho. *Amazônia, patrimônio universal?*
- A. Gonçalves Dias. *Viagem pelo rio Amazonas: cartas do "Mundus Alter".*
- Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg. *Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão.*
- Raimundo Morais. *O meu dicionário de cousas da Amazônia.*

Cândido M. S. de Rondon



Ilustração de Kurt Krakauer
* Dezembro, 1921 – Agosto, 2007

Índios do Brasil

Edições do Senado Federal – Vol. 254-C

Índios do Brasil do norte do rio Amazonas

Volume III

Cândido Mariano da Silva Rondon



Brasília – 2019

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 254-C

Organização e Revisão: Joaquim Campelo Marques
Editoração eletrônica: Cintia Barbosa dos Santos,
Ingrid Viviane Rodrigues Martins Machado e
Renata Gomes Chilano Decaro
Ilustração de capa: Kurt Krakauer

Projeto gráfico: Serviço de Multimídia do Senado Federal (Semid)

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
cedit@senado.gov.br
http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm

ISBN (obra completa): 978-85-7018-949-3
ISBN: 978-85-7018-952-3

Rondon, Marechal, 1865-1958.
Índios do Brasil / Cândido Mariano da Silva Rondon. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.
3 v. : il. 368 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 254 A-C)

Conteúdo: v. 1. Índios do Brasil do centro, noroeste e sul do Mato Grosso – v. 2. Índios do Brasil das cabeceiras do Rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque – v. 3. Índios do Brasil do norte do Rio Amazonas.

1. Índios, Brasil. 2. Índios, usos e costumes, Brasil. 3. Arte indígena, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 980.41

. . . .

Sumário

. . . .

Memorandum

PODEMOS AFIRMAR QUE *a saída dos três álbuns sob o título* Índios do Brasil *foi aguardada com impaciência proporcional ao interesse, não só pelas Instituições estudiosas da Etnologia e Etnografia como pelos leigos que cultivam o amor dos nossos selvícolas. A expectativa do presente tomo III se prolongou muito além do prazo inicialmente previsto pela editora oficial que é a Imprensa Nacional, em virtude de fatores que escapavam inteiramente ao nosso controle e decorrentes principalmente de dificuldades aduaneiras e técnicas, procedentes muitas vezes de medidas de economia adotadas pelo Governo para vencer a crise que atravessa o mundo inteiro de após-guerra, e que atingiu também a nossa pátria. De modo que a Oficina de Rotogravura se viu muitas vezes diante da impossibilidade de adquirir o material necessário, tanto o que se destinava à confecção dos clichês, como o próprio papel para impressão, tintas e até peças para consertar as máquinas.*

Logo no início da impressão do tomo II sofreu a oficina mais uma queda pela perda dos seus únicos dois fotógrafos: o retocador, que se mudou para São Paulo, e logo em seguida o laborante, vitimado por uma congestão cerebral, ocorrência que então paralisou os trabalhos por completo, porque não podiam ser admitidos substitutos nas vagas abertas, por força da lei de economia que proibia novas admissões de pessoal. Louvavelmente, então, o montador Orlando A. Costa dedicou-se a praticar em retoques, conseguindo aperfeiçoar-se de tal forma, que pôde acumular os serviços de montador e retocador com interesse e inteligência, como, igualmente, ainda outro funcionário, Amadeu S. Almeida, de profissão ajudante-gravador, esforçou-se para aprender os delicados serviços da câmara escura fotográfica, habilitando-se assim, atualmente, com boa vontade e competência ao exercício profissional em ambos os setores.

Julgamos dever de justiça assinalar nesta oportunidade nossa gratidão pelos esforços despendidos por todos os serventuários da Imprensa Nacional, com notável paciência, a fim de levar a termo a impressão deste documentário da vida e dos costumes dos nossos índios, em condições artísticas. Nele se encontram, nas capas do livro, os desenhos do Sr. Dr. Kurt Krakauer, cujo nome ainda não apareceu, mas quem, com sua sensibilidade de artista, compreendeu tão rapidamente os nossos desejos e se desobrigou da incumbência com traços indeléveis de um verdadeiro mestre. O Sr. Carlos Alves de Sousa, no princípio chefe da Oficina de Rotogravura, foi quem com incansável boa vontade deu as informações de "possível" e "impossível" da técnica, quando surgiram fotografias antigas, ainda da infância desta arte, com todos os seus defeitos. Temos de falar do Sr. Dr. Alberto Sá de Brito Pereira, diretor da Imprensa Nacional, que se prontificou ultimamente a dar todo o seu apoio ao chefe atual

da Rotogravura, Sr. Lindolfo Rocha, a fim de melhorar as instalações da oficina, pondo material melhor à sua disposição, o que permitiu ao Sr. Rocha, com sua grande capacidade de longos anos de serviço, pudesse concluir a obra ainda antes de sua aposentadoria com ânsia esperada por ele, doente e cansado, o que o não impediu de desenvolver o maior entusiasmo para concluir a obra iniciada.

Não menos amavelmente acudiam-nos nos outros setores os Srs. Eugênio Griffini e Armando Olinto da Cruz Ferrari, com prontidão e fino gosto da distribuição e paginação, no monotipo, linotipo, etc., como também o Sr. José Beck Guimarães, chefe do Orçamento, quando se tratou de entregar um serviço à hora prometida.

Agradecemos com igual calor a todos que junto às maquinas, ficaram invisíveis, para nós, mas ajudaram cada um no seu posto nesta obra, em que ainda as gerações futuras poderão informar-se neste documentário sobre assuntos que com rapidez desaparecem.

C. N. P. I., Rio, 5-5-1953
Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães.
Secretário

SOB ESTE TÍTULO começarão a ser publicadas, oficialmente, as fotografias dos nossos índios e de assuntos que lhes dizem respeito, obtidas no sertão do Brasil por vários serviços em que colaboramos e por outros cuja direção nos foi confiada, em épocas diversas, desde 1890 até o presente momento.

Do numeroso arquivo que vimos religiosamente amealhando, através de mais de meio século de intenso trabalho, em que tão ajudado fui por uma plêiade de oficiais do Exército e pessoal civil, todos vibrantes de entusiasmo cívico pela Causa Indígena, pelo progresso de nossa pátria e pelo bem da Humanidade – teremos oportunidade de escolher a mais expressiva documentação daquela espécie, iniciando a reprodução das fotografias que constituirão os três primeiros volumes desta importante e valiosa coletânea.

O *1º volume* conterá fotografias dos índios do Centro, do Noroeste e do Sul de Mato Grosso, distribuídos pelos seguintes grupos ou tribos, relacionados em ordem alfabética:

1 – Anuzê
2 – Ariqueme
3 – Ariti (Pareci)
4 – Bororo
5 – Cabixi
6 – Cadiuveo
7 – Caiuá
8 – Canoê
9 – Caripuna
10 – Caxiniti
11 – Cozárini
12 – Guató
13 – Ipoteuate
14 – Iranche
15 – Jaru
16 – Mamaindê
17 – Maçacá
18 – Navaitê
19 – Nenê
20 – Nhambiquara
21 – Parintintim
22 – Parnauate (Tupi)
23 – Pirarrã
24 – Quepiquiriuate
25 – Quiapure
26 – Rama-rama
27 – Salamãe
28 – Tacuatepe
29 – Tagnani
30 – Tauitê
31 – Terena
32 – Uaimaré
33 – Uamandiri
34 – Umutina
35 – Urumi
36 – Urupá

O *2º volume* será dedicado aos índios das cabeceiras do rio Xingu e dos vales deste rio e de seu formador – o Ronuro – bem assim dos rios Araguaia e Oiapoque, aí figurando os seguintes grupos ou tribos:

Rios Xingu, Ronuro e Teles Pires (Antigo Paranatinga)

1 – Anauquá
2 – Aueti (Tupi)
3 – Bacairi (Caraíba)
4 – Cajabi
5 – Camaiurá (Tupi)
6 – Meinaco
7 – Suía (Jê)
8 – Trumai
9 – Ualapiti
10 – Uaurá

Rio Araguaia

Carajá

Rio Oiapoque

1 – Banaré
2 – Caripuna
3 – Galibi
4 – Iarupi
5 – Oiampi
6 – Paricura

O *3º volume* abrangerá as tribos e grupos dos vales do rio Trombetas e seu afluente Cuminá: rios Jari, Negro e Branco e seu afluente Uraricoera (é) a saber:

Rio Cumiiná – Rio Jari

1 – Aparaí
2 – Pianacotó
3 – Tirió do Grupo Rangu-Piqui

Rio Uraricoera – Rio Branco

1 – Macu
2 – Macuxi
3 – Maiongom
4 – Taurepã
5 – Uapichana
6 – Xirianã

Rio Uaupés (afluente do rio Negro)

1 – Baré
2 – Deçana
3 – Tariano
4 – Tocano
5 – Tuiuca
6 – Uanana

Provém esta documentação fotográfica das comissões a que vamos referir-nos, o mais sumariamente possível.

São elas: todas as Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no Estado do Mato Grosso, desde a primeira (1890), que ligou este estado à rede geral brasileira e que teve como emérito engenheiro-chefe o então major Gomes Carneiro, de quem nos honramos de ter sido ajudante e a quem substituímos nessa chefia, quando o grande soldado de dirigiu ao Estado do Paraná, para ali escrever uma das mais brilhantes páginas da nossa história militar, no cerco da Lapa, onde o herói invencível caiu morto, com as armas na mão, para só assim descansar da luta, depois de inscrever seu nome entre os dos nossos mais gloriosos generais!

Além deste primeiro contingente com que a República beneficiou nosso estado natal, desvanecemo-nos de haver chefiado todas as demais comissões que se encarregaram de estender até as principais cidades, vilas e fronteiras, a rede telegráfica terrestre de Mato Grosso, inclusive a última delas

(Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas) e de maior vulto e larga projeção em outros setores de atividade e progresso, aí compreendido o grave "Problema Indígena", que tivemos de resolver, ao penetrar nas zonas de sertão em que os nossos índios viviam livres do contato dos civilizados, tantas vezes prejudiciais à sua paz e à sua independência.

Ao terminarem os trabalhos desta última (1916) havíamos dotado Mato Grosso de 4.502,502 km de linhas telegráficas, assim então distribuídas:

1º Distrito Telegráfico –	1.283,639 km com 16 estações
2º Distrito Telegráfico –	1.433,195 km com 14 estações
3º Distrito Telegráfico –	1.785,668 km com 25 estações
SOMA..........................	4.502,502 km com 55 estações

Concomitantemente executáramos explorações e levantamentos que ascenderam a 50.000 km, aí incluídos os de vários cursos d'água da vasta área a que Roquette Pinto emprestou a denominação de *Rondônia*. Deste total destaco propositadamente a parcela que tocou ao período de 1907 a 1909, assim discriminado:

Expedição de 1907..................	1.781 km
Expedição de 1908.................	1.653 km
Expedição de 1909.................	2.232 km
SOMA..................................	5.666 km

Finalmente, apresentamos uma documentação captada pela extinta Inspetoria de Fronteiras (1934/8), cuja direção nos fora também confiada.

Pois bem, os álbuns fotográficos que ora nos foi permitido publicar, graças ao apoio do governo e à decisiva opinião de órgãos administrativos que os examinaram antes e os julgaram merecedores desta divulgação, abrangem todos esses trabalhos, ininterruptamente, desde 1890 até 1938. Cabem aqui, a propósito, os nossos agradecimentos ao presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), em boa hora criado e confiado à competência do Sr. Luís Simões Lopes, bem assim às autoridades dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda; àquele presidente, principalmente, que, convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, compareceu prontamente e decidiu empenhar seu incontestável prestígio administrativo para que se transformasse em simpática realidade a vibrante e esclarecida proposta do ilustre vice-presidente do C.N.P.I., Dr. Edgard Roquette Pinto, quem primeiro aventara tal medida, por necessária e inadiável.

*

Deste exórdio que nos esforçamos em reduzir ao mínimo de palavras, se depreende que possuímos fotografias que foram batidas no meio das selvas há mais de 50 anos, isto é, ao tempo em que a arte fotográfica não havia atingido o adiantamento que hoje apresenta e que entanto simplifica o volume e o peso do material a isto destinado, assim como os processos de obtenção dos negativos e sua impressão em positivo, com as facilidades das ampliações, ora tão aperfeiçoadas.

Além disso, cumpre lembrar o esforço que, na maioria dos casos, representa a documentação fotográfica através dos sertões brutos. Pesados pacotes, então, de chapas de vidro que escapavam de se desfazerem em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia de cachoeiras e corredeiras, onde

tantas canoas, materiais e vidas preciosas ficaram para sempre sepultados, era quase por milagre que chegavam aos nossos gabinetes fotográficos nas cidades!

Ainda mais, fora preciso numerosas vezes que os artistas fotógrafos carregassem eles próprios os pesados e preciosíssimos negativos e outros materiais indispensáveis, imitando dedicações estoicas como aquela de um Alípio de Miranda Ribeiro, de físico frágil, mas de sublimada energia moral para suportar às próprias costas os espécimes zoológicos por ele coligidos no sertão, quando não havia mais animais de carga, nem soldados e civis disponíveis para esse transportes de carga – absolutamente considerada secundária – no crítico momento em que as hostilidades do meio ameaçavam a própria vida dos expedicionários!

Nenhum exagero, portanto, representa o afirmar, neste bosquejo incolor, mas expressivamente verídico, que muitas destas fotografias agora folheadas tranquilamente em ambientes civilizados e oferecidas aos estudiosos da ciência e aos concidadãos que se interessam pelas coisas essencialmente brasileiras e olham com simpatia o "problema do índio", custaram muita abnegação, muito esforço patriótico, muito suor, muito cansaço e quiçá também o sangue e a vida de patrícios nossos, para que ora as pudéssemos contemplar e comentar, acomodados em compartimentos confortáveis.

*

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que transcrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

*

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Estão nestas condições os quepiquiriuates; os dois grupos tupis: parnauate e tacuatepe; os umutinas, os pirarrãs (parintintins); os pianacotós e rangu-piquis; maiongons; xirianãs; urumis; ariquemes; jarus; urupás.

*

Não foram isentas de perigo, como já insinuamos, as nossas incursões em território de várias Nações Brasilíndias, como vamos ligeiramente recordar, citando alguns casos concretos:

a) A Expedição ao rio Jaci-Paraná (1909) foi atacada por um grupo de índios caritianas, do que resultou a morte de um remador e ferimentos do médico da turma e da nossa Marinha, dr. Paulo Fernandes dos Santos, e de outro remador. De várias publicações – entre as quais citamos com prazer os livros da autoria do atual secretário do C.N.P.I., cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães: *Impressões da*

Comissão Rondon e *Pelos sertões do Brasil* – consta minuciosamente a descrição deste episódio, em que os índios caritianas, confundindo o médico com um seringueiro Minervino, que os atacara, a bala, no rio Branco do Jaci-Paraná, promoveram essa represália, dirigindo-a exclusivamente contra a pequena canoa que conduzia a mira graduada para as visadas do levantamento, a luneta Lugeol e a bússola, embarcação em que viajava o dr. Paulo. Não ofenderam em nada, quer o grande batelão da vanguarda, quer a última canoa em que iam os engenheiros-militares: o saudoso cap. M. T. Costa Pinheiro e o então 1º ten. Amílcar A. Botelho de Magalhães.

b) Eu próprio e as minhas turmas de exploração de 1907 e 1908 fomos duas vezes violentamente agredidos a flechadas, pelos altivos guerrilheiros nhambiquaras, às margens do famoso rio Juruena. Nos livros acima citados e no 1º volume do meu Relatório Geral (Publicação nº 1 da Com. L. T. Estr. Mato Grosso ao Amazonas) estão descritos estes dois episódios, dos quais, infelizmente, não provieram nem ferimentos nem mortes!

c) No curso da "Expedição de 1909" tivemos de acudir apressadamente ao soldado Rosendo, flechado por nhambiquara, atocaiado na mata da Canga, por trás do tronco secular que fez jus ao cognome de "pau gigante", com que ficou conhecido entre os expedicionários.

d) Os então 1º ten. Nicolau Bueno Horta Barbosa – o dedicado ajudante e provecto engenheiro-militar, primaz na constância de sua colaboração nos trabalhos do sertão, o qual ainda hoje, como tenente-coronel da reserva do Exército, convocado, presta serviços inestimáveis como chefe da Inspetoria de S. Paulo e do sul de Mato Grosso – e aspirante a oficial Tito de Barros – ora oficial superior da mesma reserva – ambos no exercício de funções concernentes à construção da linha telegráfica entre as estações e Juruena e Nhambiquaras, foram flechados pelos índios desta última denominação, em pleno peito. Fiel ao nosso lema, o tenente Nicolau, comprimindo o ferimento donde brotava abundante, tão generoso sangue brasileiro, não consentiu de modo algum que perseguissem nem atirassem contra os selvícolas e, ao contrário, mandou empilhar presentes, destinados aos agressores, no próprio local em que eles o hostilizaram!

e) A turma exploradora do rio Ananás, cujos trabalhos foram iniciados em 1º de março de 1915, sob a chefia do 2º ten. Francisco Marques de Sousa, foi rudemente combatida por índios que supomos pertencer à tribo dos araras, que, de surpresa, a atacaram no dia 29 de maio daquele ano, vitimando o abnegado oficial e o hábil fabricante de canoas Tertuliano Ribeiro de Carvalho, carpinteiro e capataz da referida turma.

*

Bastam estes exemplos, supomos, para comprovar a afirmativa que avançamos e a aplicação que têm tido, no domínio da prática, os métodos que – fiéis aos conselhos do grande estadista José Bonifácio de Andrada e Silva – adotamos nas nossas relações com as tribos indígenas de nossa pátria.

*

Além das fotografias que interessam ao índio e seus costumes, incluímos algumas que reproduzem aspectos notáveis dos sertões que palmilhamos, como os saltos e as cachoeiras, morros, matas, etc., bem assim as de estações telegráficas e outras construções que ali realizamos.

Particularmente, quanto a certas tribos e grupos ameríndios, teremos ainda oportunidade de expor, ao abrir os álbuns em que eles figuram, o mais sinteticamente possível, passagens que interessam a nossa atuação perante eles e referir episódios característicos, ocorridos no decorrer de providências para anular a sua aversão aos civilizados.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 10 de março de 1944.

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do C.N.P.I.

III Volume dos Álbuns "Índios do Brasil"

O EXM.º SR. GENERAL RONDON, ao percorrer as fronteiras do norte do Brasil, desde a Guiana francesa até o extremo noroeste dos nossos lindes com a República do Peru (1927/30), esteve em permanente, amistoso e protetor contato com todas as tribos e grupos indígenas que ali têm o seu habitáculo. Mais particularmente visitou as suas próprias malocas ou foi visitado em seus acampamentos de inspeção pelos índios macuxis, uapixanas, maiongons, xirianãs, taurepãs, pianacotós e tiriós do grupo rangupiqui.

O atual ten.-cel. do Exército, Frederico Rondon, em sua viagem, como membro da Inspeção de Fronteiras, ainda no posto de capitão, executou também, em 1932, vários trabalhos de levantamento, naquela zona, especialmente no rio Uaupés e ali se interessou igualmente pela população indígena, tendo publicado recentemente um excelente livro, *Rio Uaupés*, no qual refere sua atuação patriótica e protetora junto às tribos dos *arapaços, tarianos, tocanas, piratapuios, deçanas ou paporimaras, barás, micuratapuios, tuiucas, cobeuas* (ramo dos uaupés), *uitotos, carapanãs* e *macus*.

O coronel, também do Exército e saudoso engenheiro militar Temístocles Pais de Sousa Brasil, ex-ajudante da Comissão Rondon e que, durante largo período, chefiou a Comissão Demarcadora de Limites do Setor Oeste (Ministério das Relações Exteriores), publicou uma separata do seu relatório de 1935 – a qual, com grande elevação, anexou, a título de prefácio, uma longa carta do Exm.º Sr. general Rondon, aliás contraditando, com vasta erudição, as doutrinas do autor do opúsculo, para a solução do problema do Índio no Brasil – abordando as questões que se prendem à incorporação dos selvícolas ao meio civilizado e propondo, como medida necessária e indispensável, a sistematização dos cruzamentos da raça indígena com a raça branca, vale dizer, com os civilizados, providência que seria oficialmente superentendida e devidamente incrementada.

Agindo na zona oeste do Amazonas, interessou-se o cel. Temístocles, com grande carinho, pela vida dos nossos índios *barás, tuiucas, cobeuas, tarianas, deçanas, tocanas* e *uananas* – todos os quais relembram, com saudade, o desinteressado e real amparo que então receberam de tão humanitário intelectual.

Vamos passar em revista as observações e apontamentos de cada um destes exploradores, a respeito das tribos e grupos selvícolas a que cada um se refere e dos quais ora são exibidas várias fotografias.

Entre estas figuram algumas dos índios aparaís ou apalaís, como alhures temos ouvido, oferecidas à Comissão Rondon pelo Sr. Dr. Schulz-Kampfhenkel, Cand. Phil., chefe da Expedição ao Amazonas de 1935. Este explorador estrangeiro colheu, nessa tribo, informações que parecem confirmar o fato, que alegou, de terem vindo os antepassados dos aparaís de terras longínquas, para se estabelecerem no rio Jari, afluente do Amazonas pela margem esquerda e que corre em território do Estado do Pará.

Em fins de 1927, o general Rondon confabulou com os tuxauas de vários "clãs" de índios macuxis, cujo direito de viver no Brasil, pátria a que se ufanavam de pertencer, foi por S. Ex.ª assegurado, mesmo contra o arbítrio de certas autoridades do interior e que exercem os seus mandatos com despotismo e sem controle das autoridades superiores, quer estaduais, quer federais. E escreveu no seu relatório de inspeção daquele ano:

> "Que diferença entre os ingleses da Guiana e os brasileiros da fronteira! Aqueles procuram atrair para o seu território todos os índios da região, estes escorraçam os seus patrícios, obrigando-os a expatriarem-se!
>
> "Coisa interessante: esses índios têm a pecha de ladrões no Brasil e passam para a Guiana, onde são bem recebidos pelos ingleses, que os consideram homens de bem."

Um dos tuxauas afirmou ao general que os macuxis constituíam outrora uma grande nação, que compreendia as tribos *macuxi, jaricuna, maiongom, camaracotó, angaricá, riã* e *parauiana*; e que esta última é que tinha por costume colocar os seus mortos dentro de grandes urnas, como as que o mesmo explorador encontrou na Ponta da Serra – ao atingir o alto do igarapé Maruaí, no percurso que fez, por terra, da fazenda nacional de S. Marcos (rio Branco) ao monte Roroimã (*Roro-imã = Verde-monte*) – e fez transportar desse longínquo sertão para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Na língua dos macuxis, a expressão – *parauiana* – significa: *corredor*, *veloz*, o que confirma a lenda que entre aqueles é corrente, da qual se deduz que estes "*corriam mais que o próprio veado-campeiro, cuja caça faziam a pé (!)*"

Partindo da margem direita do rio Branco, por terra, dirigiu-se Rondon, depois, para o rio Uraricoera, visitando neste trajeto a aldeia da Anta, governada pelo tuxaua Lobato, dos uapixanas. Daí estavam ausentes, no momento, todos os homens, motivo pelo qual as índias receberam os expedicionários com a cara amarrada. Todavia, ofereceram beijus de milho e banana, considerados suculenta refeição pelos visitantes e que lhes permitiu prosseguirem a viagem, sem outro alimento, até o pouso. Além das habituais plantações, chamou a atenção a variedade de pimentas de que se alimentam. *"Entre estas piperáceas viam-se malaguetas, chumbinho e poca."*

Subindo-se o Uraricoera, afluente da margem direita do rio Branco (afl. por sua vez do rio Negro, que o é do majestoso Amazonas), encontram-se primeiro as malocas dos xirianãs, que o ten.-cel. Frederico Rondon afirma serem também (conhecidos por sirianos), depois as dos macus e por último as dos maiongons.

A notícia da viagem do mais assíduo e mais eficaz protetor dos índios espalhou-se rapidamente por aquelas cercanias, a ponto de às vezes se reunirem nos bivaques do inspetor de fronteiras, em visita de cortesia, para mais de 200 selvícolas, de diversas tribos – o que constituía sério problema para alimentá-los!

Todavia, quando o general alcançou a aldeia Barata, *"patriarcado uapixana do tuxaua Paricá"*, este, que se fardou para receber os expedicionários, não veio ao encontro deles, mas, "como legítimo chefe indígena, não saiu de seu trono, esperou que lá o fossem cumprimentar!"

Reproduzia, assim, o gesto altivo do grande cacique Piragibe, o notável ameraba *"que se negara a esperar Zorobabé no caminho, por não ser este uma dama nem vir dar-lhe guerra"...*

No momento achavam-se em numerosos grupos, homens, mulheres e crianças, num total de 500 indivíduos, todos obedientes ao cacique Paricá, que acumula as funções também de pajé.

Acampou o general à margem do Uraricoera, em um porto próximo à ilha Maracá e ao canal do mesmo nome, onde amerrissara o hidroavião do explorador Rice (Alex. Hamilton), em 1925. Foi aí visitado por uma delegação dos *macuxis*, chefiados pelo tuxaua Jesuíno, aliado e amigo dos *maiongons*, com os quais fizera excursões através da serra pacaraimã, onde viviam os inimigos desta tribo: os *guaraívos*.

Contou Jesuíno, com todas as minudências, que numa dessas excursões vararam do Uraricoera para o Meruari, em território venezuelano: para isto, haviam subido em ubá pelo Uraricoera, até a foz do igarapé Coatu, penetrando por este acima, durante sete dias, no trecho navegável em canoa; saltaram pela margem direita e meteram-se por um trilho batido daqueles índios, arrastando com eles a sua ubá, durante um dia inteiro; subiram pela encosta brasileira às cumeadas da serra Pacaraimã e, descambando para a vertente oposta, em terra venezuelana, incidiram num outro igarapé em que lançaram a tosca embarcação, ao sabor da corrente, para, dois dias depois, desembocarem no Meruari (ou Mereoari), onde existe, bem no pontal, uma taba de índios *maiongons*.

Pelo mesmo tuxaua Jesuíno soube o general que as habitações construídas pelos *maiongóns* devem ser semelhantes às dos nhambiquaras e dos quepiquiriuates, com a cobertura terminada em ponta e sustentada por um só esteio central.

– Viajando o general Rondon pelo rio Cuminá e seu formador oriental, o rio Paru, foi amistosamente recebido sempre pelos índios rangupiquis.

Numa aldeia (Ocoimã) dos índios tiriós, ocorreu curioso episódio, quando o general, dirigindo-se ao cacique Uaianã, aí em visita e pertencente à tribo caianã, que habita as margens do rio Parumã, na Guiana francesa, chamou-o de *capitão*, contra cuja designação se insurgiu o índio, retrucando-lhe em francês:

– *"Moi, Colonel; pas capitaine!"* o que levou o sertanista brasileiro a entabular com ele uma conversação... em língua diplomática! Neste 3º volume de álbuns figura a fotografia do *Colonel* Uaianã e de sua jovem esposa. Quer pelo Paru-oeste, cujas cabeceiras, na serra de Tumucumaque, contravertem com as do rio Paloemeu (afl. do Tapanaoni e este do Maroni); quer pelo Marepi, formador ocidental do Cuminá e cujas cabeceiras fluem da serra de Acaraí, contravertendo com as do Courentine – é simples compreender a facilidade destas comunicações entre os pianacotós e os tiriós, duma parte, e os índios da fronteira francesa, doutra parte.

Quando ainda em S. Marcos, ouviu o general, dos *taurepãs*, declarações que concordavam com as dos *macuxis*, quanto à primitiva grande nação deste nome, da qual aqueles faziam parte, assim como, quanto aos seus irmãos *parauianas*, que "aparecem na literatura sob a denominação de *paravilhanos*, segundo os portugueses e aos quais é atribuído o assalto à Expedição de Isidoro Rondon, em 1773, no seu acampamento do pontal do rio Pirará, quando da primeira invasão espanhola dos rios Uraricoera, Tacutu e Maú".

Narraram ainda ali os *taurepãs* a tremenda luta que travaram os *parauianas* contra os *antigaricós*, de Cuialocogue.

Tanto os *pianacotós* que o general encontrou no Cuminá, como os *rangus* do Paru, e ainda os *tiriós* (que aliás é um grupo dos rangupiquis) da fronteira brasileira com a Guiana holandesa, são todos originários da grande família primitiva dos *caraíbas* ou *caribes*.

Vem a pelo assinalar que desta viagem do general ao vale do Trombetas e seu afluente Cuminá é que provieram dados positivos sobre a riqueza arqueológica dessa zona, donde resultou a indicação que fez do etnógrafo da Comissão Rondon, J. Barbosa de Faria, para proceder a estudos que, infelizmente, foram suspensos em fins de 1930, ao ser extinta a citada Comissão, não sem deixar brilhantemente autenticada sua atuação erudita, como bem documenta a Publicação nº 89, ora em impressão[1]: "A cerâmica da tribo Uaboí, dos rios Trombetas e Jamundá – Contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do baixo Amazonas."

*

1 Já impresso, em distribuição no C. N. P. I, estando quase esgotada a edição de 2.100 exemplares. (Nota de 20/11/1947.)

Dando conta de sua viagem pelo rio Uaupés, encontramos no livro do ten.-cel. F. Rondon os seguintes tópicos, que contêm matéria digna de reflexão:

> "...Vinte e cinco anos após as negociações de limites com a Colômbia, vamos, porém, encontrar, naquela zona fronteiriça, uma população genuinamente brasileira, vibrante de amor à terra, exacerbada em seu patriotismo, submetida à humilhação cívica de se tornar estrangeira, sem ter saído de seu torrão natal.
>
> "É que, cedendo, no Papuri, toda a margem esquerda e a direita a oeste do meridiano 70º2'37" de Greenwich, lançamos o desassossego numa população de 2.000 indígenas brasileiros. Os *uananas* do alto Uaupés e os *cubeuas* do Querari-Coduiari, catecúmenos dos missionários do rio Negro, desde o século XVIII, administrados por autoridade brasileira até 1925, orçando por 3.000 indígenas, passaram em massa para a jurisdição colombiana. Tomando por limite o meridiano da foz do Querari, na longitude 69º50'41" de Greenwich, deixamos sob o controle e a dependência da Colômbia as saídas de afluentes da margem esquerda daquele rio, região de imensos balatais explorados por brasileiros...
>
> "Avaliam-se em 25.000 indígenas as populações de tradição brasileira radicadas na zona fronteiriça com a Colômbia, nos rios Japurá, Apaporis, Uaupés e Içana."

Topou também com malocas de selvícolas *uananas* no médio Uaupés entre Jurupari e Jandu-Cachoeira, e assinalou, além desta, mais 11 tribos que povoam o Caiari brasileiro:

Arapaço e *Tariano*, no Uaupés entre Ipanoré e Umari-Cachoeira, e no baixo Papuri;

Tocana, *Piratapuia* e *Deçana*, em agrupamentos alternados, no baixo-Uaupés, Papuri e Tiquié;

Bará, *Micuratapuia*, *Tuiuca* e *Carapanã*, no alto-Papuri e no Tiquié superior.

Entre as últimas tribos acima nomeadas, vivem ainda remanescentes de outras em vias de extinção.

Outros agrupamentos menos conhecidos, ainda nômades e arredios, compreendidos sob a designação de Macu, vivem no recesso das matas e nos afluentes menos transitados.

Assim se acham representados, no Uaupés, os quatro grupos linguísticos que abrangem a bacia do rio Negro: *Tocana*, *Aruaque*, *Caraíba* e *Macu*.

Segundo o mesmo observador, o grupo dos índios *tocanas*, o mais numeroso naquela zona, compreende, "além dos *tocanas* propriamente ditos, os *piratapuias*, *mirititapuias*, *arapaços*, *tuiucas*, *barás*, *uananas* e *cubeuas*, além dos *tsoeloas*, da cabeceira do Tiquié, dos *erúlias*, *upaimas* e *palenoas*, do Pira-Paraná; os *aruaques* são representados no Uaupés pelos *tarianas*, pertencendo-lhes, ainda, os grupos dos *baniuas*, *siucis*, *hohodenis* e *ipecas* do Içana, os quais vivem em comércio com os primeiros"; à grande família dos caraíbas ou caribes, "pertenciam os *boiaranas* (homem-cobra), assinalados por missionários do século XVIII, no médio Caiari e provavelmente assimilados pelos *cubeuas* invasores do Querari-Coduiari".

O ten.-cel. F. Rondon explica, a propósito do apelido: homem-cobra, que até agora se observam nos *boiaranas* inúmeros casos da terrível e dolorosa dermatite, que em muitas tribos da Amazônia e de Mato Grosso é conhecida pela expressão: *puru-puru*, daí provindo o nome daquele grupo selvícola.

Finalmente, à família dos *macus*, aliás qualificada pelo general Rondon entre as alófilas, supõe ele pertencerem "algumas tribos que erram ainda em estado semisselvagem, na extensa região situada entre o Japurá e o rio Branco, além de outros agrupamentos docilizados que vivem no Taraíra, Papuri e Tiquié, perseguidos pelos *aruaques* e pelos *tocanas*, que os maltratam e escravizam".

No livro a que me reporto, estão consignadas afirmativas de Henri Coudreau computando em vinte e uma as tribos selvícolas do uaupés, as quais falavam quinze dialetos (!) e opinando sobre a incontestável procedência caraíba dos *tarianos*, "que tinham certa preeminência e cuja aldeia principal, neste rio, era considerada uma espécie de capital".

Os índios *barés*, cujos remanescentes orçam por 100 indivíduos, "procedem do Papunaua, afluente do Inirida e, como os *manaus* e *marabitanas*, foram assimilados pela população sertaneja do rio Negro". A folhas 123/4 do *Uaupés*, encontra-se a seguinte lenda dos *barés*:

"Em remotas eras, a filha de um poderoso tuxaua, expulsa da *taua* paterna, foi viver numa tapera distante, onde parentes extremosos lhe iam levar recursos. Um dia essa índia teve um filho de singular beleza. Mani, chamou-se o indiozinho.

"A notícia do acontecimento alvoroçou a *taua*. O tuxaua, esquecendo mágoas e rancores, foi visitar a filha e se rendeu também aos encantos do netinho. Mas, ao completar três anos, Mani morreu misteriosamente sem ter adoecido. Os parentes vieram contemplá-lo mais uma vez, na esteira em que antes brincava, e o sepultaram no meio da *uca*. A mãe lá ficou desolada, lamentando sozinha seu infortúnio, sentada no chão.

"Ao amanhecer, os olhos cansados da índia viram brotar da terra molhada por suas lágrimas uma plantinha que logo foi crescendo, crescendo, até furar o teto da *uca*, e a grande altura, já árvore copada, floriu e deu frutos.

"Os parentes acorreram maravilhados. Revolvendo a terra, viram que aquela árvore saía do ouvido de Mani.

"- *Maniua*! *Maniua*! exclamaram.

"Os passarinhos comeram os frutos da árvore e saíram semeando *maniua* branca, os de moela branca, e maniua amarela, os de moela amarela.

"A raiz da maniua, semelhante a um chifre (*aca*), denominou-se *maniaca*.

"*maniua* = mandioca
"*iua* = árvore."

Encontro ainda, no livro que estou passando em revista, informes sobre os *tocanas* e *cubeuas*:

"Em 1852/3, os *tocanas*... foram missionados nas aldeias de Jauareté-cachoeira, Juquira-Rapecuma, São Jerônimo de Ipanoré, Pã-Cachoeira, Ananá-Rapecuma e São Joaquim. Em 1888, os capuchinhos reuniram 948 *tocanas* em 4 aldeias. Orçam, atualmente, por 1.600 os *tocanas* do Uaupés e afluentes.

"Os *cubeuas* ocuparam o Içana-Aiari, onde dominaram povos *aruaques*, e recentemente o Querari-Coduiari, donde desalojaram os *uananas*. No século XVIII, são encontrados no rio Negro, com o nome de *coeunas* ou *coeanas*. Compreendem, atualmente, três ramos consanguíneos: *cubeuas* do Querari, *heenauas* ou *cubeuas* do Coduiari e *cauatapuias* ou *cubeuas* do Aiari.

"Orçam os *cubeuas* por 2.500 indivíduos, dos quais cerca de 1.000 habitam o vale do Querari. No século XVIII, os carmelitas reuniram índios desta tribo nas aldeias de Mutum-Cachoeira, Micura--Rapecuma, Uaracapuri, Caruru-Cachoeira, São Jerônimo de Ipanoré e São Joaquim.

"Os *tarianas* são procedentes do Içana. Vindo para o Uaupés, teriam constituído aqui o ramo da nação *aruaque* submetido pelos *tocanas* invasores. Seus remanescentes vivem, atualmente, no médio Uaupés, entre Ipanoré e Macu-Ponta a jusante de Umari-Cachoeira; e no baixo-Papuri, entre Uaracapá e Jauareté-Cachoeira, divididos em pequenos grupos."

– Numa das malocas dos cubeuas ocorreu um incidente que atesta o entusiasmo deste povo brasilíndio por nossa pátria; narra-o assim o explorador:

"Ao embarcar, passei pelos *cubeuas* para me despedir. Afagando o ombro do mais velho, perguntei-lhe se era colombiano.

"– *Umbá* (não), respondeu prontamente.

"– Não é colombiano? – insisti.

"– *Umbá*, contestou vivamente o *cubeua*, sacudindo a cabeça em negativa e contendo desta vez o riso, que afinal rebentou em gargalhada.

"Os outros índios acompanharam a cena com interesse, rindo do embaraço daquele *cubeua* que ia passando por colombiano."

Noutro tópico anotou ele a frase expressiva dum selvícola:

– "Nasci brasileiro e brasileiro hei de morrer!..."

Dentre as fotografias dos *tuiucas*, encontra-se uma bem característica da imponência de dois tuxauas, com os adornos para uma festa e trazendo pendurados ao pescoço os cilindros de quartzo que simbolizam a autoridade suprema!

Sobre um de seus encontros com os *deçanas*, escreve, noutro tópico, o mesmo autor:

"Chegamos ao escurecer a Cuiú-Cuiú (São Bernardo), aldeia dos *deçanas*, à margem esquerda do igarapé do mesmo nome.

"Minha barraca se encheu de índios alegres e amáveis como velhos amigos. Fora, os que não podiam entrar, deixavam molhar-se por uma chuvinha miúda e quente. Ao jantar, distribuí pela assistência, ainda numerosa, bolinhos de farinha, que os *tocanas* de Piraquara haviam denominados *firitari* (fritos). Admiro nestas ocasiões a solidariedade dos índios. Enquanto o último não recebe um pedacinho que seja, não sossega nem se serve a velhinha que tem o encargo de distribuir os bolinhos.

"A propósito da nacionalidade dos *deçanas* de Cuiú-Cuiú, relatou-me um dos mais velhos:

"Antigamente, tudo era Brasil: o Papuri todo até Itim-Igarapé, o varadouro para o Uaupés e Jurupari-Cachoeira. Nada era Colômbia. Eu já era homem, quando apareceram aqui os padres dizendo que esta costa do Papuri era da Colômbia."

"...Depois do almoço, outra volta pela aldeia; a vista de um canavial e um engenho rústico sugeriram-nos o fabrico de rapaduras. Os *deçanas* não sabiam fazê-las. Alcides Rocha se encarregou de ferver a garapa, numa panela de *tauapixuna*, tomar o ponto e enformar o melado, sob as vistas de uma dúzia de *cunhãs* radiantes de curiosidade e satisfação. Mateus, um de nossos remeiros, explicava a um grupo, com pormenores muito ao vivo, na gíria deçana, o modo de conservar as rapaduras, envoltas em folhas de bananeira, como aprendera com o Sr. Rocha."

*

Das bem ponderadas observações do coronel Temístocles destacarei, em primeira plana, as notas antropológicas e etnográficas que abrangem todas as tribos dos numerosos *clãs*, que visitou demoradamente, no oeste amazônico.

Em todos os tipos estudados acentua o explorador que não se encontra nenhum de beleza plástica e todos apresentam pouco diferenciados os caracteres físicos de maior evidência, como a altura mediana; a estrutura muscular proporcionada ao porte; cabelos lisos; tez escura; cabeça que oscila entre a braquicefalia e a dolicocefalia, aproximando-se mais daquela do que desta; as mulheres sempre de menor porte, porém robustas e mais bem nutridas que os homens, entre os quais é difícil encontrar-se um indivíduo adiposo; em geral todos feios e que decaem rapidamente com a idade.

Todavia, cumpre-me observar que, em contradição à fealdade apontada, as fotografias que aparecem no opúsculo *Íncolas-Selvícolas* desmentem uma tão categórica afirmativa do próprio autor, especialmente a que ali figura entre páginas 64 e 65, apresentando uma índia que repousa artisticamente reclinada em sua rede e que tem o seguinte título: "Jovem índia *cobeua*, no interior da maloca – Foz do rio Querari – 1933". A atitude poética, a fisionomia risonha e simpática, a doçura encantadora do seu olhar, mais parecem as de uma ariana supercivilizada e *granfiníssima*...

São do mesmo autor estas observações:

"...Os índios, regra geral, são ponderados e notavelmente calmos... Notável é a jovialidade com que se apresentam: estão sempre alegres e bem dispostos. Onde se acham dois índios, está a ale-

gria: riem a propósito de tudo, o que talvez tenha dado motivo a que alguns exploradores os tenham comparado a eternas crianças!"

Entre os selvícolas da zona noroeste brasileira, fronteiriça com a Colômbia, anotou Temístocles a existência duma organização social interessante, a que denominou *diferencial*, pela forma elementar que apresenta e que, aliás, não é peculiar somente a eles, pois que também a assinalam os etnógrafos entre os indígenas da Austrália, constituindo uma fase inicial, anterior à do estabelecimento das tribos governadas por um chefe único."

O estudo de tais grupos ditou-lhe os seguintes apontamentos:

"...A família é aqui constituída tendo por base a monogamia.

"O casamento ou o acasalamento é feito pelo rapto, do qual têm prévio conhecimento os pais dos nubentes, dando-se até casos bastante curiosos do pai do candidato raptar a pretendida para o filho. Esse rapto e acasalamento têm para eles a mesma força de ligação e compromissos que o casamento para os civilizados.

"As ligações são perfeitas e os casais bem constituídos, notando-se perfeita harmonia nas famílias com recíproca fidelidade.

"Não deve ser isto de estranhar, pois são elas constituídas pelos únicos e legítimos laços que mantêm a família, os laços do coração.

"Marido e mulher raramente se separam, tomando as mulheres parte em todos os labores do marido, nas caçadas e pescarias, na plantação das incipientes roças de mandioca, nas viagens e nos passeios.

"São carinhosos para com os filhos, que se criam na mais ampla liberdade.

"Em geral os índios de um *clã* não casam com mulheres do mesmo *clã*, constituindo isto uma regra geral tradicional, que põe os indivíduos em relativa defesa contra os cruzamentos consanguíneos, em benefício do tipo étnico.

"Qualquer indivíduo ao chegar à maloca de outros é recebido como do grupo e de tudo participa, tem casa e comida.

"Nas festas, espécies de bailes a que chamam *caxiris*, todos contribuem com alimentos e bebidas. São muito atenciosos uns para com os outros e muito corteses.

"Ao chegar um conviva a uma festa, depois de se acomodar, recebe os cumprimentos dos presentes, um de cada vez, homens e mulheres, que o saudam delicadamente.

"A atenção e respeito de uns pelos outros verifica-se mesmo na conversa. Um índio diz para outro, em conversa:

" – Ontem à tarde uma canoa virou na cachoeira e o canoeiro morreu afogado.

"(Faz uma pausa.) O interlocutor responde:

" – Eu sei, porque você está me dizendo, que ontem à tarde, etc., repete a afirmativa.

"Em seguida, o outro continua:

" – O cadáver não foi encontrado porque o rio levou.

"(Pausa) Diz-lhe o outro:

" – Estou sabendo porque você está me dizendo, etc.

"E assim prosseguem, sem descurarem essa reverência de declararem ter tudo como verdade.

"As conversações são portanto de pequeno rendimento e afastam as possibilidades de disputas.

"As festas ou *caxiris* são muito concorridos e para eles adornam-se os homens com penas de aves, plumas e bugigangas a que chamam *acangataras* e às quais dispensam carinho especial.

"Pinturas exquisitas adornam o corpo e no preparo dessa indumentária empregam muito tempo, auxiliando-se uns aos outros, como se vê nas fotografias anexas.

"As mulheres limitam-se à pintura, com traçados exquisitos que lhes dão aparências as mais variadas. Os espelhos e os pentes são dos objetos mais apreciados que lhes fornecem os civilizados.

"O *caxiri* é uma das bebidas que mais usam, e é feito de mandioca, ou milho, ou pupunha (fruto farináceo da palmeira *Guilielma utilis*, rico em amido), que amassados com água, fornecem uma água de amido facilmente fermentecível, ácida a princípio e alcoólica em seguida.

"Em começo de fermentação é refrigerante e agradável, depois torna-se embriagante pelo aumento do título de álcool.

"Fazem nas festas largo uso dessa bebida, havendo sempre um encarregado de servir os convivas em cuias de capacidade de cerca de um litro.

"O *caapi* é outra bebida mais parcimoniosamente empregada. É o infuso da *Banesteria caapi*, planta sarmentosa a que chamam *caapi*, que possui um alcaloide entorpecente, a *banesterina*, que produz embriaguez semelhante à do ópio e à do cactus *peiotl*, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O *caapi* é servido em pequenas cuias como xícaras e não é aceito por todos os índios.

"Em geral os bailes duram enquanto existe bebida, que é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante e em cochos de madeira.

"As danças são para os homens, moderadamente movimentadas pelo som da música simples e monótona, havendo alguns motivos musicais bastante interessantes.

"As mulheres só ocasionalmente nelas tomam parte, segurando-se à cintura dos cavalheiros, quando já em andamento a marcha.

"Todas as danças são acompanhadas de cantos de motivos simples referentes à Natureza.

"O *Jurupari* é uma das marcas dos *caxiris*.

"Os instrumentos de música para esta dança são um jogo de dez buzinas feitas de haste de palmeira com pavilhão de talas. De tamanhos diferentes, produzem uma música soturna, porém suportável. Antes de iniciar a marcha são retiradas as mulheres e crianças para a mata, bem ao longe, porque lhes é vedado conhecerem o *Jurupari*."

Há ainda no opúsculo do cel. Temístocles um capítulo digno de aqui figurar e é o que ele intitulou: "A astronomia entre os índios", no fim do qual refere, a propósito, a lenda de Jaci (*Lua*, em legítimo tupi-guarani). Transcrevo, na íntegra, o interessante capítulo:

"Não será, decerto, motivo para risos e mofas dizermos que esses índios têm a sua astronomia, que além de idealista é utilitária.

"Um leigo que percorra a lista da nomenclatura das constelações estelares, tais como a nossa sapiência científica a formou e mantém, ficará admirado e a comparará talvez a um zoológico ou, quem sabe, se a um museu, pois de mistura com animais figuram nomes de variados objetos.

"Pois bem, o índio primitivo seguiu a mesma marcha na sua rudimentar nomenclatura celeste: batizou com nomes de animais e objetos os grupamentos estelares que o impressionaram.

"Conseguimos identificar algumas constelações.

"A nossa Grande Ursa ou Ursa Maior, constelação polar, do Norte, que é visível na latitude em que vivem, é para os índios *Jauareté* (onça).

"As Plêiades da constelação Taurus (Touro) são chamadas: *Siuci,* que é seguida de *Muquentaua* (jirau para fazer moqueado) que lhe pertence e é constituído pelas estrelas de Taurus que formam um *A.*

"Diz a lenda que, quando Muquentaua aparece no nascente, de madrugada, pelas 4 horas, ao raiar do dia, mês de novembro, é necessário que homens, mulheres e crianças cheguem à beira

do rio para o banho e pronunciem esta súplica: *"Siuci, Siuci Ita ce anga ce ceté santá."* (Que a minha alma e meu corpo fiquem fortes e duros como a pedra por muito tempo).

"Aqueles que deixarem de fazer anualmente esta prática ficarão fracos e não durarão muito.

"Siuci é a dona de Muquentaua que nele moqueia as pessoas que não tomam o banho indicado. Abaixo de Muquentaua vem *Ararapari* que é a bela constelação de Orionis (Órion).

"A constelação Scorpio (Escorpião) é chamada *Boiauaçu,* cobra grande, que engoliu um ovo de arara, *Ararassopiá,* que é representado pela estrela *Antares,* alfa da constelação, e ficou preso na garganta...

"Quando a cabeça de Boiauaçu desaparece no poente, ao pôr do sol, dá-se a enchente dos rios, o que tem lugar pelo mês de novembro: é o *boiauaçu iuquicé* ou enchente de boiauaçu.

"Antes de Boiauaçu fica o *Tatu*, que é a constelação Corvus (Corvo), pequena cruz com 5 estrelas, que quando se deita ao escurecer, pelo mês de setembro, determina muito grande enchente, que como o tatu, animal, escava as barrancas dos rios e corrói os terreiros das moradas. A enchente de Boiauaçu vai até o Siuci deitar-se ao pôr do sol (mês de abril). Marcam assim o período da cheia dos rios, cuja aproximação acompanham no céu pela posição das constelações.

"Pela cheia de Tatu é a época da piracema, da subida do peixe águas acima. Por essa ocasião as águas enchem os igarapés, tornam-se estacionárias: é a época de azáfama das pescarias ao timbó e aos *cacuris*, armadilhas de varas para pegar peixes, que são montadas desde que Siuci anuncia as primeiras águas.

"Todo o *clã* movimenta-se, interna-se pelos igarapés, na faina da colhida do alimento.

"Pegados os peixes envenenados pela goma do timbó nas águas paradas, são eles moqueados, isto é, expostos ao calor e à fumaça em cima de jiraus de varas (muquentaua) até ficarem completamente secos e negros pelo fumo.

"E a provisão para o período de carência é a conserva de peixe, de sabor detestável.

"*Juarauá,* o peixe-boi, é a nossa constelação *Crucis,* o Cruzeiro do Sul, que é perseguido por dois *Puracaçaras,* pescadores que são as duas grandes estrelas *alfa* e *beta* do Centauro, que ficam ao ocidente e próximo ao Cruzeiro.

"Uma descoberta interessante fiz inesperadamente.

"Um tuxaua pediu-me para explicar os elementos das armas da República que, em placa de bronze, estava colocada num marco divisório do nosso território com o colombiano.

"Tudo foi explicado e entendido; ao chegar, porém, ao pedaço de céu que tem ao centro, figurando o Cruzeiro do Sul, não havia meio de fazê-lo conhecer a constelação, quando lembrei-me da denominação pela qual eles a conheciam: *juarauá* (peixe-boi).

"Compreendeu então rapidamente o tuxaua e ficou descoberto que o peixe-boi está no meio das armas da República, cercado pelos tradicionais café e fumo, todos, riquezas decaídas para penúria da nação, sobrando somente as estrelas como a esperança e o sabre como a garantia!

"O *Camarão* é constelação sem finalidade prática, é constituído pelo *Lupus* (Lobo) e parte do *Centaurus* que lhe fica próximo, formando as maiores estrelas uma figura parecida a um escorpião, sendo as estrelas de Lupus as garras.

"Junto ao *Camarão* fica *Jacundá* (uma espécie de peixe) formado de estrelas pequenas.

"*Jaci* é a lua; *jaci-peçaçu,* lua nova; *jaci-suaçu,* lua cheia; *jaci-pirera*, lua minguante (*pirera* significa *resto*).

"Explicam, numa lenda, que Jaci era moça bonita e vivia na maloca em companhia de uma irmã casada.

Um atrevido, que era o cunhado, horas mortas da noite, no escuro da habitação, ia mexer com a donzela, sem que ela pudesse descobrir quem era. Preparou, então, uma cuia de tinta de jenipapo e colocou ao alcance da sua rede para com ela marcar o ousado.

"Acontece porém que o cunhado, ao aproximar-se, tateando, meteu a mão na tinta e quando passou no rosto da virgem, manchou-o de preto. Por isso a lua tem a face manchada de preto...

"Deve ser poético para eles o idealismo da lenda."

*

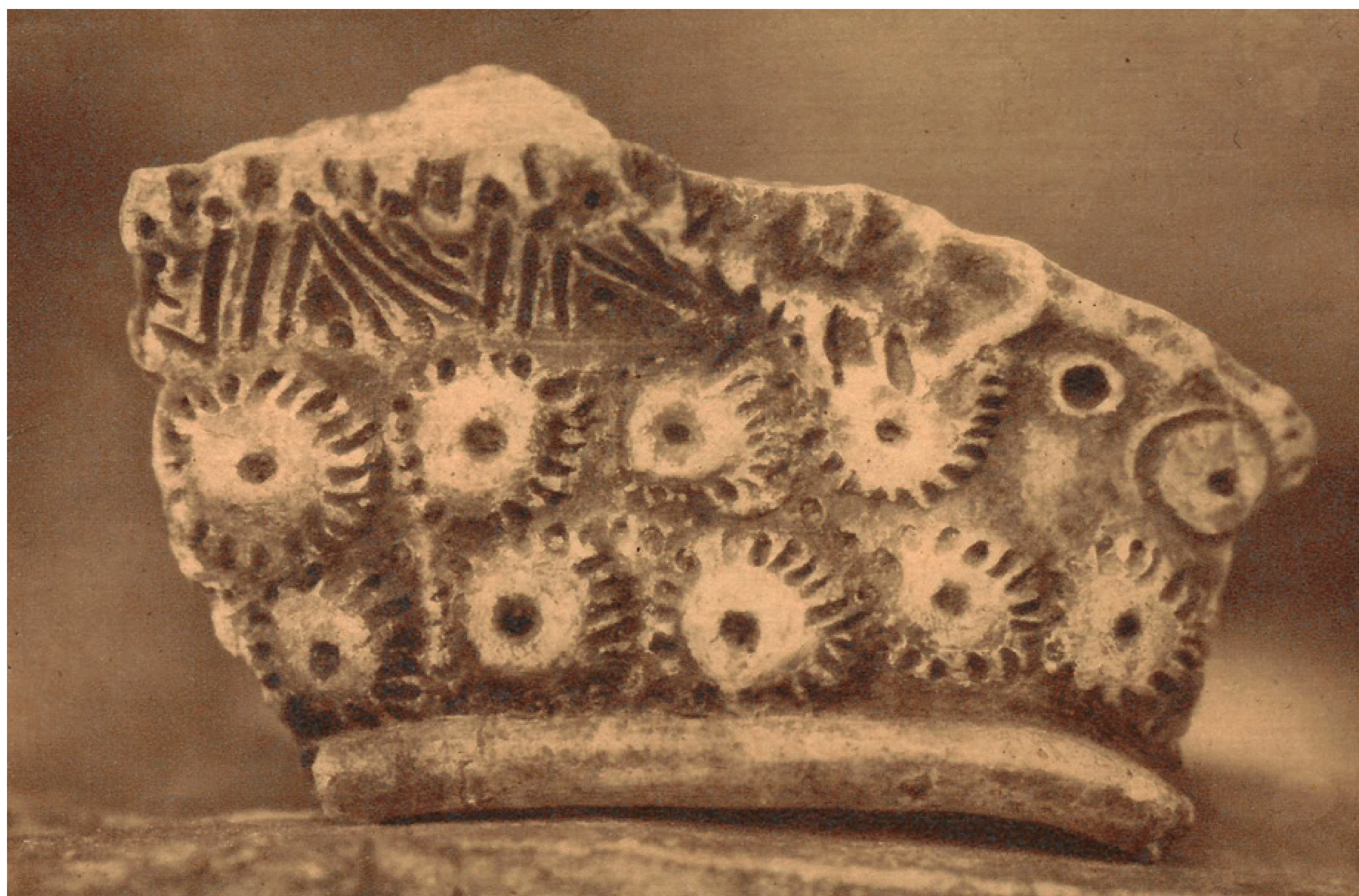
CONCLUSÃO

Se considerarmos agora, em conjunto, a obra realizada pelo general Rondon, em benefício da população aborígine do território que ele vem abrindo à atividade fecunda da nossa civilização, veremos que essa obra representa o resultado dum esforço, mais grandioso e mais admirável do que tudo quanto nesse mesmo gênero se tem feito na nossa pátria, e provavelmente no resto da América. Porque essa obra, toda de paz, de conciliação e de bondade, abrange inúmeros povos diferentes, cada qual ocupando um lugar distinto na escala da evolução das sociedades, nitidamente separadas umas das outras, pelos costumes, idiomas e ritos, todas guerreando-se mutuamente e havendo, em algumas delas, outras guerras intestinas; várias que nos tinham por inimigos tradicionais e intratáveis; e outras de que nem suspeitávamos a existência.

Usando, só e exclusivamente, do altruísmo, como força política, Rondon conseguiu deter a marcha assoladora de injustiças seculares; reerguer, desses povos, os que já tinham entrado na fase da agonia, que precede à extinção total; aplacar ódios exterminadores; debelar prevenções oriundas de diferenças de raças, de línguas e de crenças; numa palavra, desbravar a formidável floresta de más paixões que o egoísmo acende nos corações dos homens, transformando-os em inimigos cruéis e rancorosos uns dos outros. E tirando do fundo da sua própria alma os materiais com que havia de construir a grandiosa trama da sociabilidade brasileira, entrevista e desejada por José Bonifácio, Rondon ligou esses povos entre si pelos laços da amizade e religou-os ainda mais fortemente, pelos liames indissolúveis da gratidão, ao sagrado altar da pátria e da humanidade.

C. N. P. I. – Rio, 4 de outubro, 1945.
Amilcar Armando Botelho de Magalhães.
Coronel secretário do C. N. P. I.

A cerâmica da tribo uaboí
rios Trombetas e Jamundá



975 – Fragmento de vaso procedente da tapera de Anjos, na foz do igarapé deste nome, afluente do lago Sapucuá. A decoração estelar que aí se apresenta é um caso único, segundo as observações do explorador, na decoração cerâmica dos uabois.

Foto Dr. B. Rondon

Em 18 de setembro de 1928, na subida do rio Trombetas, em demanda do Cuminá, confiou o gen. Rondon ao Sr. João Barbosa de Faria a interessante missão de estudar os índios que habitam o vale dos rios Trombetas e Cachorro. O resultado destes exames, que o levaram à presença dos índios caxiuanás, que se diziam remanescentes da antiga tribo dos pauxis, levou-o a examinar as taperas da tribo extinta dos uabois, assinaladas invariavelmente por numerosos fragmentos de cerâmica, restos de vasos e esculturas, por ele encontrados naquela zona.



976 – Fragmento de um vaso.
Sta Maria, rio Trombetas.
Foto Dr. B. Rondon



*977 – A ornamentação no rio Trombetas consiste em motivos geométricos, restritos, porém, aos ritmos retilíneos elementares, sendo todo lavor cinzelado, em alto ou baixo-relevo, com exclusão absoluta de representações picturais. Não se encontram aí elementos curvilíneos, nem linhas interceptadas ou cruzadas.**

* João Barbosa de Faria. *A cerâmica da tribo Uaboí dos rios Trombetas e Jamundá.*



*978 – Adorno de vaso. Sta Maria.
Rio Trombetas.*



979 – Esta peça arqueológica na originalidade da cruz dos uabóis é um fragmento de vaso achado na tapera do lugar denominado Coqueiros, no lago de Sapucuá.

Fotos Dr. B. Rondon



980 – Nos estudos dos americanistas colombianos, o doutorando João Barbosa de Faria, infelizmente, não encontrou elementos para identificar esta e as seguintes esculturas grotescas.



981 – Figura grotesca. Coqueiros no lago Sapucuá. O caráter exótico da civilização dos uabois afasta em absoluto a ideia de qualquer parentesco entre este povo e as tribos autóctones brasileiras. Nos próprios símbolos e concepções configuradas na cerâmica transparecem ideias e um estilo muito peculiar à escultura pré-histórica andina.

Fotos Dr. B. Rondon



*982 – Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá. Possivelmente representam as figuras grotescas, Bochica, Icadanza, Chaquén e mesmo Formagata, os gênios do mal.**

* João Barbosa de Faria. *A cerâmica da tribo Uaboí, dos rios Trombetas e Jamundá.*



983 – Também para esta escultura faltam os elementos de identificação.

Fotos Dr. B. Rondon



984 – Perfil da cerâmica abaixo.



985 – Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá.

Fotos Dr. B. Rondon



986 – Cabeça de uma ave de rapina, animal sagrado. Segundo o Prof. Posnando (página 31), "a representação do condor simbolizou no culto de Tiahuanacu, o receptor da luz e do calor solar."



*987 – Batráquio (Totem). A rã, outra figura sagrada, simbolizava a água no território dos chibchas. Os índios se serviam destas representações à maneira de amuleto ou como oferenda à divindade.**

Fotos Dr. B. Rondon

* Extraído de Julio C. Salas. *Etnología y Historia de Tierra Firme,* pág. 92, em obra cit. pág. 16.



*988 – Esta figura parece ser concernente à astrolatria. Estampa-se uma escultura da Lua (Chia) esposa do Sol (Sua) segundo os chibchas.**

* Julio C. Salas. *Op. cit.,* pág. 285, cit. em João Barbosa de Faria.



*989 – A escultura foi encontrada na ilha Paru, situada no lago do mesmo nome. Interpreto-a como representação do deus Foo, símbolo da raposa. Os chibchas consagravam-na aos esportes e diversões de toda ordem e ofertavam-lhe penas coloridas. ***

Fotos Dr. B. Rondon

** João Barbosa de Faria. *Ob. cit.,* pág. 17.



990 – Ídolo fálico. Segundo João Barbosa de Faria é de presumir que seja fragmento da tampa da urna cinerária, págs. 37-39. A peça foi encontrada no mesmo sítio em que se achou a urna na ilha de São João.



991 – Frente do mesmo ídolo fálico.

Fotos Dr. B. Rondon.



992 – Cachimbos zoomorfos (seres humanos). Ilha de São João.



993 – Ídolo e cachimbo. Baixo Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon.



994 – Chocalho para crianças.



995 – Ídolos moldados em cachimbos. Ilha de São João ou Botoa.
Foto Dr. B. Rondon



996 – Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá



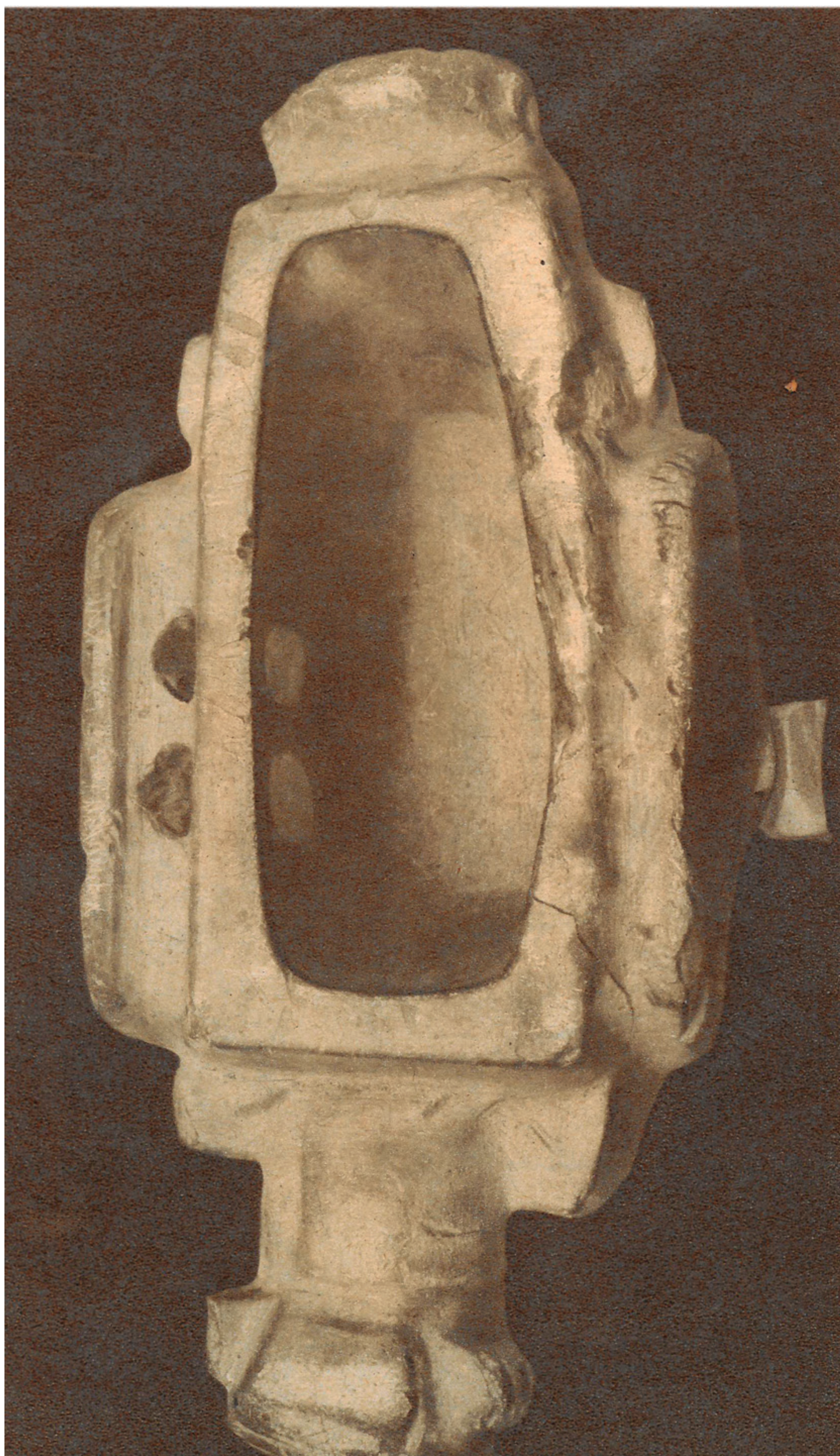
997 – De permeio com as peças de barro, encontravam-se, outrora, nas estações cerâmicas da zona do Trombetas e do Jamundá, os chamados muiraquitãs pauraquitãs, delicadas esculturas em nefrite e jadeíte, que foram amuletos de alto valor estimativo, venerados pelos índios. Faro, rio Jamundá.

Fotos Dr. B. Rondon



998 – Urna cinerária, autêntica preciosidade arqueológica oferecida ao general Rondon pelo Dr. João Henrique Diniz, que, em carta dirigida à Inspeção da Fronteira, declarou terem-na achado trabalhadores seus, sob ligeira camada de terra aluvional na ilha de São João ou Botoa, sita no baixo Trombetas.

Foto Dr. B. Rondon



999 – Face superior da mesma cerâmica antiga, indígena.
Foto Dr. B. Rondon

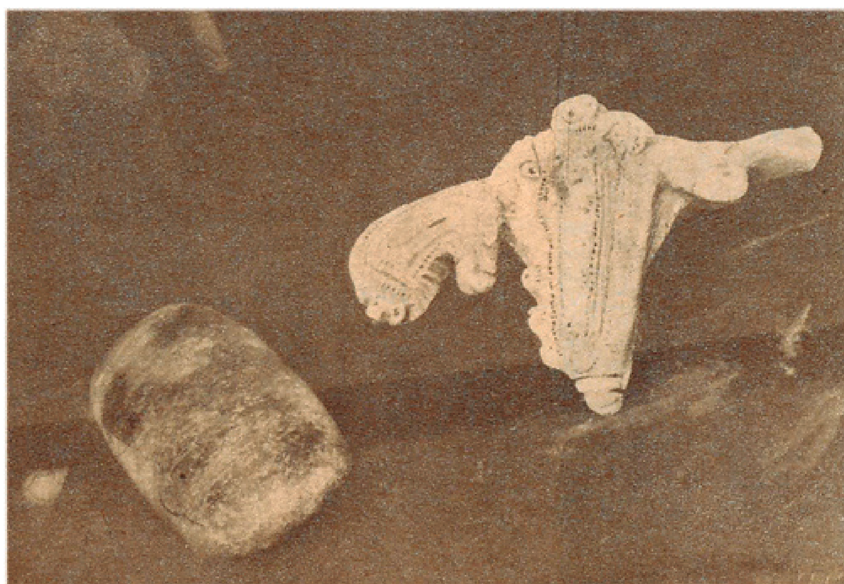


1000 – Nas faces extremas da mesma urna acham--se duas outras esculturas de cabeças: de um lado, uma figura simiesca; e



1001 – de outro lado, a estatueta de um homem sentado.

Fotos Dr. B. Rondon



1002 – Na cidade de Óbidos têm-se encontrado fragmentos de vasos de belo valor artístico. Trata-se, porém, de cerâmica procedente do rio Trombetas, o que revela pelo estilo e manufatura que lhe são próprios.

1003 – A matéria-prima empregada nesta peça é um barro negro de que não se utilizavam os uabois. A própria escultura tem o cunho de uma arte que não é destes índios. É evidentemente o derradeiro despojo de um vaso extraviado de outras tribos. Nesta zona de Poção – Mondongo, há completa ausência de cerâmica.





1004 – Cerâmicas indígenas, obtidas por João Barbosa de Faria, na região dos lagos da barra do rio Trombetas.

Índios pianocotós, tiriós e caianãs
rio Cuminá-Paru



1005 – Vista do Tronco, no rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1006 – Castanheiros em serviço no Tronco, rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon

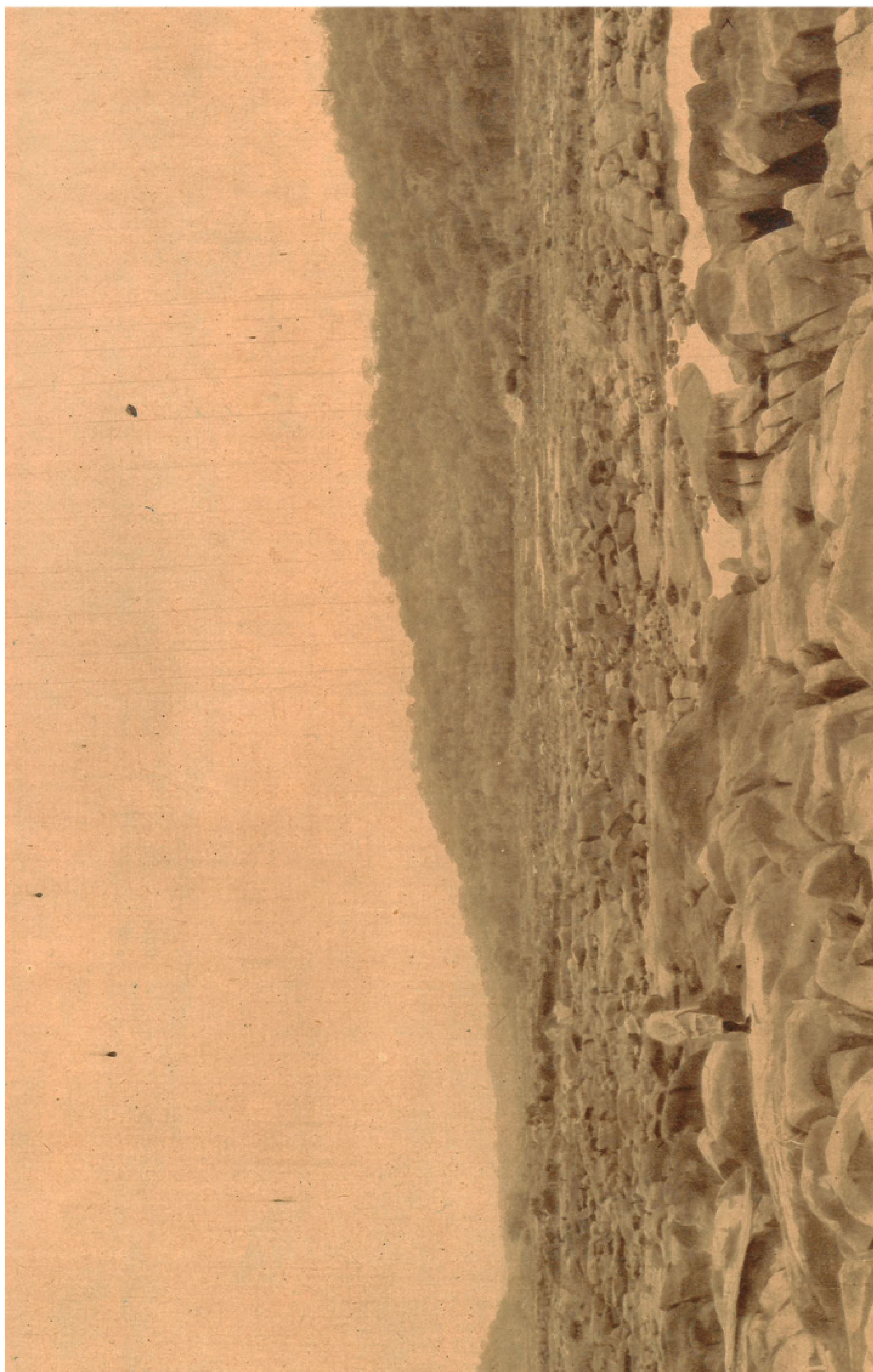


1007 – Cachoeira de Tronco durante a seca, rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1008 – Dez quilômetros acima do Tronco. A cachoeira do Inferno. Esta queda chama-se "Resposta".

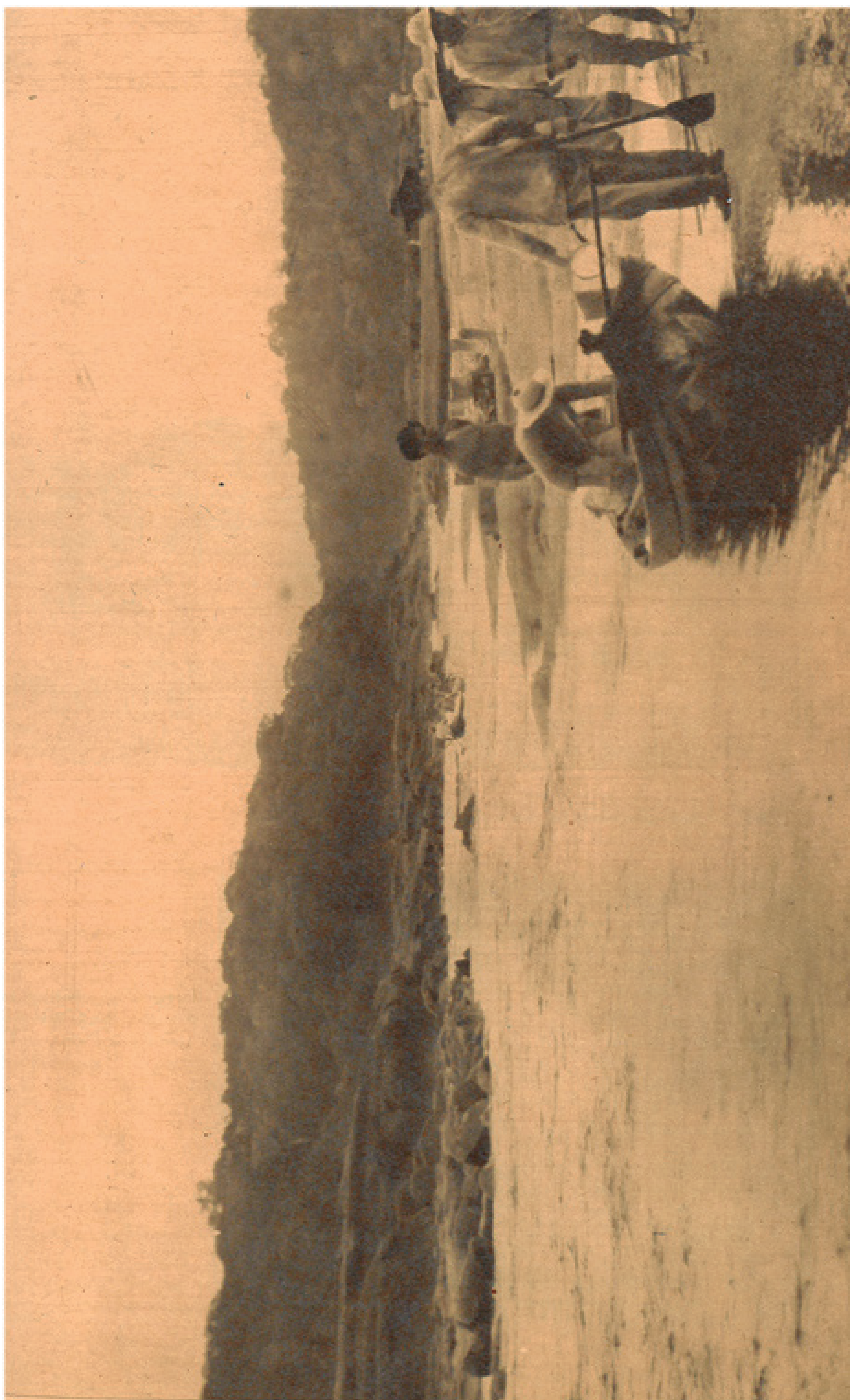
Foto Dr. B. Rondon



1009 – Cachoeira de Quebra-Canela no rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1010 – Cachoeira do Armazém do rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1011 – Corredeiras do Tourino. Rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon

1012 – Acampamento na praia de Tarumã. Rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1013 – Petroglifos de Tarumã. Rio Cuminá.

á.



1014 – Do que parece não restar dúvida é sejam devidos a mão indígena.

Foto Dr. B. Rondon



1015 – Esses petroglifos (itacoatiaras dos silvícolas) são muito frequentes por aqui.



1016 – O arquipélago de Tarumã é cheio desta espécie de arte de talvez séculos atrás.

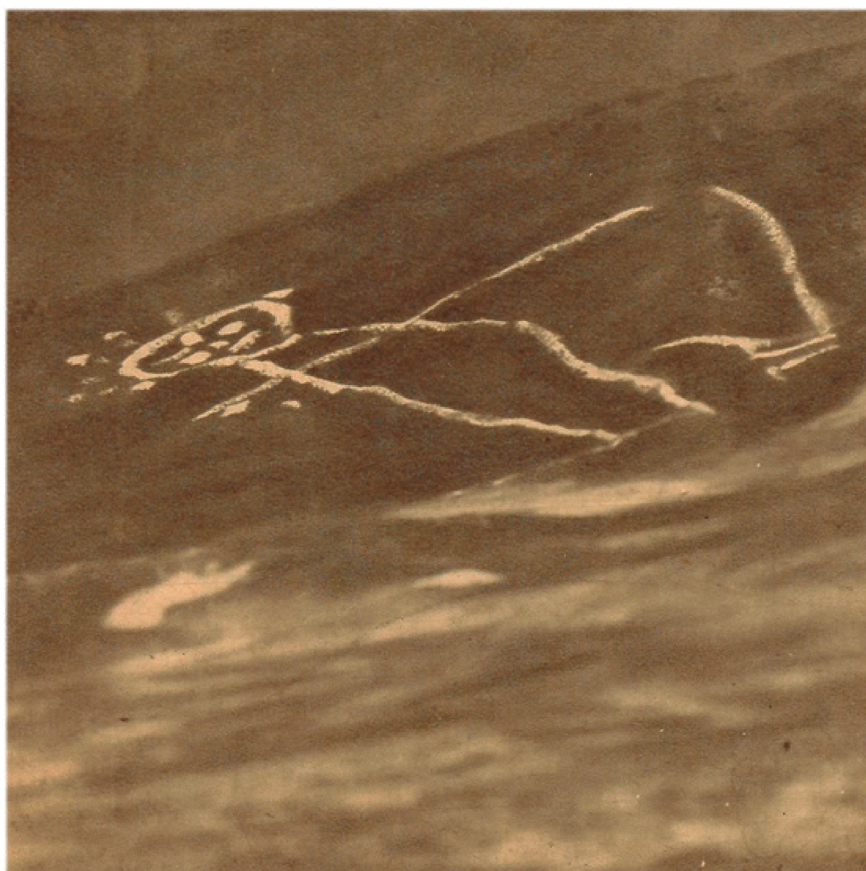
Foto Dr. B. Rondon



1017 – Outra inscrição rupestre de Tarumã. Rio Cuminá.



1018 – Mais uma prova dum artista desconhecido por nós.



1019 – Petroglifos. Rio Cuminá.
Fotos Dr. B. Rondon



1020 – Inscrição rupestre, Tarumã, rio Cuminá.
Fotos Dr. B. Rondon



1021 – Inscrição rupestre de Tarumã, Rio Cuminá.



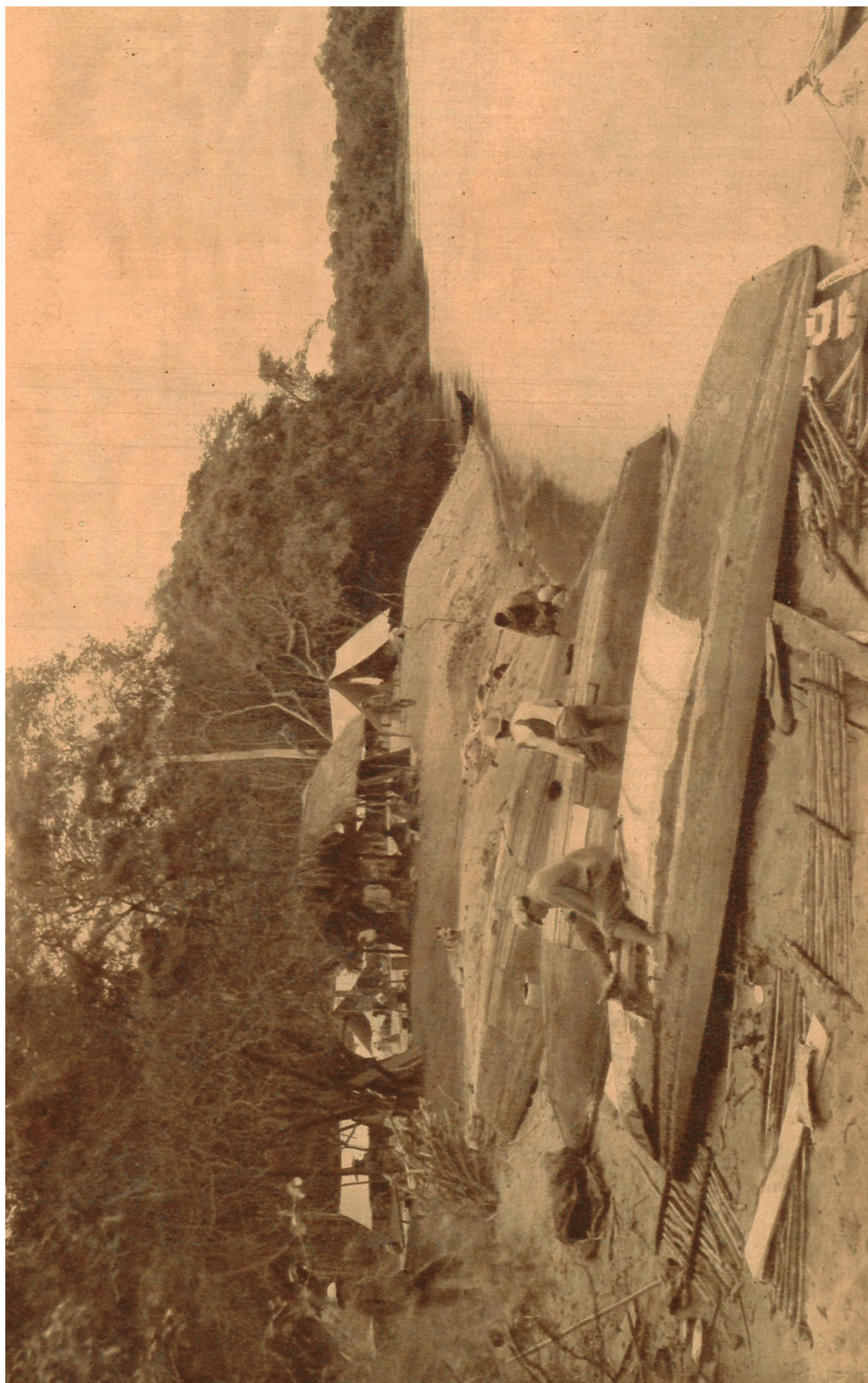
1022 – Petroglifo encontrado na Cachoeira Zoada, rio Cuminá.



1023 – Descarga de canoas na cachoeira Zoada, Rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1024 – Galgando o maior degrau da cachoeira Zoada. Rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1025 – As canoas recebem novo calafeto na ilha Aluini, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



1026 – Cachoeira do Jacaré, rio Cuminá, a segunda da série "Paciência".



1027 – O tombo da cachoeira do Jacaré, rio Cuminá.
Fotos Dr. B. Rondon



1028 – Petroglifo encontrado na cachoeira do Jacaré, Rio Cuminá.
Fotos Dr. B. Rondon



1029 – Inscrições rupestres na cachoeira do Resplendor. Podemos ler entre os petroglifos seculares, o Venit 1887, devido ao Padre Nicolino e logo abaixo na pedra Diniz Avelino 1925, inscrito pela expedição Diniz, igualmente entalhado entre os dois símbolos indígenas.

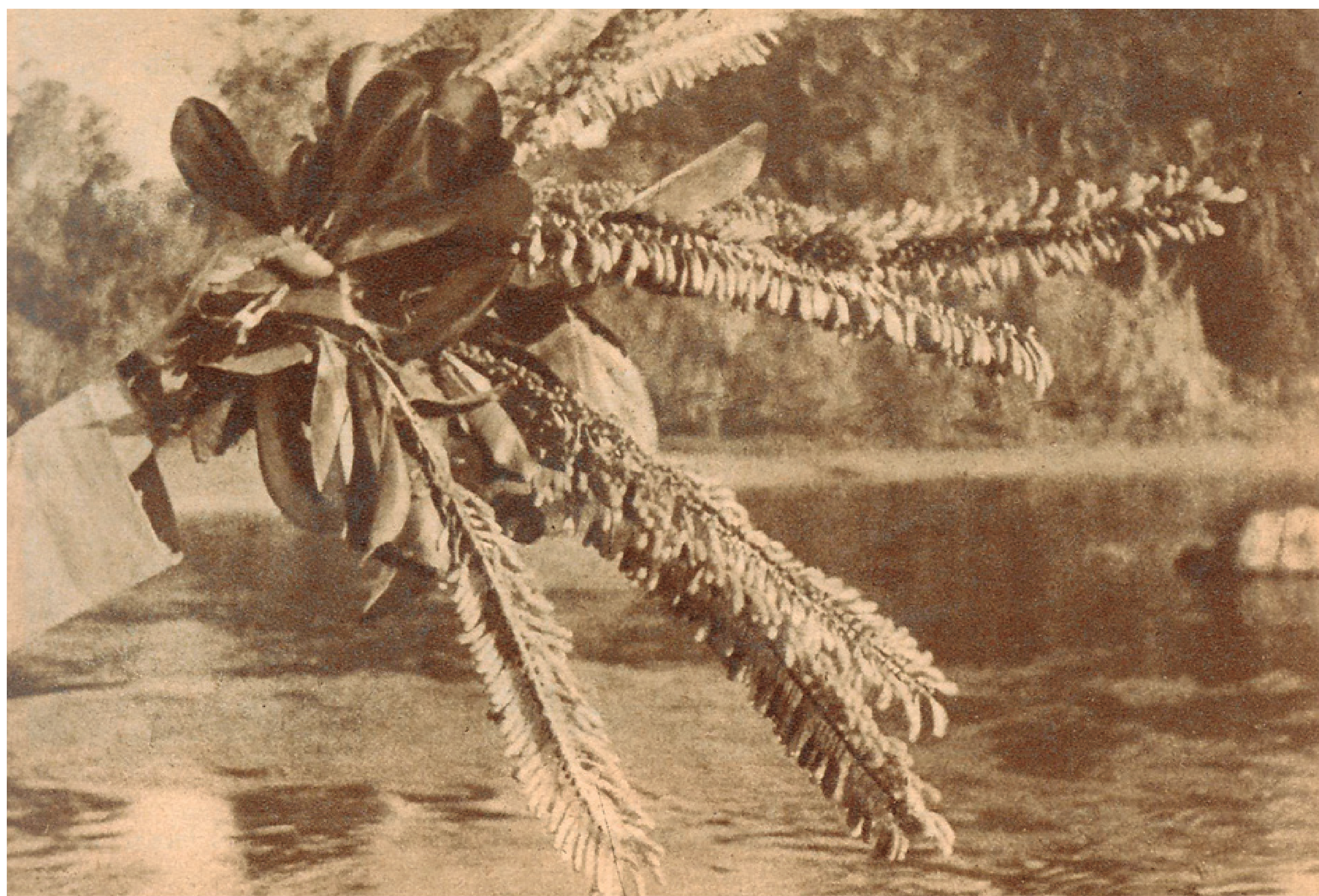


1030 – Cachoeira do Resplendor, a terceira da série "Paciência". Rio Cuminá.

Fotos Dr. B. Rondon



1031 – Árvore da balata (Mimusops Balata). Rio Cuminá.
Foto Dr. B. Rondon



1032 – Raras trepadeiras de cor violeta foram colecionadas pelo botânico.



1033 – E inocentes flores perfumadas de joniparana.
Cine major Tomás Reis.



1034 – As matas são ricas de plantas decorativas.
Cine major Tomás Reis.



1035 – As flores de anonáceas abriam em belos botões cor de creme.
Cine major Tomás Reis.

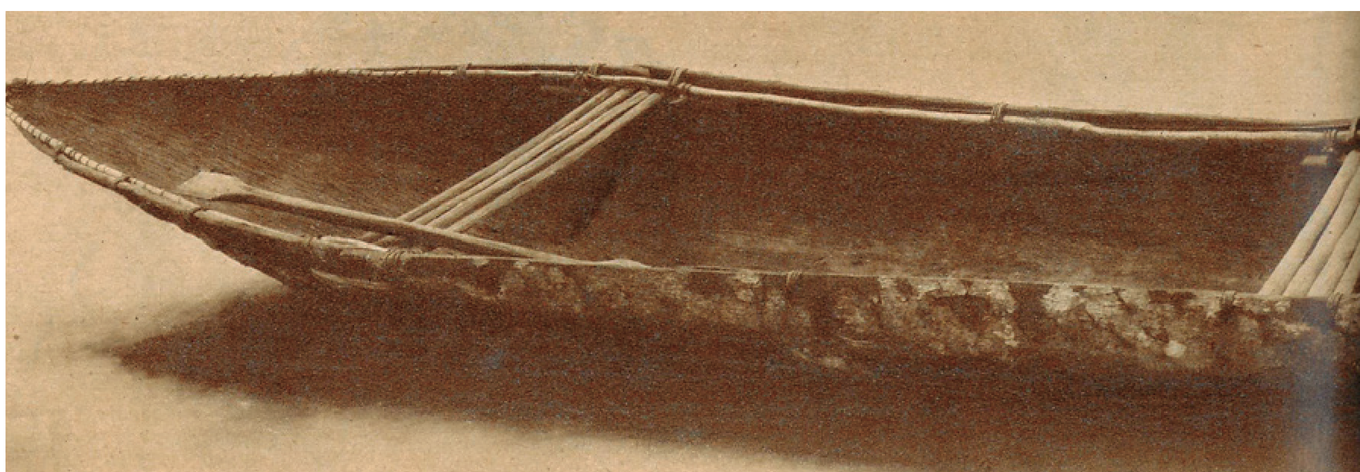


1036 – Pelas ramas marginais pendiam os pentes-de-macaco escarlates. Planta trepadeira.
Cine major Tomás Reis.



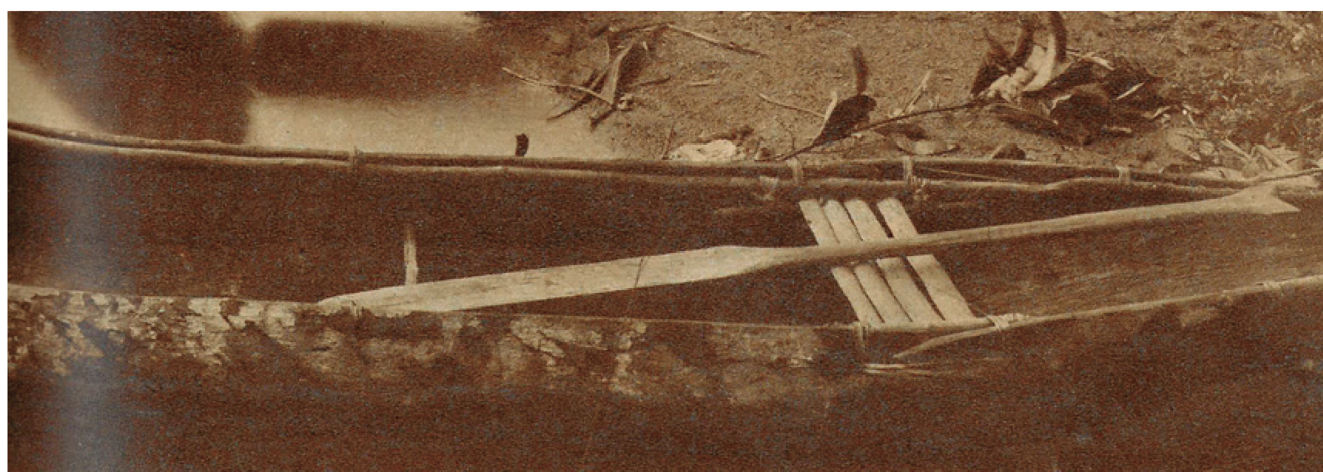
1037 – Um coleóptero interessante, o serrador, cortador de galhos.
Cine major Tomás Reis.

1038 – Cachoeira Grande, fim da série "Paciência". Rio Cuminá.



1039 – Uma surpresa: o primeiro vestígio da existência perto dos índios pianocotós, uma canoa da tribo.

Fotos de Dr. B. Rondon





1040 – Na altura da foz do Marapi ranchos de índios pianocotós. Rio Paru.



1041 – No porto dos índios pianocotós, rio Paru.

Fotos Dr. B. Rondon



1042 – Um símio e um quati aprisionados, que se davam muito bem.
Cine major Tomás Reis



1043 – Um grupo de índios pianocotós, que, espavoridos pela nossa aproximação, internou-se floresta adentro, sem levar os seus animais.



1044 – Aldeia dos índios pianocotós, Maripá, rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon



1045 – Índio pianocotó. Aldeia Maripá no rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon



1046 – O general Rondon entre os índios pianocotós, rio Paru.



1047 – Índios pianocotós com seu novo amigo.



1048 – Índio pianocotó. Rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon



1049 – Tipos de índios pianocotós, rio Paru.



1050 – Bons tipos de índios pianocotós.
Foto Dr. B. Rondon



1051 – Jovem índio Pianocotó. Rio Paru.



1052 – Uma velha índia pianocotó do rio Paru.
Cine Major Tomás Reis



1053 – A índia peneirava a farinha de mandioca no seu baquité de palha.



1054 – Depois limpava a laje quente com um pouco de farinha de mandioca, retirando-a logo em seguida com uma espécie de leque.



1055 – Então começava a assar seu beiju.

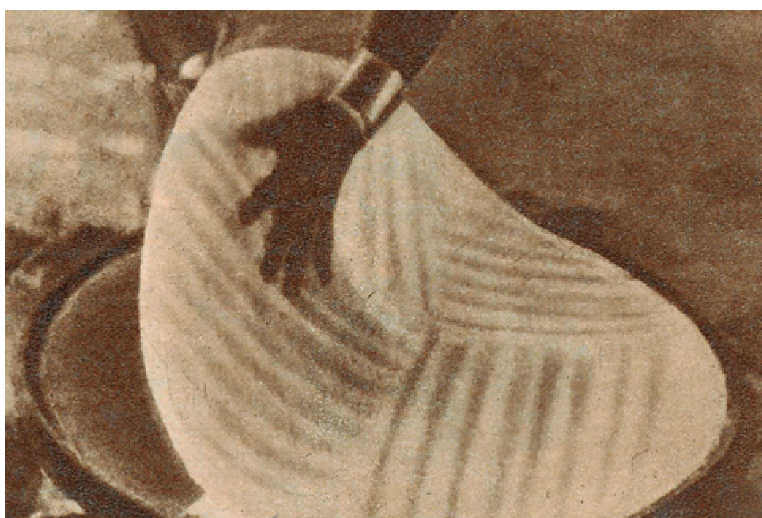
Cine major Tomás Reis



1056 – E não deixou passar a oportunidade de enfeitar o bolo, com um desenho de seu próprio punho.



1057 – Uma boa cozinheira deve assar também o outro lado na laje quente.



1058 – Assim ela vira o seu produto artístico, que não deve ser menos delicioso.



1059 – Um índio pianocotó enfeitando-se a seu modo.



1060 – Ele começa pelos braços.



1061 – Alisando, entre os dedos, pena por pena.

Cine major Tomás Reis



1062 – Depois o nariz recebe o seu enfeite.



1063 – E finalmente, de plumas delicadas e de cor viva, ele coroa a própria cabeça.



1064 – O chefe pianocotó no seu traje festivo.
Cine major Tomás Reis



1065 – Dr. Benjamim Rondon, distribuindo presentes aos índios pianocotós.



1066 – Nesta aldeia o general Rondon recebeu muitos objetos para o Museu Nacional.

Cine major Tomás Reis



1067 – Índios pianocotós. Rio Paru.



1068 – Os índios observam a canoa em sua passagem pelo porto do rio Paru.
Cine major Tomás Reis



1069 – Rio Paru.



1070 – Na cachoeira Paciência pescaram-se traíras, dos poços que eram como viveiros de peixes tal a abundância.

Cine major Tomás Reis



1071 – As traíras eram notáveis, pelo porte de tamanho ainda não visto em outros rios.



1072 – Em menos de meia hora pescaram-se quatorze peixes.

Cine major Tomás Reis



1073 – Pelas margens aningas em flor.



1074 – [Sem legenda. Nota do editor.]

Cine major Tomás Reis



1075 – Muitos dias depois a flora apresentava novos aspectos. Sumarés e piteiras entre cactáceas.
Cine major Tomás Reis



1076 – Os jabutis da região dos campos eram inúmeros.
Cine major Tomás Reis



1077 – Índio tirió. Rio Paru.
Foto Dr. Tomás Reis



1078 – Aldeia velha Ocoimã dos índios tiriós. Rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon

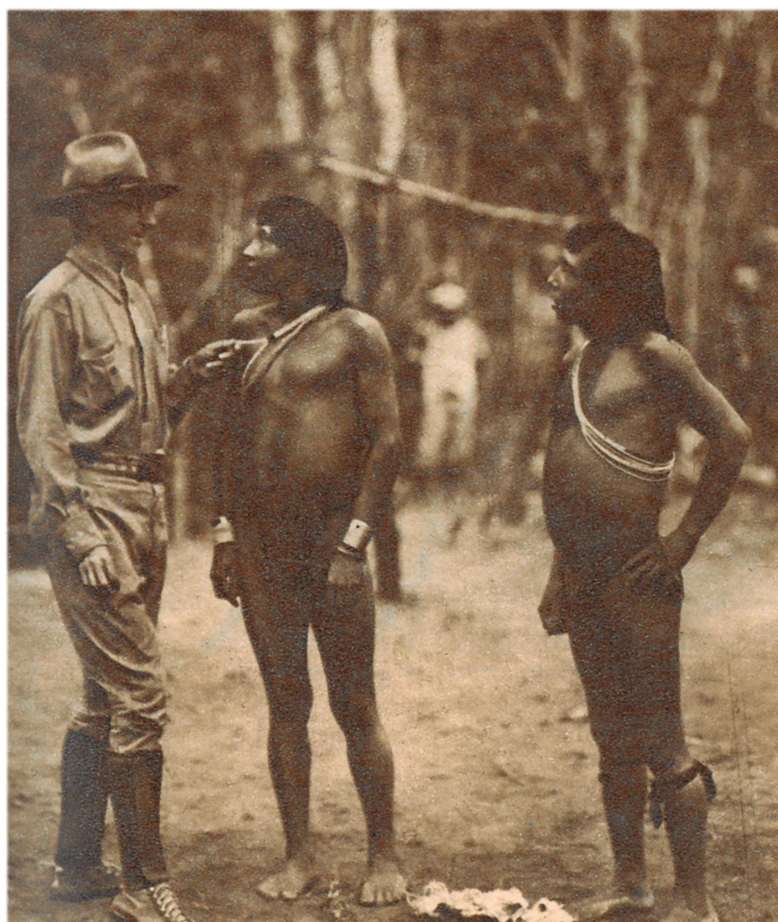


1079 – Tuxaua Pai-Pai dos índios tiriós. Rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon

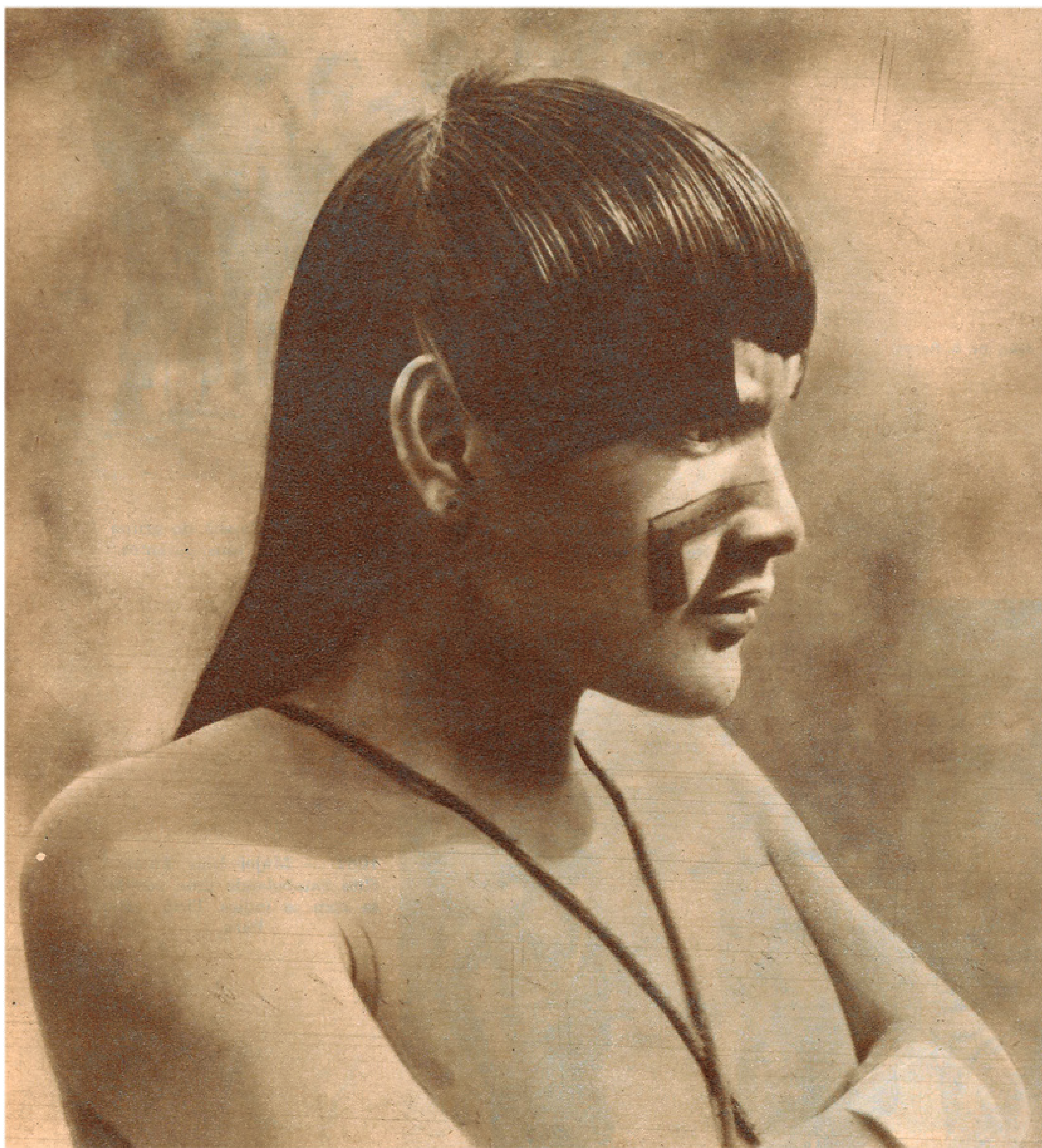


1080 – General Rondon entre os índios tiriós e caianãs do grupo Rangu-Piqui. Rio Paru. Os caianãs em visita aos seus parentes.

Foto Dr. B. Rondon



1081 – Major Luís Tomás Reis entabulando uma conversa com os índios tiriós. Rio Paru.



1082 – Índio tirió. Rio Paru.
Foto Dr. B. Rondon



1083 – O mesmo índio de frente. Rio Paru.



1084 – Coronel Uaianã, índio caianã do rio Parumã, da fronteira com a Guiana francesa, encontrado em visita aos índios tiriós da aldeia Ocoimã no rio Paru.

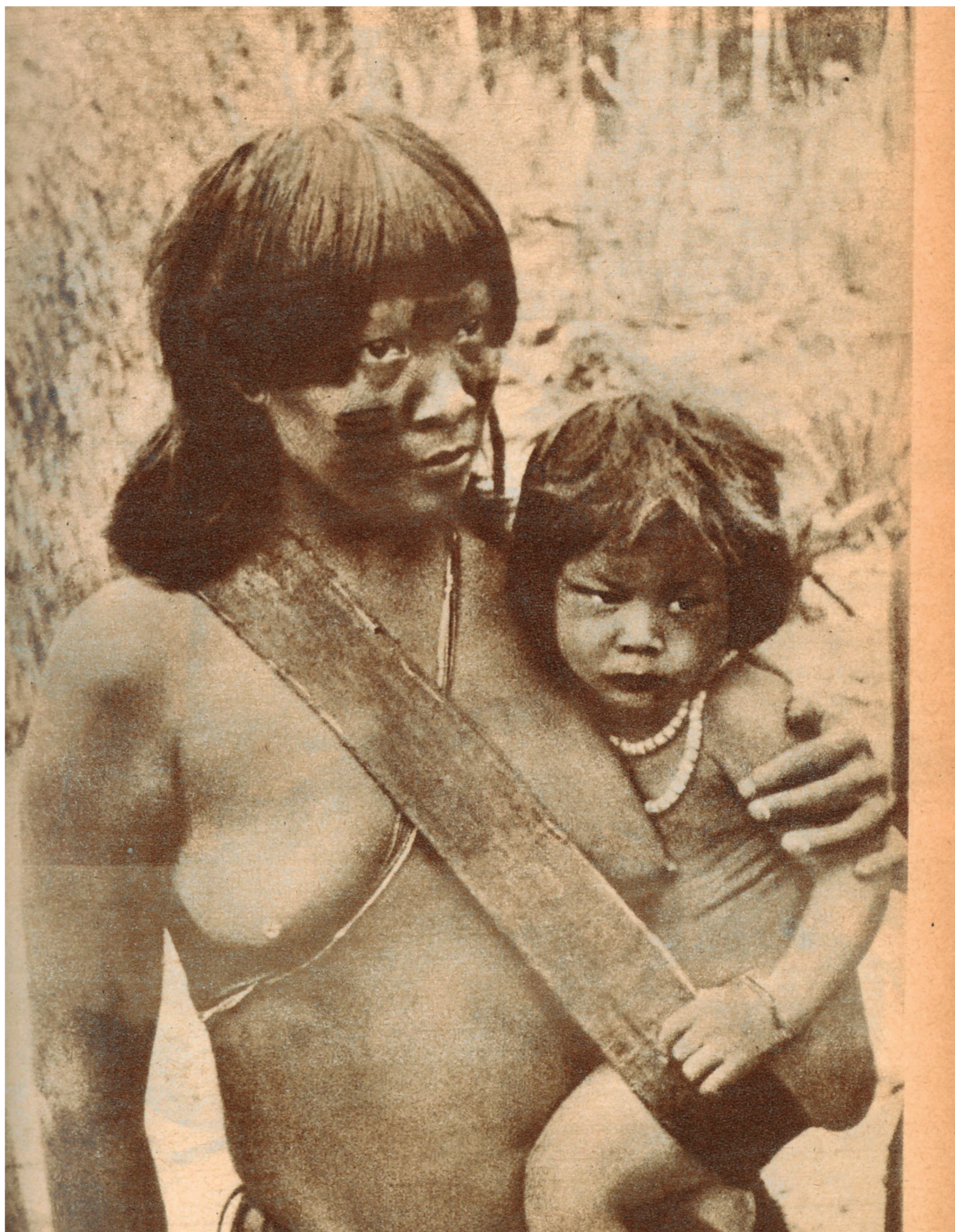


1085 – A mulher do cacique Uaianã pertence também à tribo caianã da fronteira com a Guiana francesa. Ambos sabem falar o idioma francês.

Fotos Dr. B. Rondon.



1086 – Índio tirió, com os outros da tribo, habitante da vertente meridional da cordilheira Tumucumaque.
Fotos Dr. B. Rondon.



1087 – Índia tirió com seu filhinho.
Cine major Tomás Reis



1088 – Índios pianocotós da fronteira Brasil-Guiana holandesa.
Cine major Tomás Reis



1089 – Índias tiriós: a do lado direito, pintada com fortes traços de tinta de jenipapo, caracterizando seu estado de solteira.



1090 – Na aldeia dos tiriós. Rio Paru.



1091 – Índios tiriós e caianãs do grupo Rangu-Piqui.
Cine major Tomás Reis

Os aparaís do rio Jari

Fotos gentilmente cedidas pelo
Sr. cand. phil. Dr. Schulz - Kampfhenkel



1092 – Rio Jari.



1093 – Maloca dos índios aparaís, rio Jari.
Fotos Dr. Schulz-Kampfhenkel



1094 – Dança dos índios aparaís, rio Jari. Pelo uso de panos recebidos dos expedicionários, tem-se a impressão de que estes índios se encontravam em estado de decadência avançada, o que não é verdade e o próprio autor também nega, em absoluto, no seu livro, esta versão.



1095 – Depois de vencida a desconfiança dos aparaís, um grupo escutando a música de um gramofone da Exp. Científica Zoológica Alemã ao rio Jari.



1096 – O índio aparaí, vulgo "Pitomo", o guia. Rio Jari.



1097 – Uma velha da tribo aparaí em palestra. Rio Jari.
Fotos Dr. Schulz-Kampfhenkel



1098 – A índia Ocós da tribo aparaí, rio Jari.

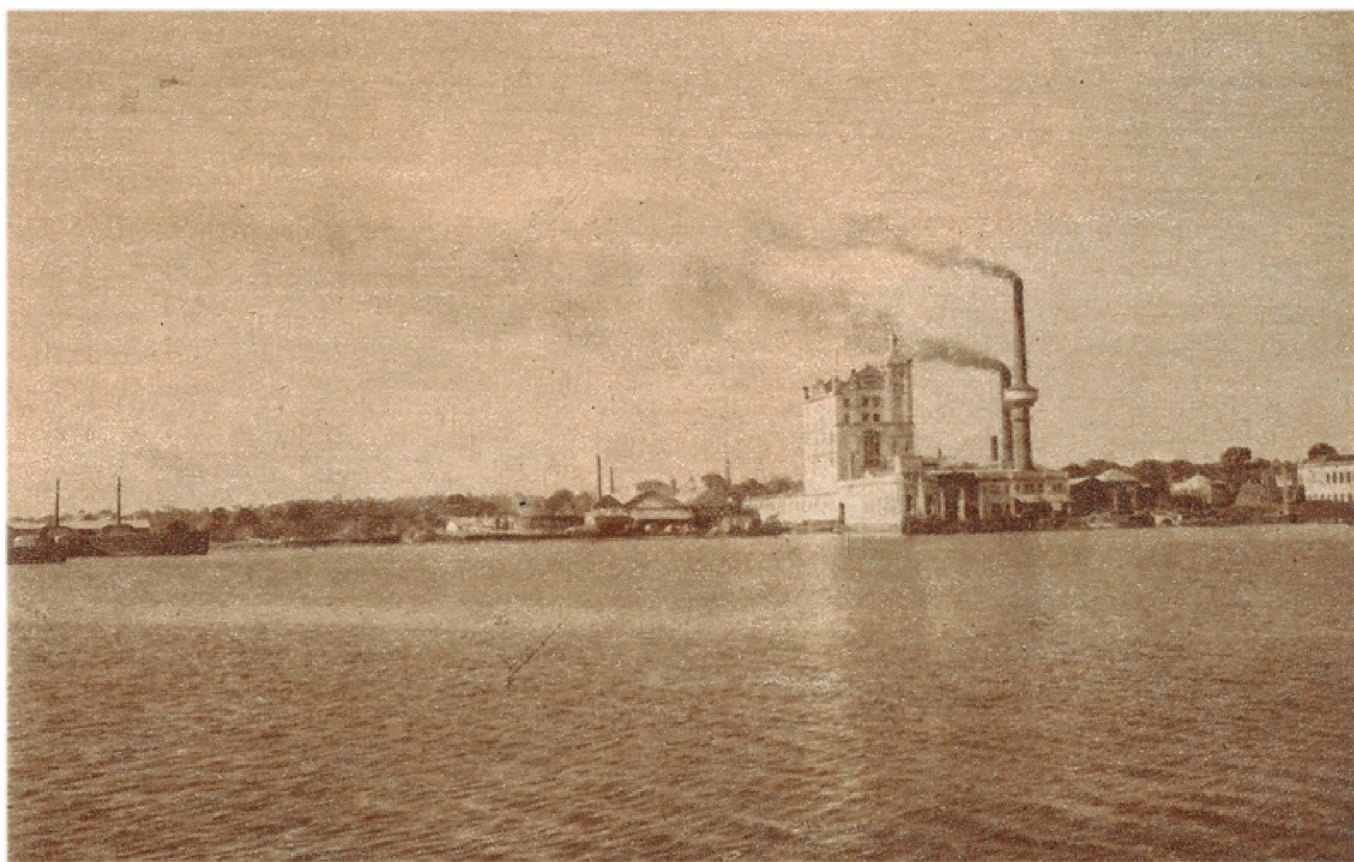


1099 – O tuxaua dos índios aparaís acabando a preparação de uma flecha.

A região do rio Negro e seus índios



1100 – Água e céu, o rio Negro na sua majestade.
Foto Charlotte Rosenbaum



1101 – Porto de Manaus, vendo-se a fábrica de cerveja.



1102 – Muito pitoresco, e de incrível variedade de trechos e aspectos, é o rio Negro um dos mais interessantes rios do mundo.



1103 – Trecho do rio Negro em Tauapicaçu.



1104 – Um momento, entre ilhas, o rio Negro aparece-nos bem diferente e muito menor.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1105 – Durante a enchente, grande parte das margens é inundada. Aqui as palmeiras jauaris mostram bem a luta tremenda da vegetação contra os elementos, água e vento, impressão mais fortificada pelos troncos espinhosos e o verde escuro das folhas...



1106 - ...enquanto as canaraís (na frente) e as açaís, no lado esquerdo, com seu verde-claro e a graciosidade das estipes, alegram as margens do rio Negro.

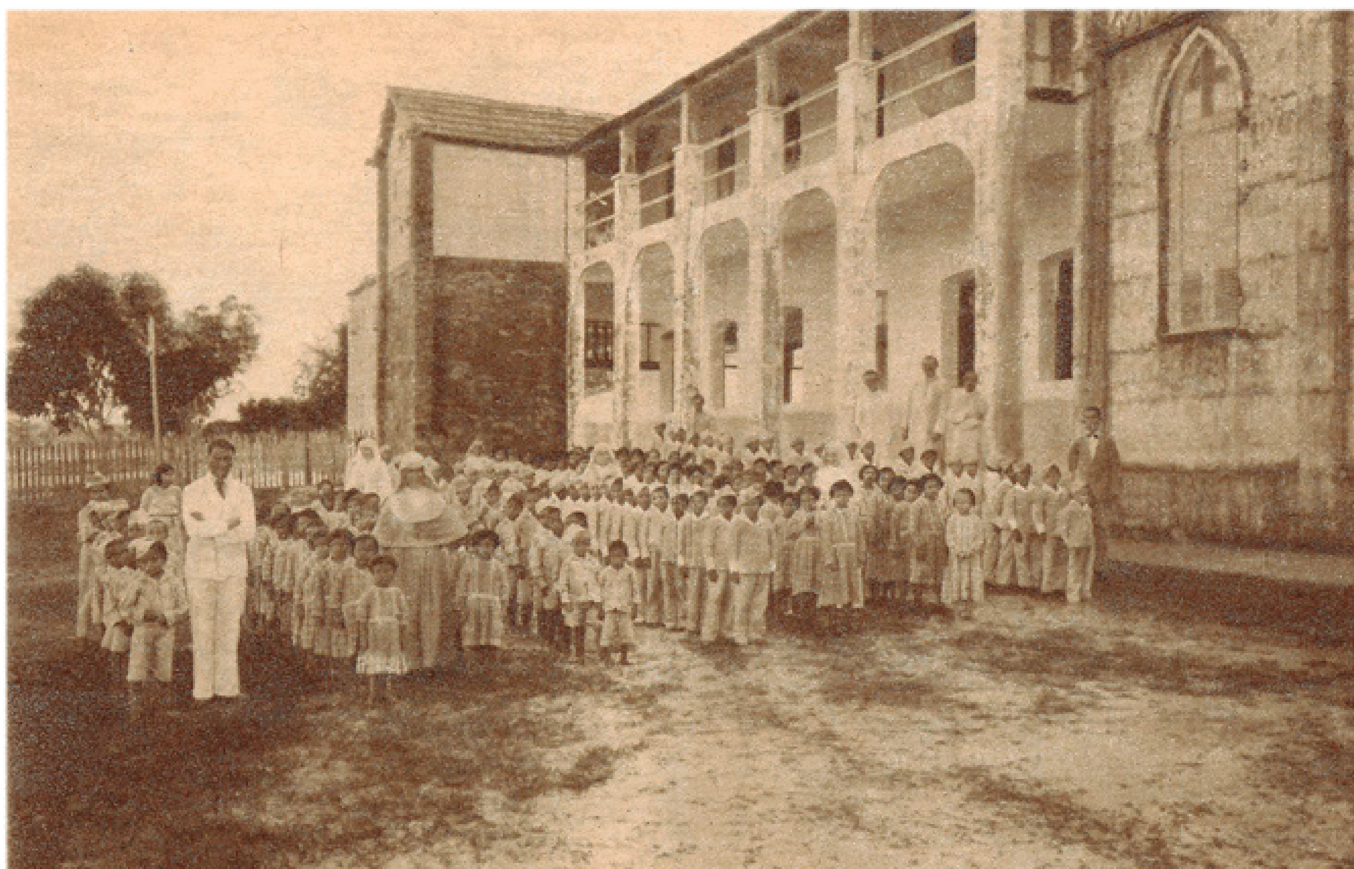


1107 – Barcelos: Só tem algumas habitações, salvo as propriedades das missões salesianas, que em todo o rio Negro colaboram com o Serviço de Proteção aos Índios, no assistir e educar os selvícolas da região.

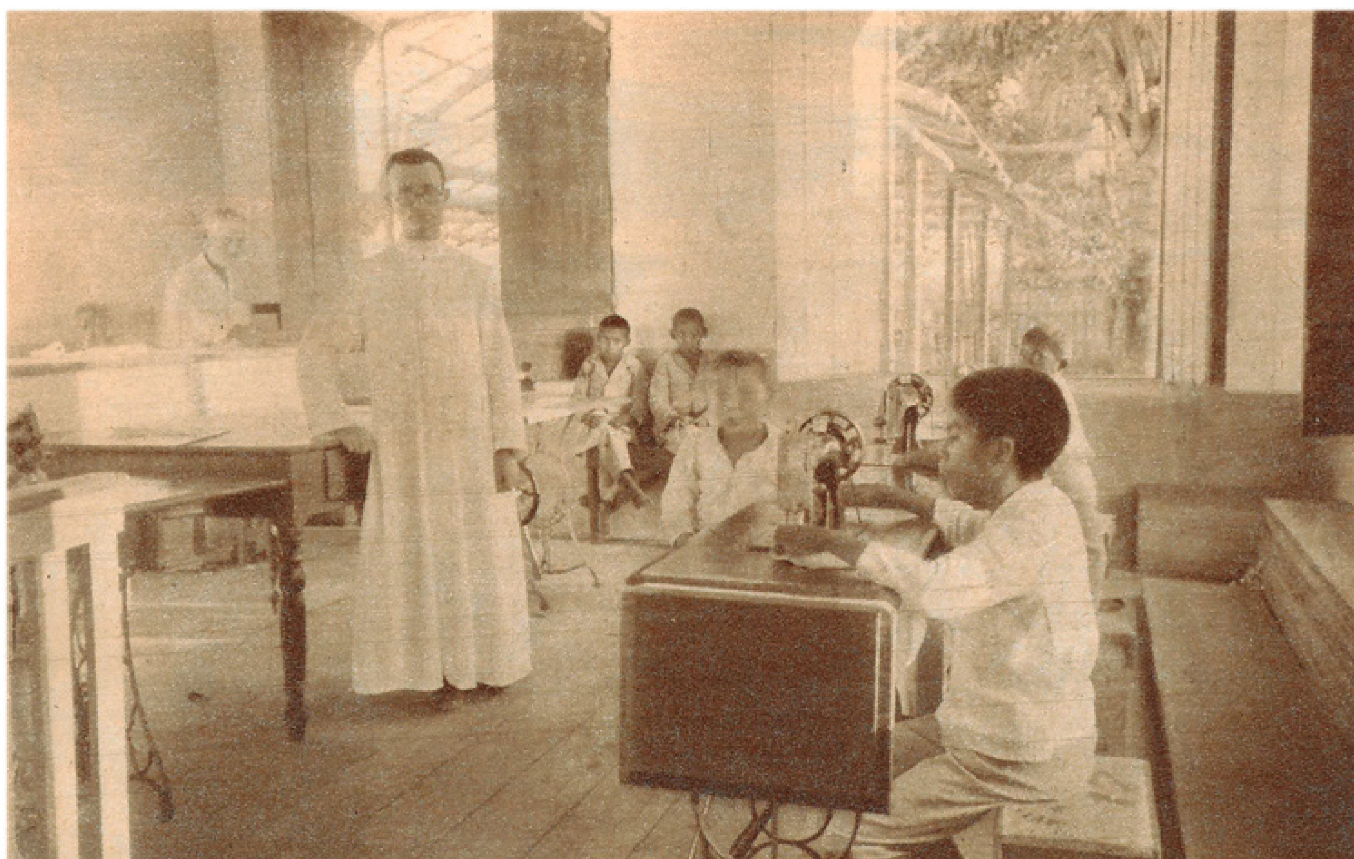


1108 – Vê-se aqui o tipo de dormitórios dos internatos nas missões salesianas.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1109 – Internados das escolas das missões salesianas em Barcelos.



1110 – Barcelos. Missão salesiana. Vista interior de uma classe profissional.



1111 – No horto agropecuário da Missão Salesiana em Barcelos.



1112 – Outro aspecto. O gado da Missão.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1113 – Porto de Moura, à margem direita do rio Negro, cabeça do município do mesmo nome.



1114 – São Joaquim, defronte da foz do Padauari, à margem direita do rio Negro.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1115 – Porto de Ceará no rio Negro.



1116 – Um pescador com seu filho. O velho sabe o preço de um peixe, mas só o filho conhece as moedas e sabe calcular. Influência das escolas...

Fotos Charlotte Rosenbaum

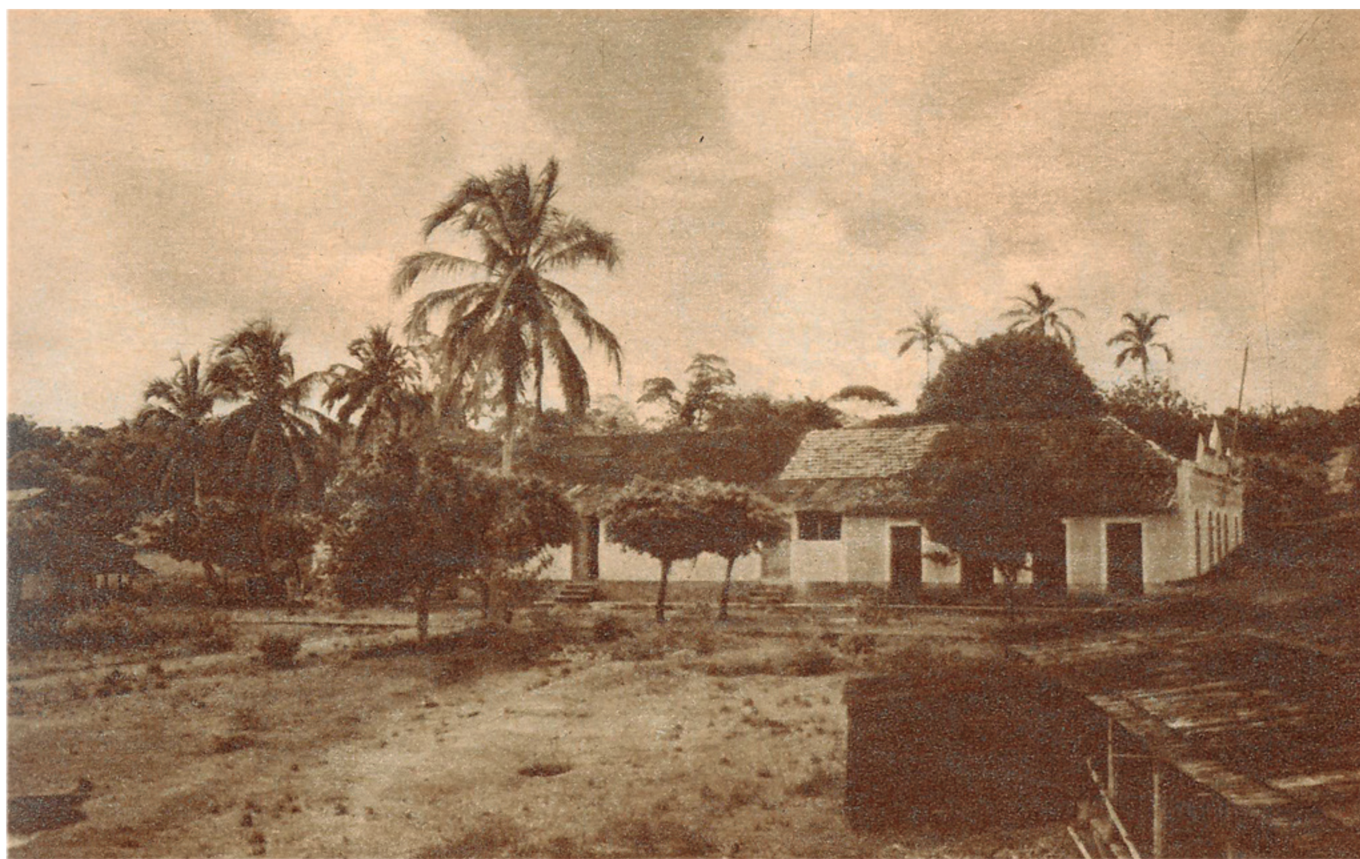


1117 – Porto de lanchas, Sta. Isabel, rio Negro, fim da navegação regular com vapores da Companhia Navegação Amazonas.



1118 – O mesmo porto com o galpão de atracação para os vapores e ao lado as canoas com toldos, como são usadas no rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1119 – A firma J. G. Araújo, de Manaus, que é proprietária de Sta. Isabel, tem aí um armazém de gêneros e mercadorias e um trapiche de desembarque.



1120 – Frente à ilha Sta. Isabel. Vê-se um bonito exemplar da palmeira inajá.



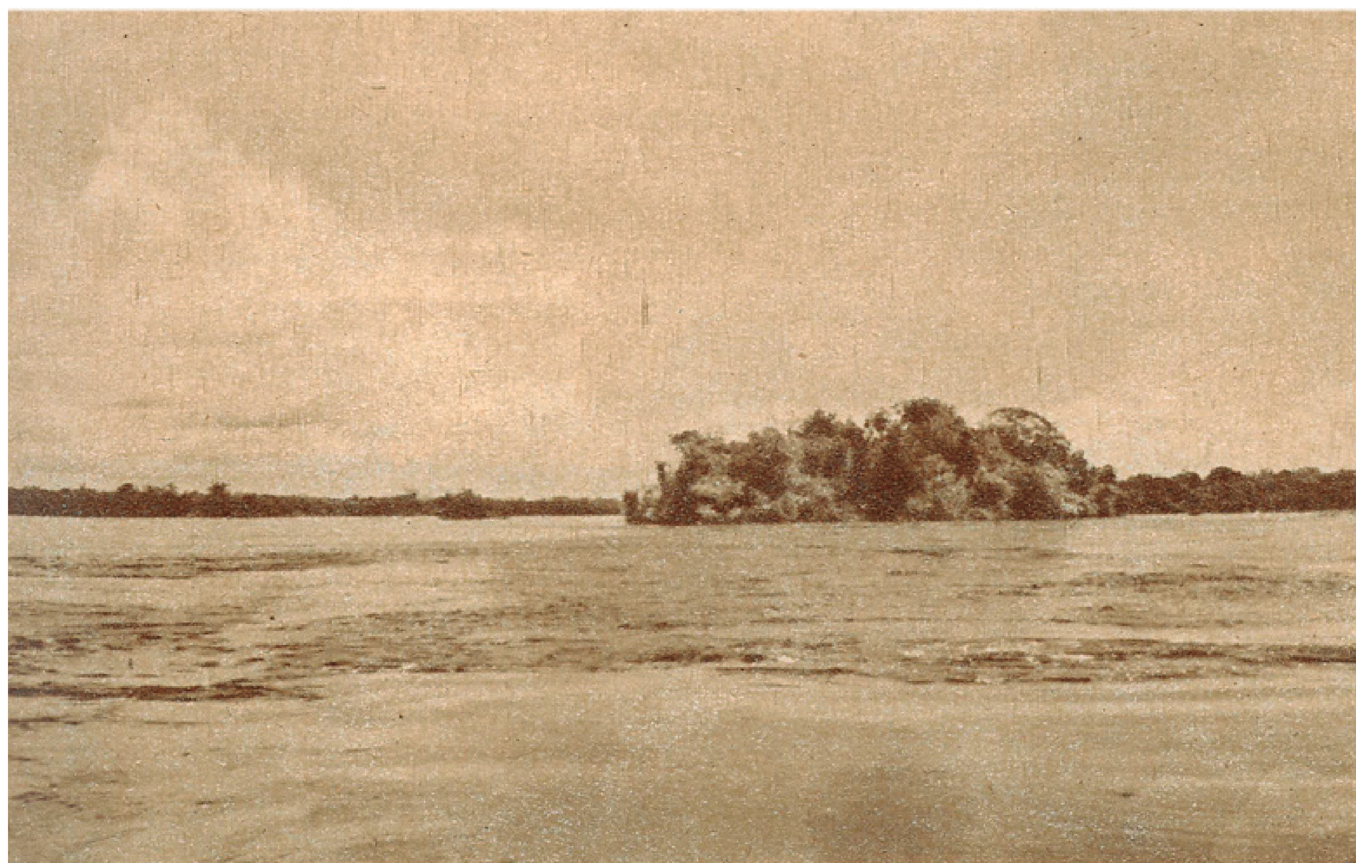
1121 – No rio Negro vendem-se em grande escala os produtos da região. Nestes depósitos conservam-se as safras de castanhas-do-pará sob a ação da água ou da chuva natural.



1122 – Outro produto é a fibra de piaçava. Lancha já carregada com a mercadoria na sua forma característica de embalagem.



1123 – Passando as corredeiras de Maçarabi. Rio Negro.



1124 – Rápidos de Maçarabi, rio Negro.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1125 – Serra Curicuriari. Rio Negro.



1126 – Outra vista do rio Negro com a serra Curicuriari.



1127 – Porto de Jerusalém, rio Negro.



1128 – Porto de Jucapi, sede de uma missão americana da congregação protestante.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1129 – Parece que sejam pinceladas de aquarela da própria natureza com a água do rio Negro.



1130 – Camanaú, lugar onde nenhuma embarcação se atreve a passar carregada. Só em diversas viagens transportam, separadamente, passageiros e mercadorias.



1131 – Numa extensão de vinte e dois quilômetros estendem-se as perigosas corredeiras de Camanaú, rio Negro.



1132 – Rápidos de Camanaú. Assim se mantém o rio Negro, durante duas horas, pela madrugada, agitado e furioso, com o mar açoutado por fortes ventanias.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1133 – São Gabriel, visto do rio Negro. A espuma dos rápidos assinala o perigo que correm as embarcações para transpô-los.



1134 – A temida cachoeira de São Gabriel é forte e funda, com sumidouros para onde arrasta suas vítimas, por melhores nadadores que sejam.



1135 – Porto de baixo em São Gabriel. Rio Negro.



1136 – Neste aspecto de São Gabriel, mostra-se a cidade como uma aldeia, ainda meio adormecida.



1137 – Na parte nova, São Gabriel é de arquitetura em estilo moderno, dotada de estação telegráfica, prefeitura e hospital, uma cidade, enfim, em pleno desenvolvimento.

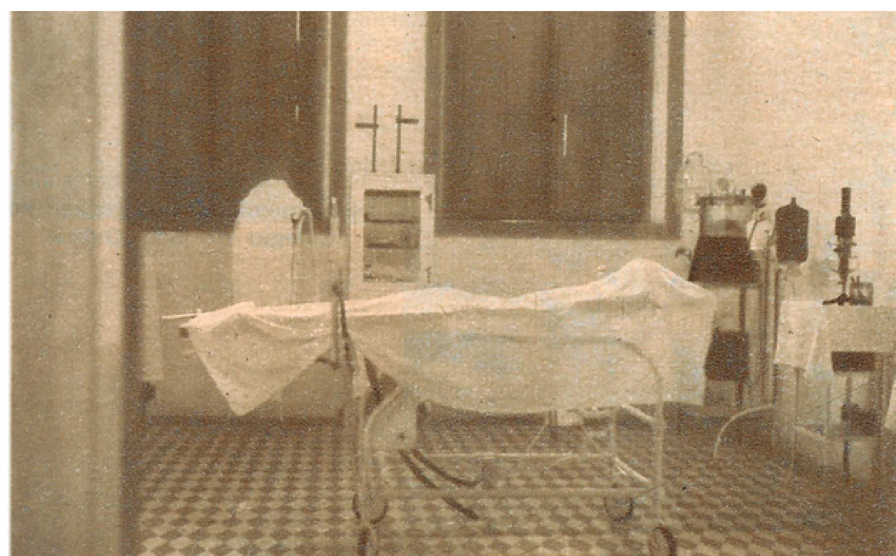


1138 – Casa das irmãs de N. S. Maria Auxiliadora das Missões Salesianas em São Gabriel, rio Negro.

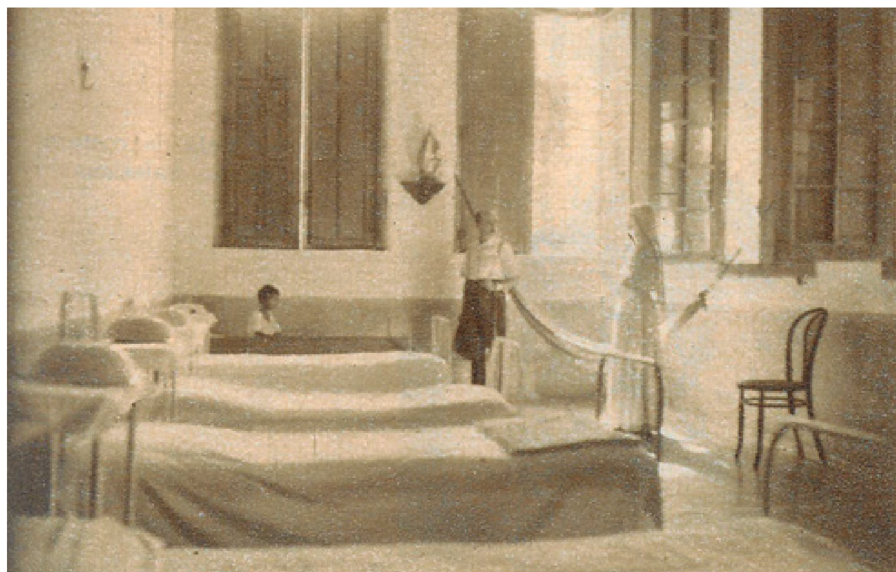
Fotos Charlotte Rosenbaum



1139 – Hospital da Missão Salesiana em São Gabriel, rio Negro.



1140 – A sala cirúrgica do hospital.



1141 – Enfermaria com uma pequena paralítica internada.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1142 – A farmácia e o hospital atendem a muitos enfermos da região, principalmente doentes de paludismo.



1143 – Missionárias salesianas com meninas indígenas do Colégio de São Gabriel.



1144 – Aula de costura na Missão Salesiana.



1145 – Classe do sexo masculino, São Gabriel, rio Negro.



1146 – Exercício militar dos internados, instruídos pelos missionários salesianos em São Gabriel, rio Negro.



1147 – Classe de ginástica dos menores, São Gabriel.



1148 – Escola de agricultura São Gabriel. Os pequenos índios gostam muito duma vida bem movimentada.



1149 – Cultura de arroz. Escola-agrícola. São Gabriel.



1150 – A instrução agrícola está nas mãos de um agrônomo profissional. Aqui se vê uma parte do pomar com cultura de laranjeiras.

Fotos Charlotte Rosenbaum



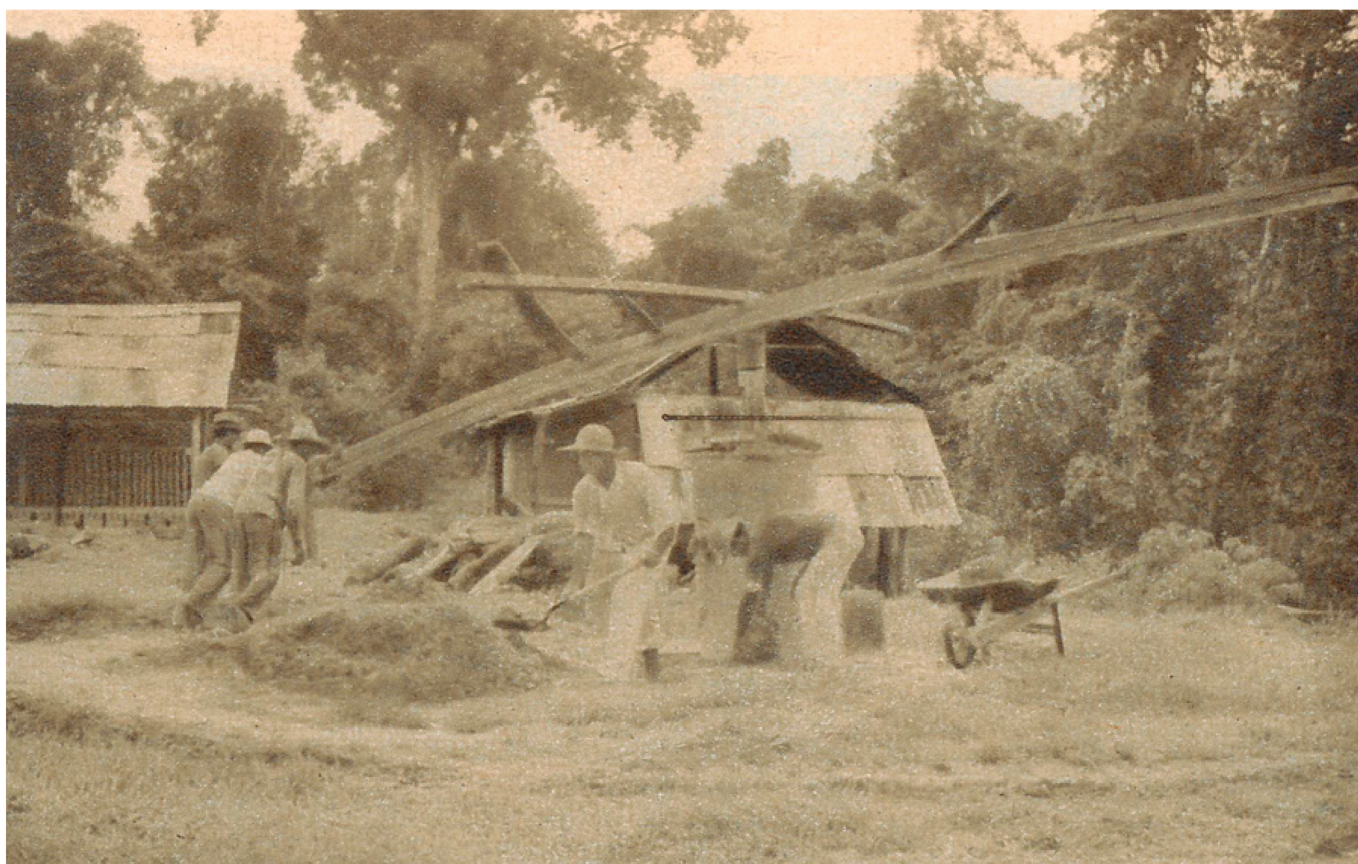
1151 – Menores do sexo feminino, num intervalo de aulas, brincando no recreio.



1152 – Crianças no refeitório da Missão Salesiana em São Gabriel.



1153 – Olaria da Missão Salesiana em São Gabriel.



1154 – Na olaria aprendem os jovens índios a fabricar tijolos, telhas e manilhas.

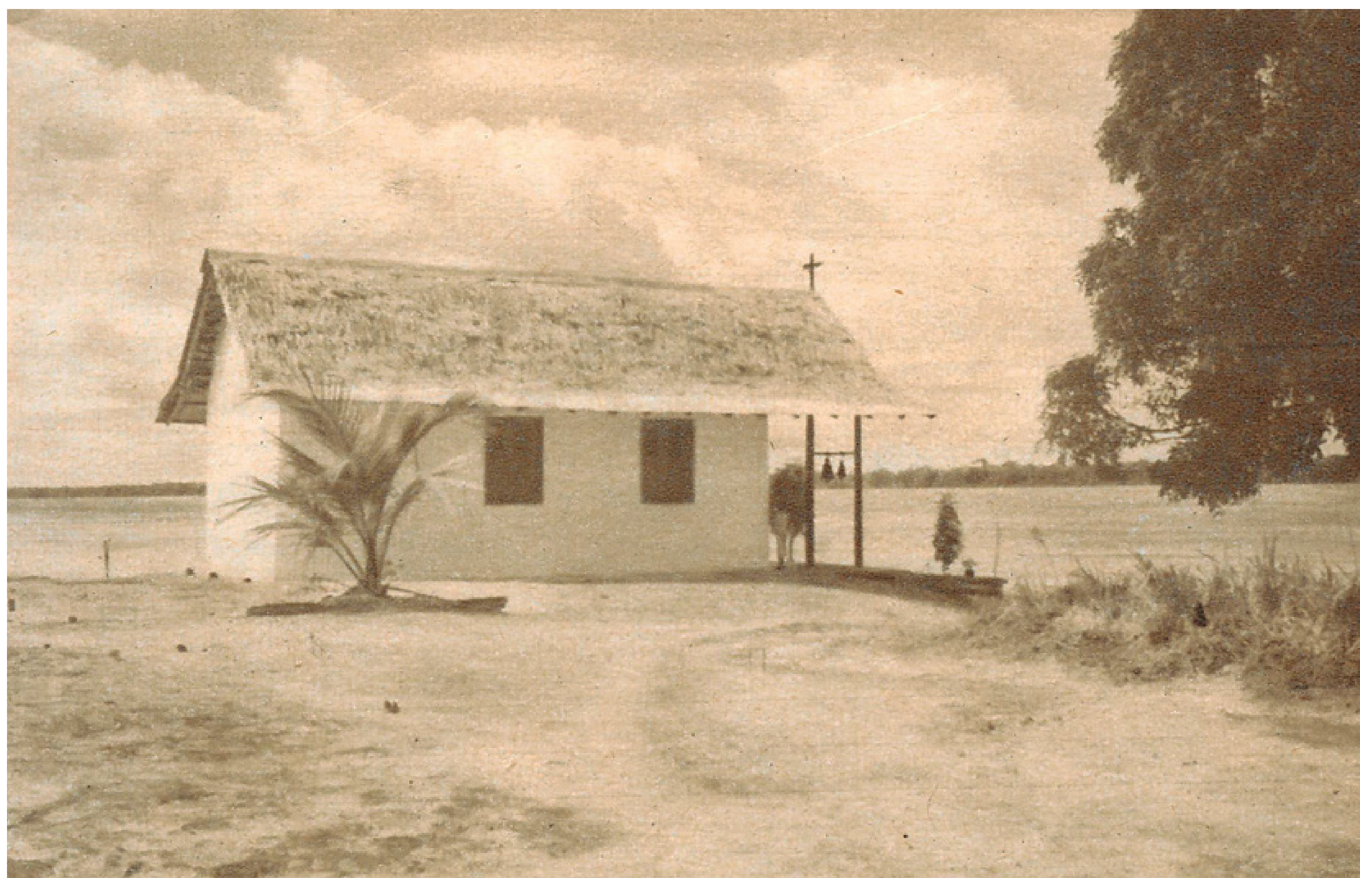


1155 – Vista de São Gabriel, com bons exemplos de pupunheiras, no primeiro plano.



1156 – Em São Filipe. Rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1157 – A capela de São Filipe com os antigos sinos de bronze, trazidos pelos seus fundadores espanhóis, antepassados da população atual.

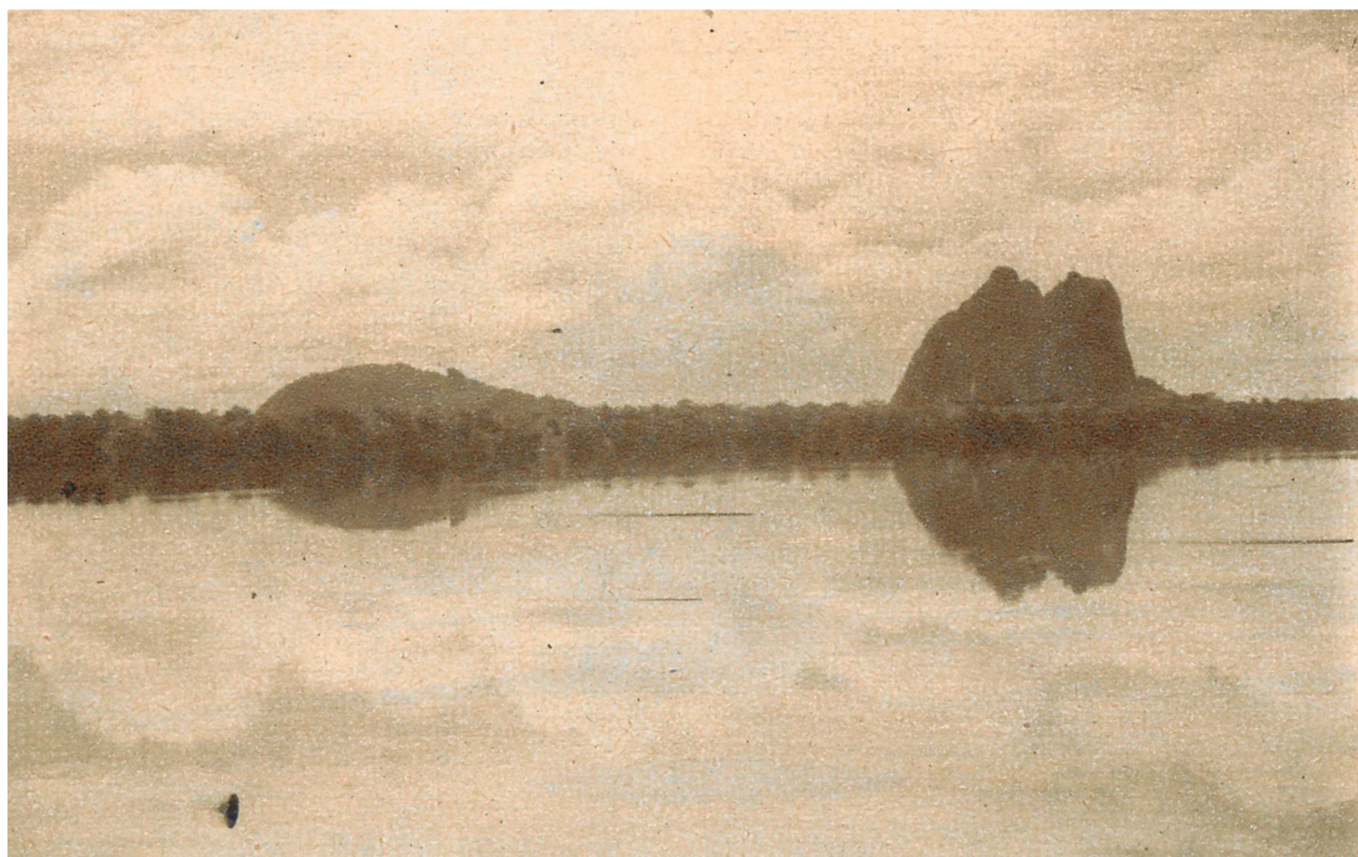


1158 – Os últimos reflexos da luz, antes do crepúsculo; o céu tropical em mil cores no rio Negro, cujo aspecto habitualmente é dum grande espelho, mas, desta vez, modificado por qualquer substância oleosa lançada à superfície das águas no porto de Marcelino.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1159 – Marabitanas mostra-se em pleno sol, no dia seguinte, com o rio Negro aos seus pés como um espelho perfeito.



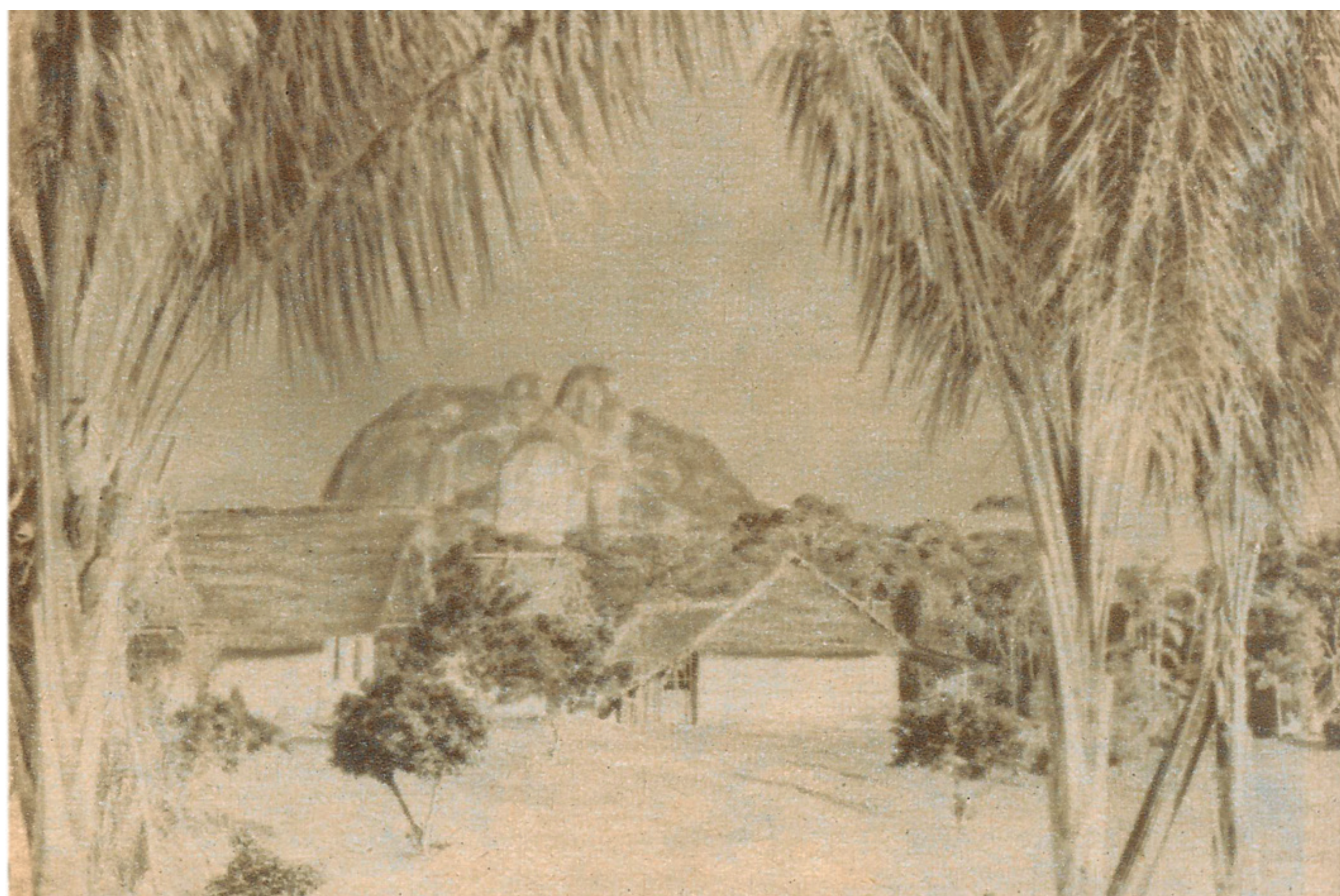
1160 – Também a pedra de Cucuí, cujo nome é indígena e significa: "caiu do céu", deve ter um grande prazer, se a versão indígena é verdadeira, quanto à sua proveniência...



1161 – Perfil vertical do morro de Cucuí.
Foto B. Rondon



1162 – Aspecto da povoação de Cucuí, destacamento militar da nossa fronteira com Venezuela.



1163 – Vista da Pedra de Cucuí tomada da povoação de mesmo nome.
Foto Dr. B. Rondon



1164 – Grupo de índios coeanos na praia do rio Negro.
Foto Dr. B. Rondon



1165 – Cabeça de uma índia mestiça, descendente da tribo coeano. Rio Negro.
Foto Dr. B. Rondon



1166 – Santa Rosa de Amanadona, vista do rio Negro (Venezuela).



1167 – Santa Rosa de Amanadona é constituída de poucas casas, escola e uma capela.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1168 – A população de Sta. Rosa de Amanadona é composta somente de índios da região.



1169 – A escola pública de Santa Rosa de Amanadona, com seus pequenos alunos indígenas.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1170 – São Carlos no rio Negro é uma povoação maior do que Sta. Rosa de Amanadona. (Venezuela)



1171 – Um trecho do rio Negro, acima de Sta. Rosa de Amanadona.

Fotos Charlotte Rosenbaum

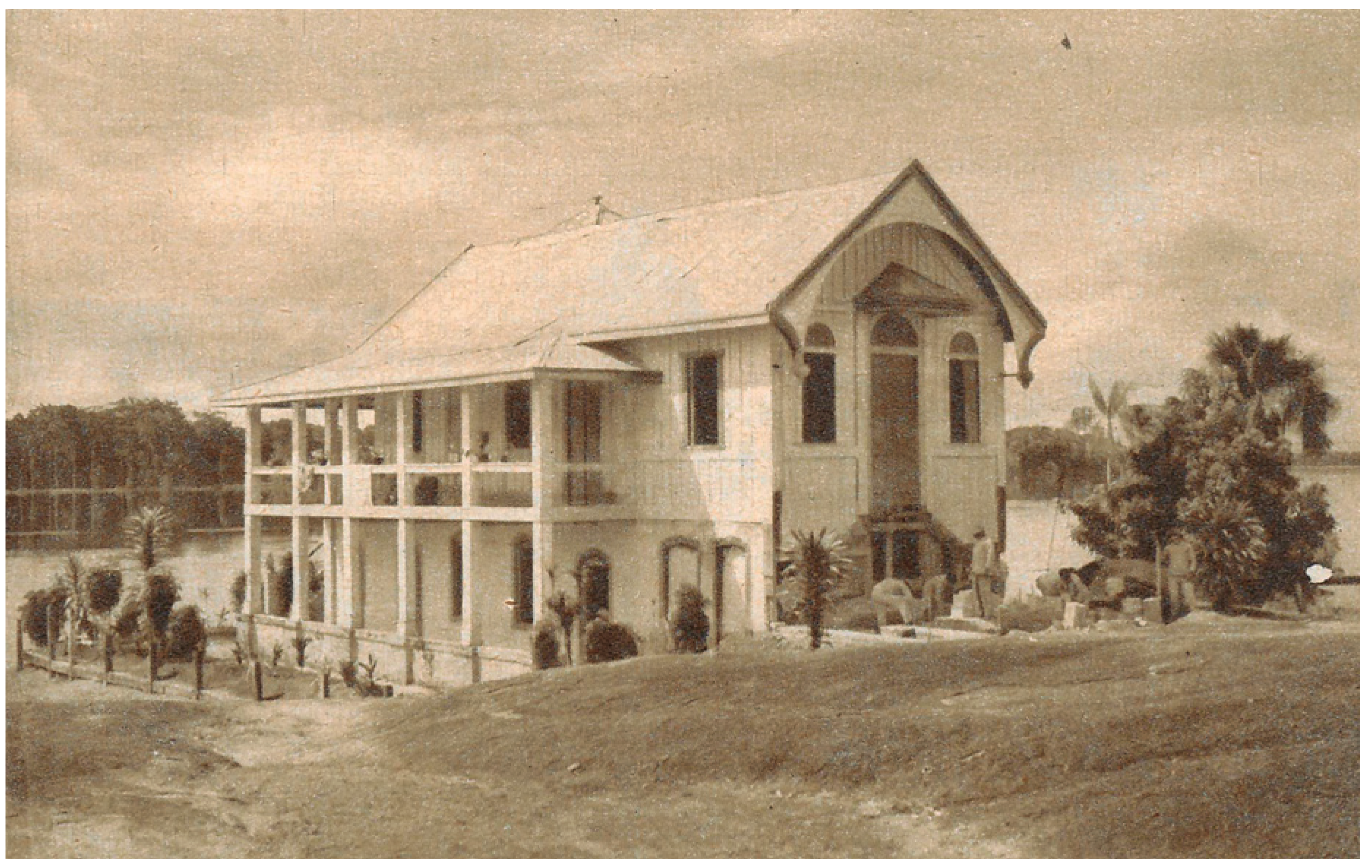


1172 – Taracuá, missão salesiana no rio Uaupés, que no dia de nossa chegada em 1938 ofereceu-nos a vista de um quadro esplêndido, de cores vivas e muito movimentado, igual aos cenários em que figuram massas de população como nas grandes óperas.

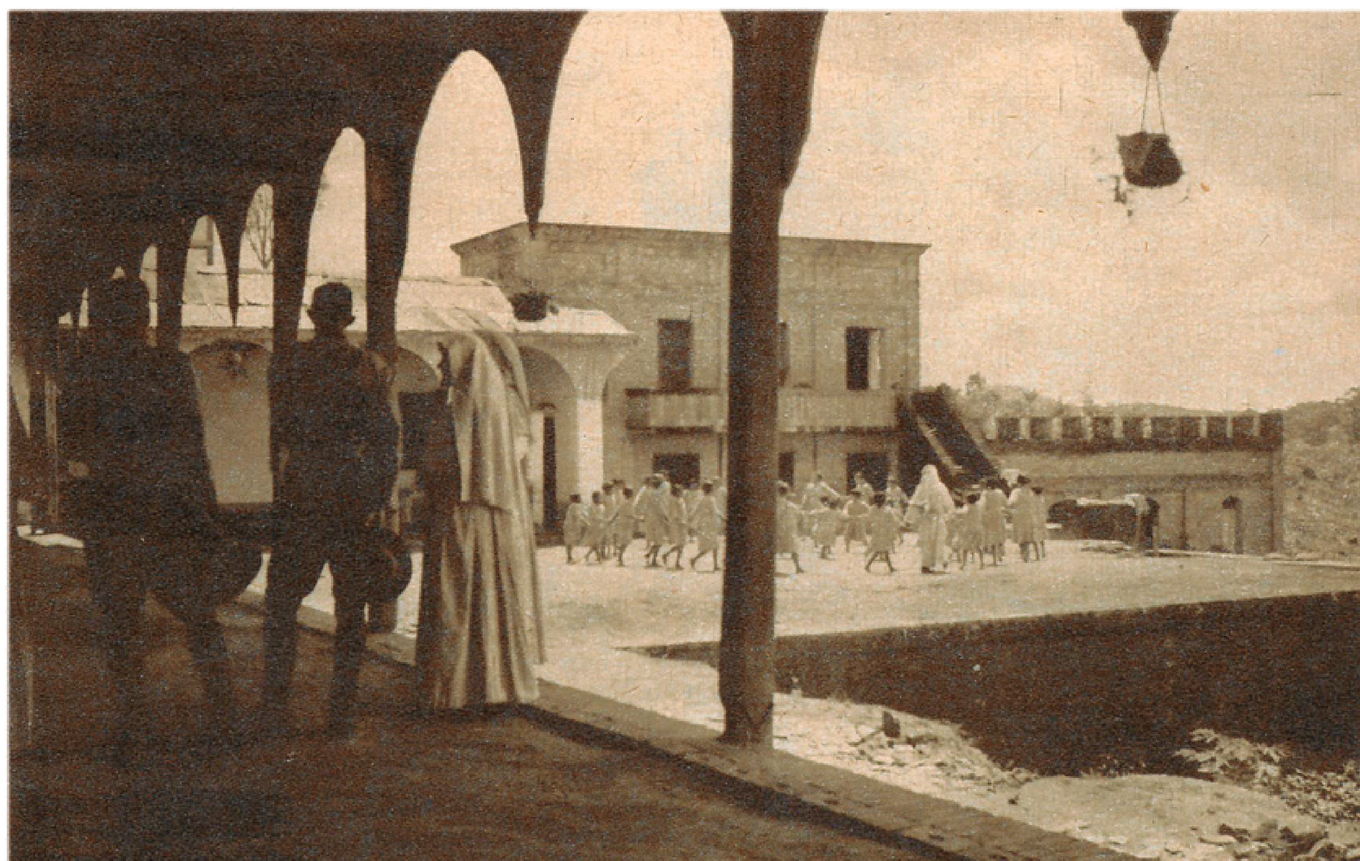


1173 – A igreja, como também todos os outros edifícios, estava nesta época ainda em construção. Todos os edifícios, a princípio, de madeira, os quais a missão começou de substituir por outros mais sólidos de alvenaria de tijolos.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1174 – O hospital nunca teve bastantes abrigos para os muitos doentes de malária e tifo, mas vê-se aqui o começo da construção, em tijolos, pelos índios, que ao mesmo tempo, durante as instruções no ofício, ampliaram o hospital.



1175 – Oficiais da Inspeção de Fronteiras em visita à Missão Salesiana em Taracuá. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1176 – Em Taracuá funcionam as aulas do colégio de profissionais como nas outras missões salesianas do rio Negro. Ensino de costura.



1177 – Ao lado da Missão Salesiana está instalada a povoação indígena de Taracuá. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1178 – Em Ipanuré, rio Uaupés, temos de desembarcar, porque um trecho do rio, em frente da povoação, impede a navegação devido a perigosas corredeiras.



1179 – A população de Ipanuré é alarmada pela aproximação de desconhecidos. Curiosos, e outros com a intenção de ganhar dinheiro com o carregamento de bagagem, ajuntam-se na beira do rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1180 – Em uma hora vencemos com nossos carregadores indígenas o percurso da varadoura de Ipanuré até Urubuquara.



1181 – Os índios e índias carregadores esperam a nossa embarcação em Urubuquara. Interessante foi que eles pediram o pagamento em dinheiro, aceitavam qualquer moeda, mesmo estrangeira, não fazendo diferença entre os metais e aceitando só a moeda de tamanho maior como de valor maior; mas uma vez recebida, queriam a sensação de comprar como os civilizados, trocando logo em seguida o dinheiro contra mercadorias...



1182 – O comércio na bacia amazônica toma o rumo pelos caminhos naturais dos seus rios. Vemos aqui o comerciante branco na canoa com toldo e seus remadores indígenas. Rio Uaupés.



1183 – Porto Juquira, povoação indígena. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1184 – Araripirá. Bonita povoação indígena no rio Uaupés.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1185 – Jauaretê, importante Missão Salesiana, situada em frente à embocadura do rio Papuri, limite geográfico da nossa fronteira, no rio Uaupés, fundada em 1929, já apresentava em 1938 o aspecto de uma vila com muitas construções de tijolos, madeira e telha.



1186 – Os internatos de Jauareté apresentam um grande contingente de educandos de ambos os sexos, e tínhamos por isso aí uma das mais solenes e significativas recepções imagináveis.



1187 – Missionária salesiana aguardando a nossa chegada com alunas do colégio N. S. Maria Auxiliadora em Jauaretê. Rio Uaupés.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1188 – Festa em Jauaretê na Missão Salesiana com assistência da população indígena da região.



1189 – Índios, na maioria da tribo tucano, assistindo as festividades em Jauaretê. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1190 – Crianças da população indígena assistindo, com curiosidade, à formatura dos meninos educandos do colégio em Jauaretê. Rio Uaupés.



1191 – Índias tucano em Jauaretê. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1192 – Os tuxauas de Jauaretê-Cachoeira convidados para um almoço na Missão Salesiana em Jauaretê.



1193 – "Trocano" do tuxaua Leopoldino Jauaretê, rio Uaupés.

Foto Charlotte Rosenbaum



1194 – Pequenos "moleques" existem em todo o mundo. Onde apareciam estes meninos nunca foi longe qualquer acidente perturbando a tranquilidade.



1195 – Marco da foz do rio Papori-Uaupés.

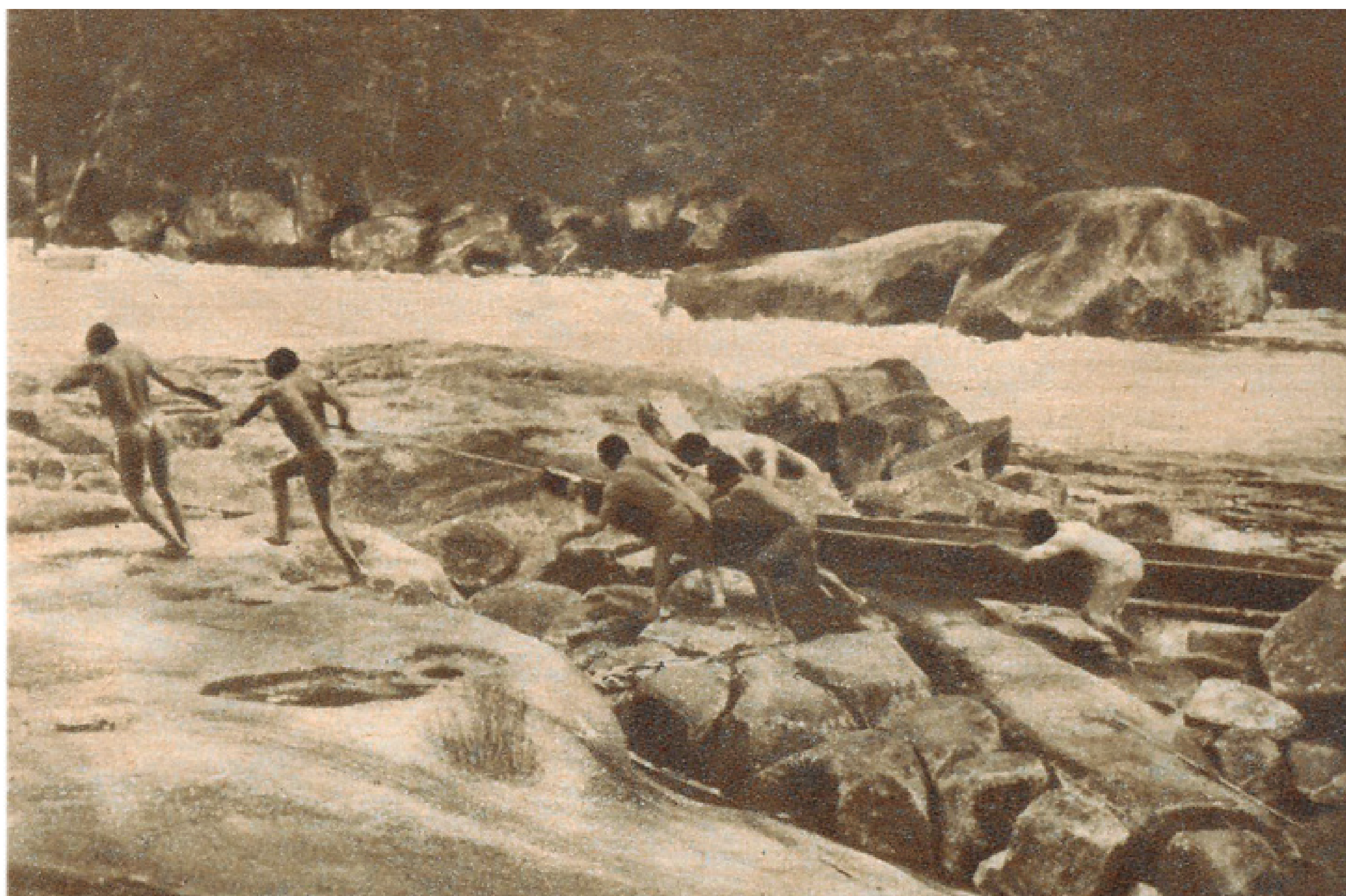
Fotos Charlotte Rosenbaum



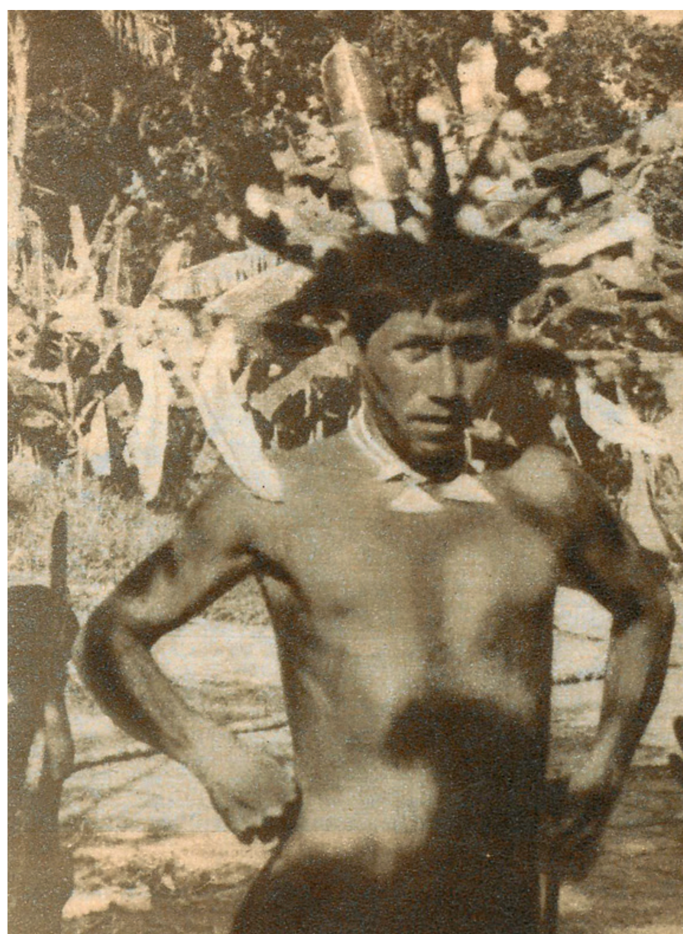
1196 – Índios sucuriú-tapuias varando uma canoa. Rio Içana.



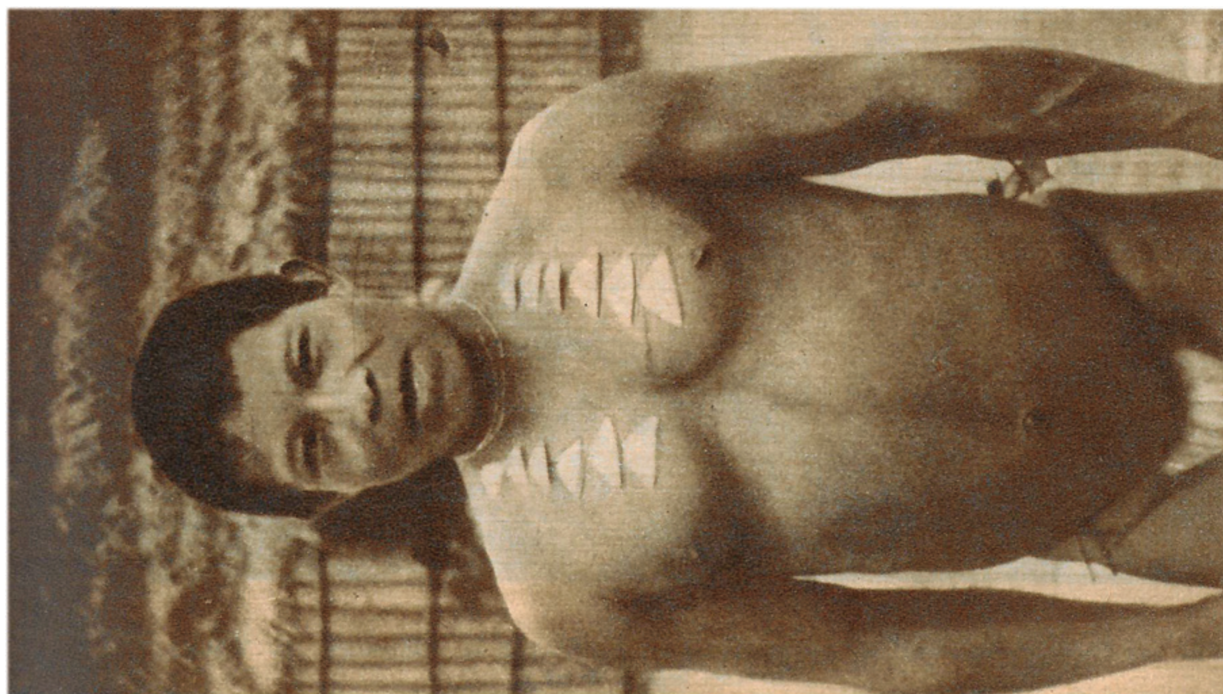
1197 – Tunuí-cachoeira. Rio Içana.
Cine Major L. Tomás Reis



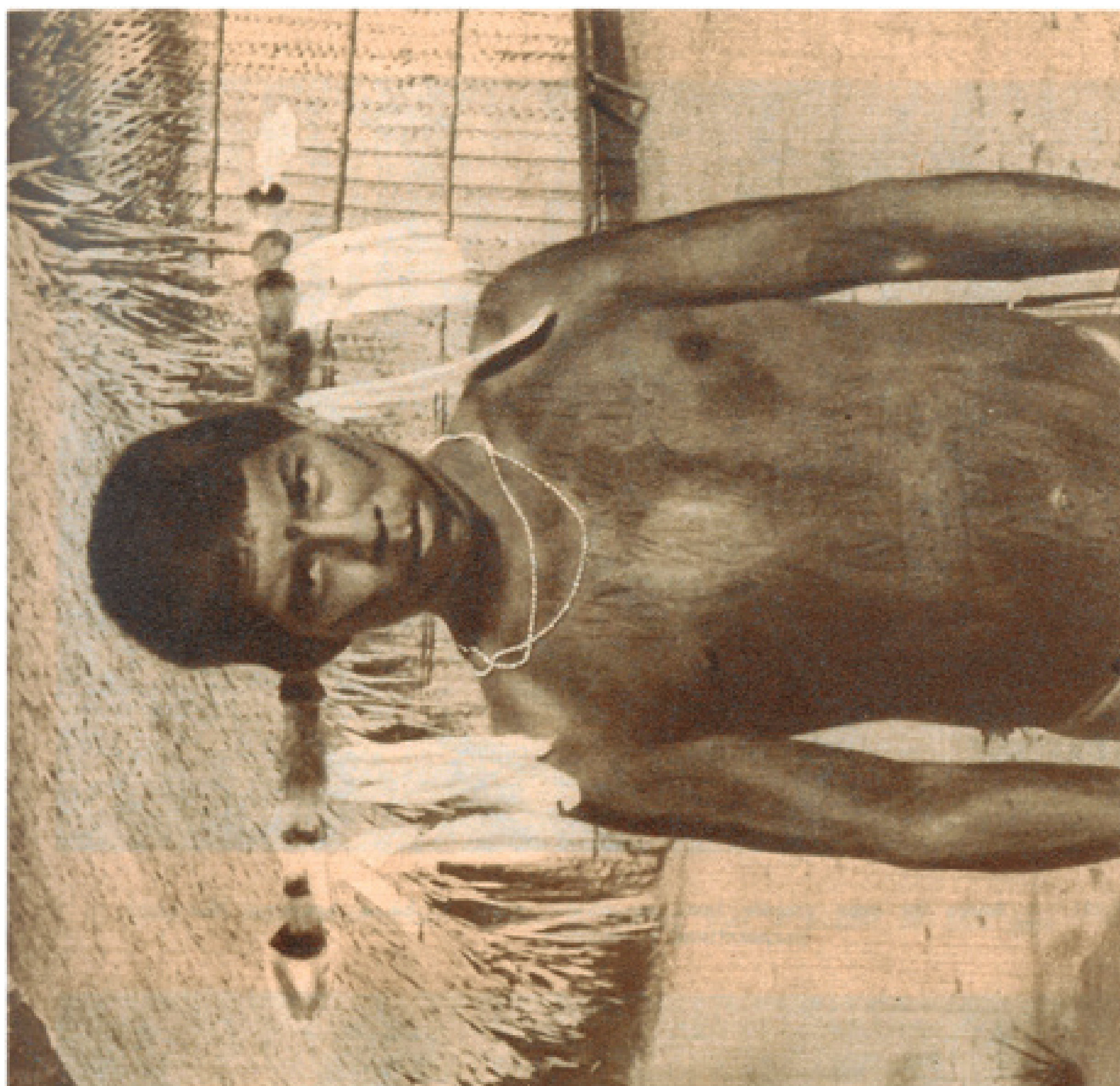
1198 – Varação de canoa pelos índios sucuriú-tapuias, do tuxaua Cândido. Rio Içana.



1199 – Índio do rio Uaupés.
Cine Major Tomás Reis



1200 – Índio uanana com um colar feito de moedas de prata, batidas e amoladas até tomarem a forma de um triângulo e a que chamam de macula (borboleta).



1201 – Índio uanana, do rio Içana, com pintura do corpo para uma festa.

Cine major Tomás Reis



1202 – Antes de uma grande festa na aldeia indígena há a azáfama dos preparativos necessários.



1203 – Para a confecção de máscaras usam os uananas a entrecasca do tururi. (Curatari legalis Mart).



1204 – Uanana retirando a casca do tururi, com o auxílio de uma faca.

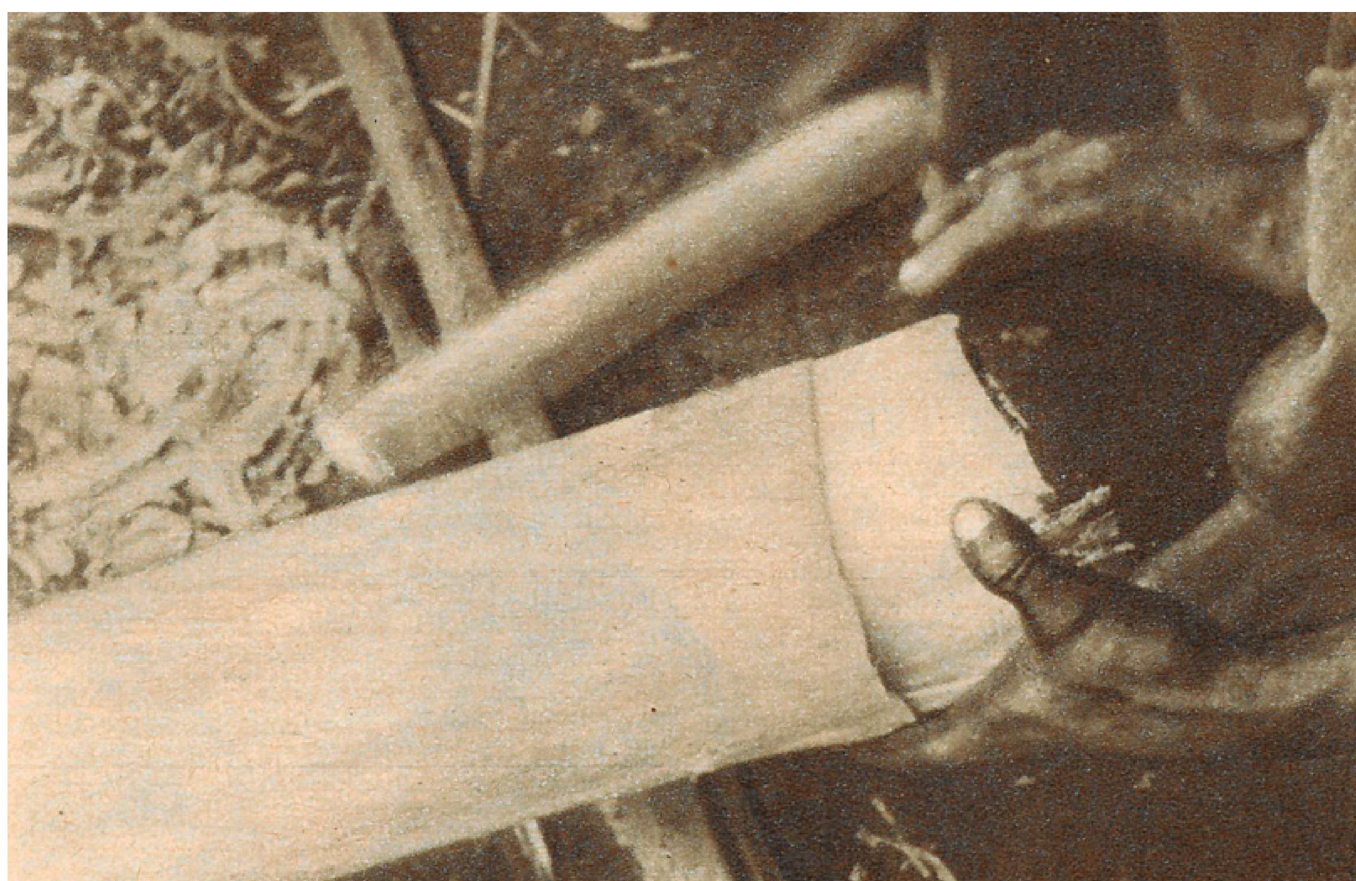


1205 –

Cine major Tomás Reis



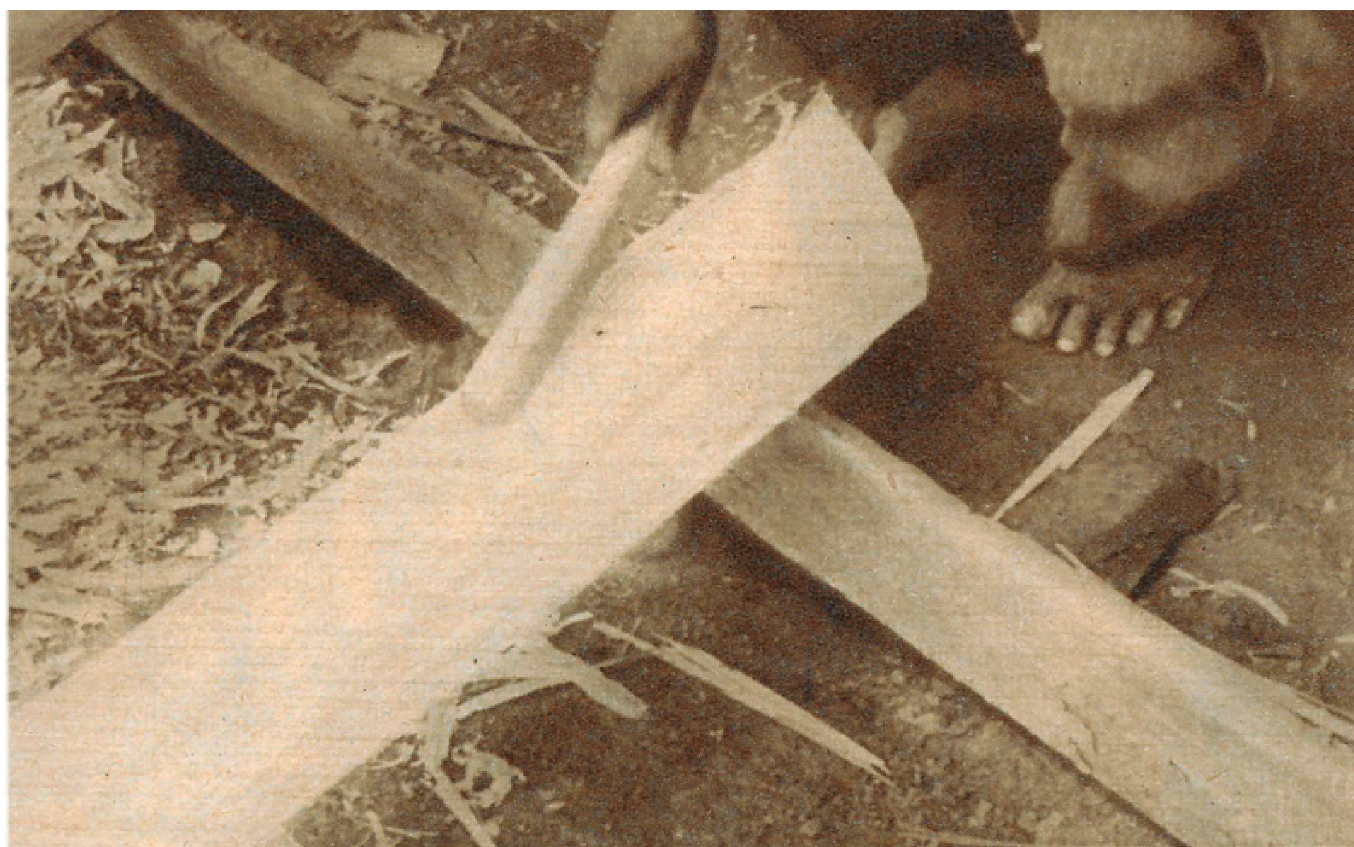
1206 – e depois de raspada vai ser batida para desprender a entrecasca.



1207 –
Cine major Tomás Reis



1208 – Para isso, preparam tocos especiais, operação que demora três a quatro horas.



1209 –
Cine major Tomás Reis



1210 – desprendendo assim a celulose inteiramente em lâminas.



1211 –

Cine major L. Tomás Reis



1212 – Os índios ocupam-se então em tornar as peças ainda mais flexíveis, batendo a celulose já obtida.



1213 –
Cine major L. Tomás Reis



1214 – E, em seguida, são lavadas no rio, tornando-se assim, limpas e macias.



1215 –
Cine Major L. Tomás Reis



1216 –



1217 – Cenas de lavagem.
Cine major L. Tomás Reis



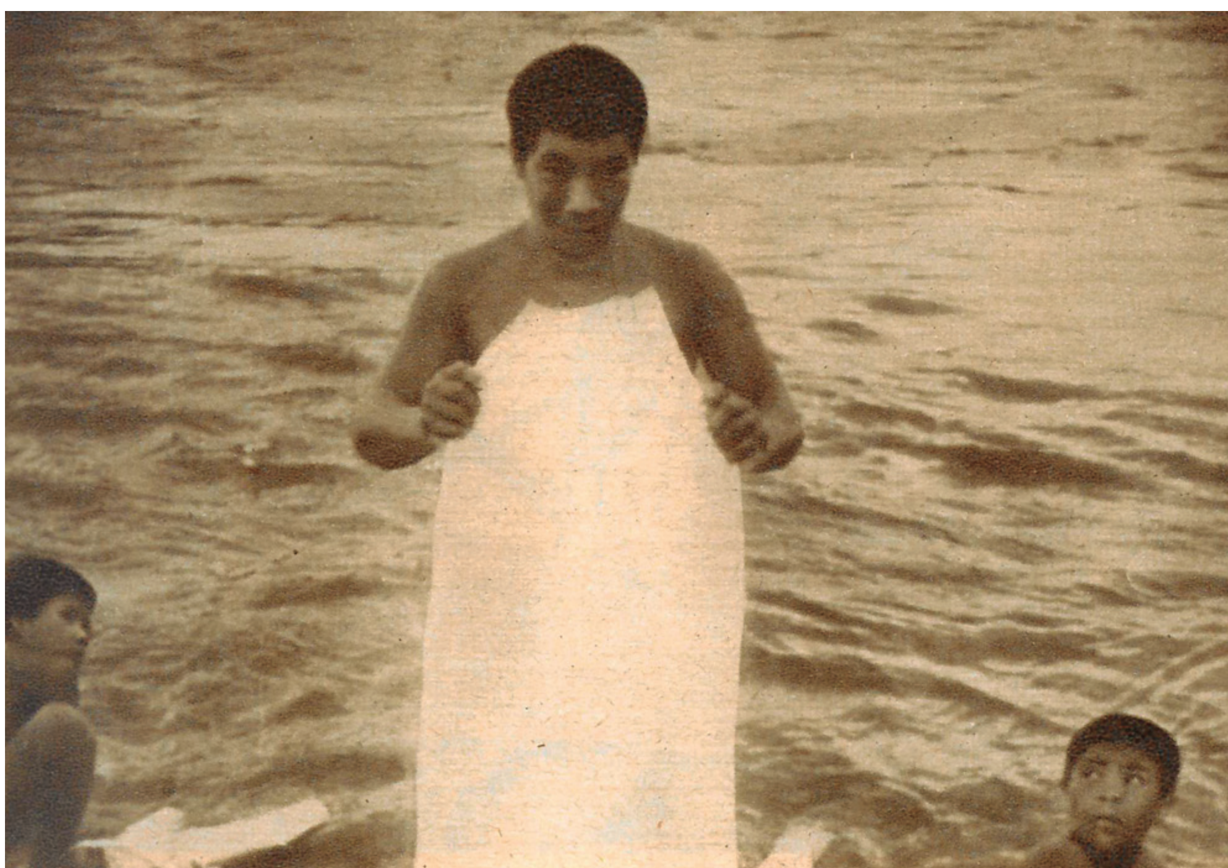
1218 – Cenas de lavagem.



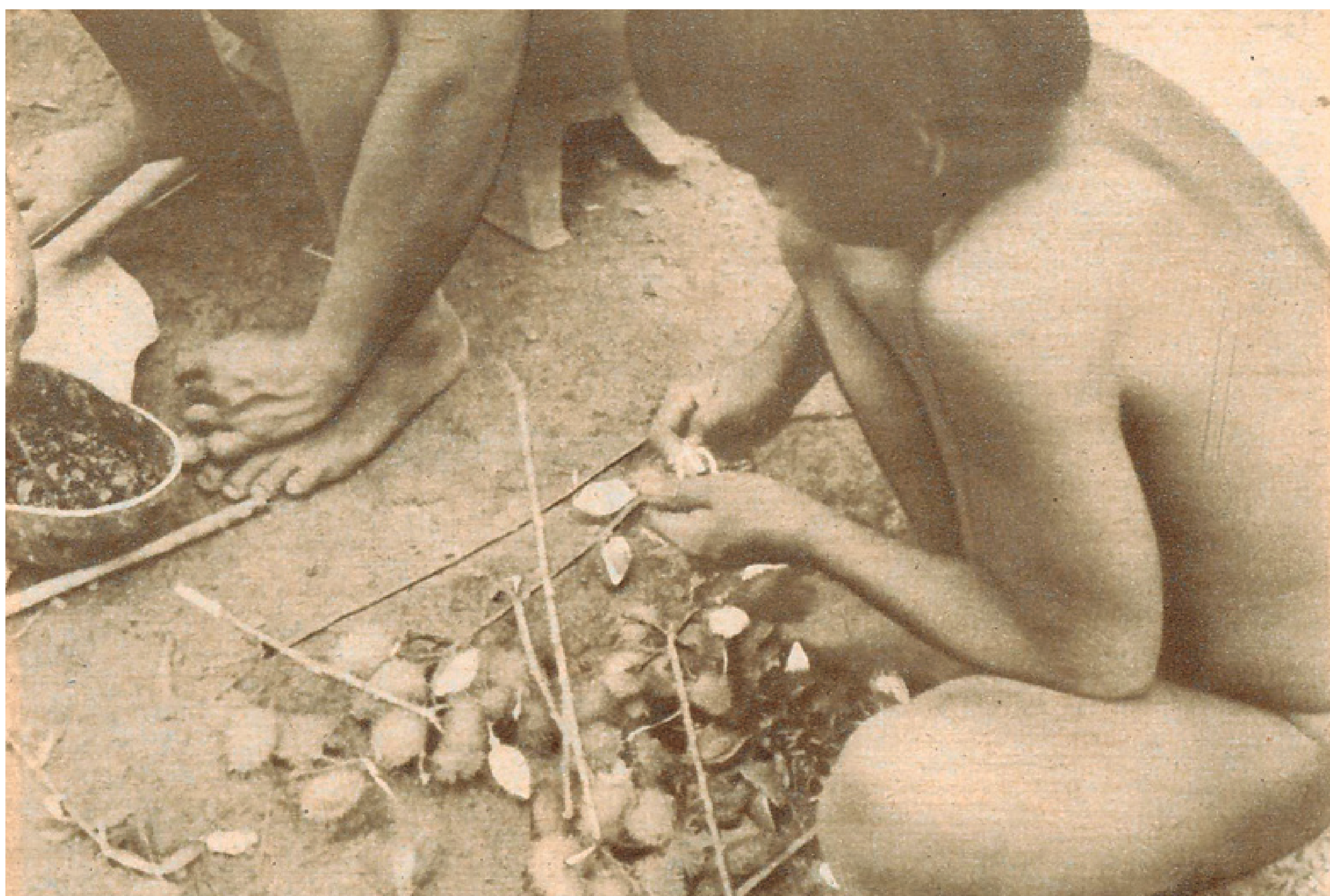
1219 – Cenas de lavagem.
Cine major L. Tomás Reis



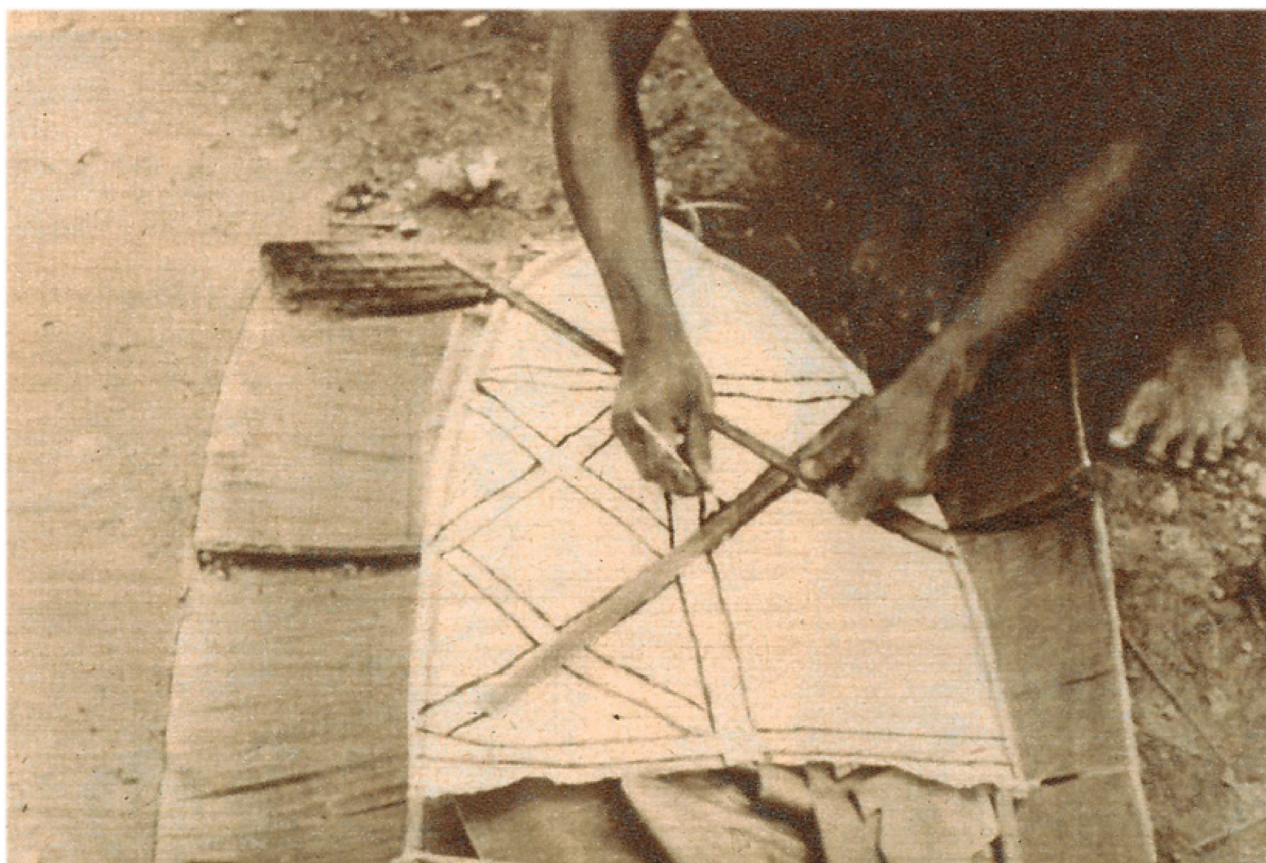
1220 – Índio enxugando o material.
Cine major L. Thomás Reis



1221 – Depois de seca, pronta para receber a pintura.



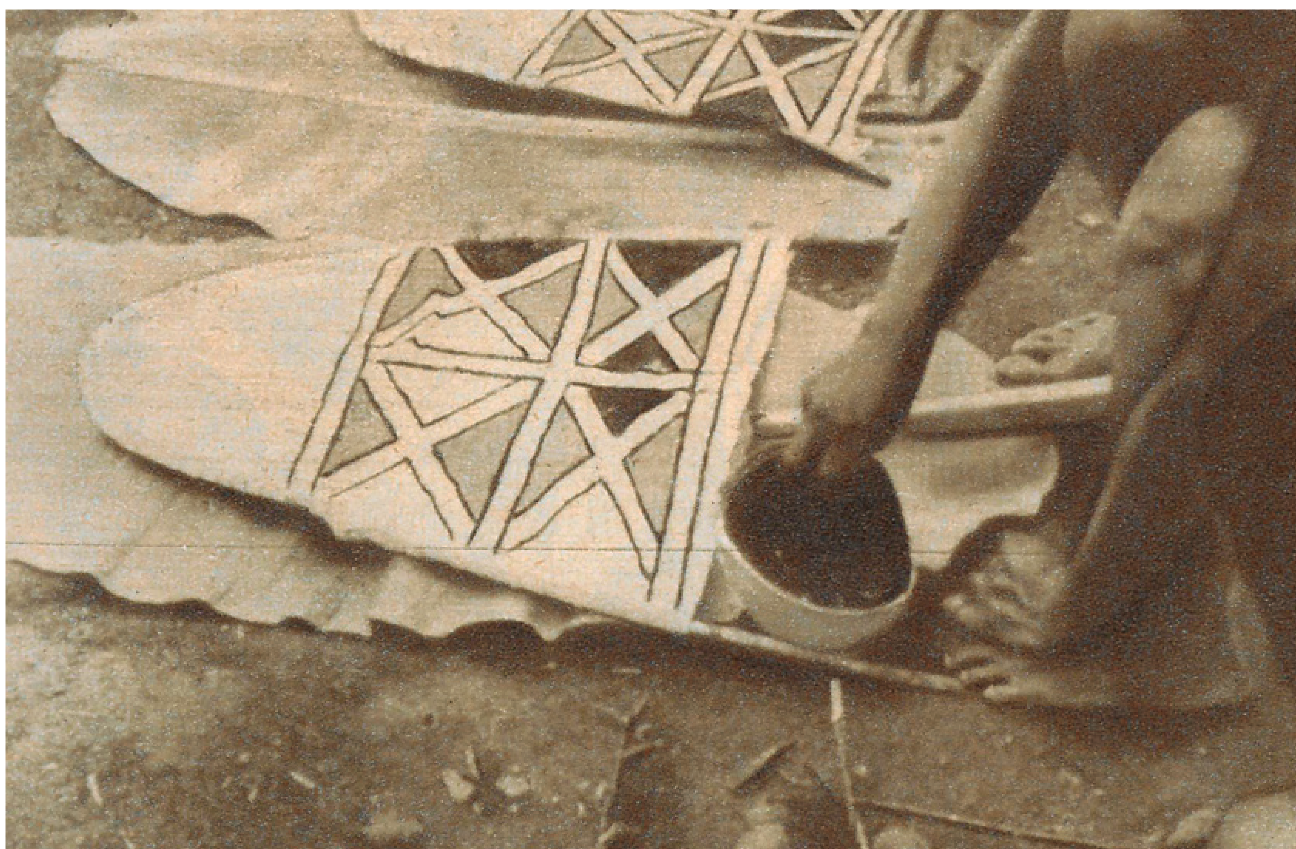
*1222 – Das sementes de urucum (*Bixa Orellana L.*) preparam uma tinta vermelha, com que ornamentam a entrecasca do tururi.*



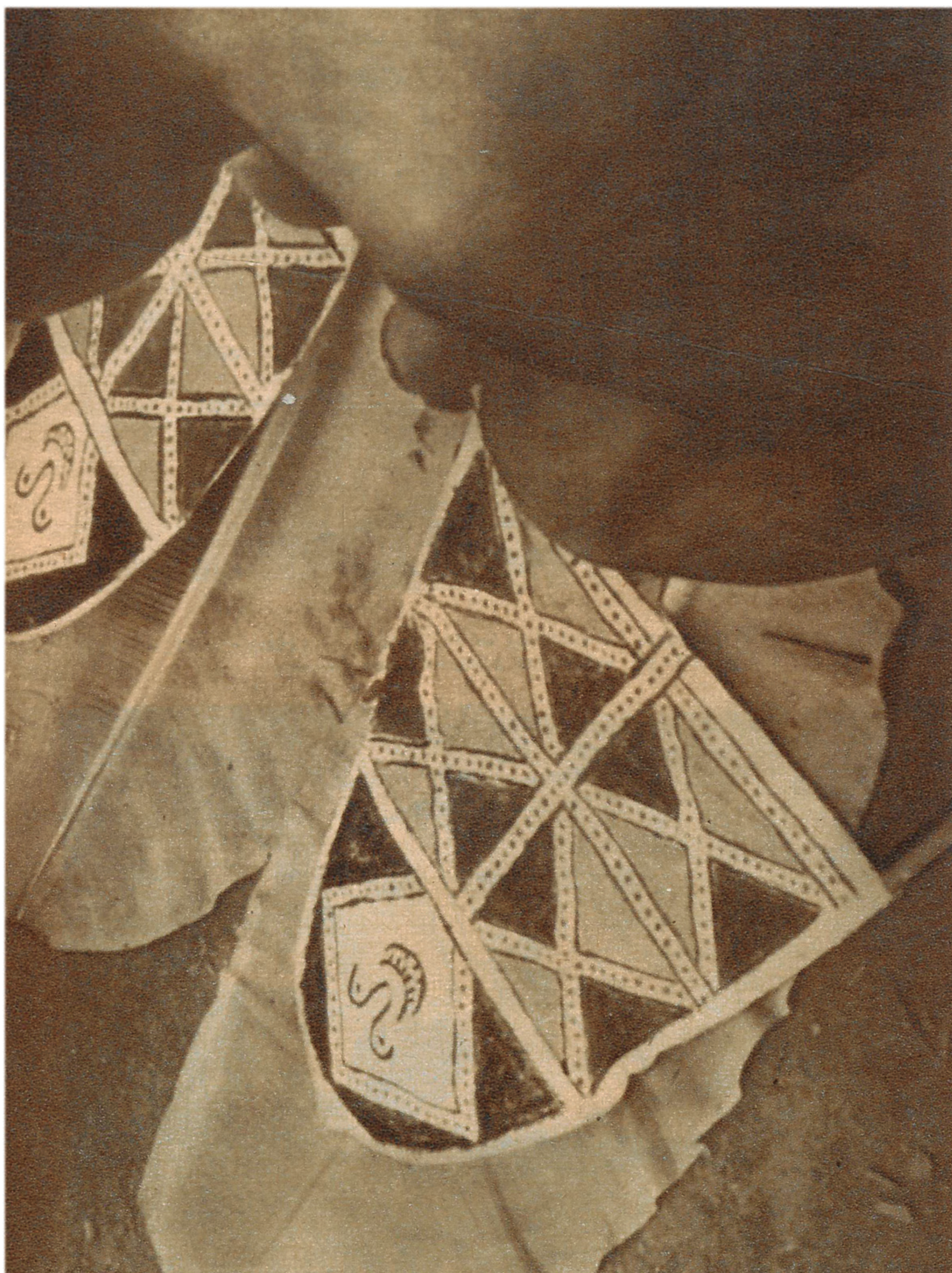
1223 – Um índio uanana que sabe utilizar-se da régua.
Cine major Tomás Reis



1224 – Pintando.



1225 – Pintando assim, passam muitos dias.
Cine major Tomás Reis



1226 – Um modelo está pronto.
Cine major Tomás Reis



1227 – Uanana pintando. Rio Içana.
Cine major Tomás Reis



1228 – Outras máscaras em confecção. Rio Içana.
Cine major Tomás Reis



1229 – Os modelos variam. O que se vê é um modelo criado pelos índios.



*1230 – Da madeira matá-matá (*Lecythis coriacea*) extrai-se a casca com que se confeccionam as saias, em forma de franjas.*



1231 –

Cine major Tomás Reis



1232 – Índio uanana acabando a sua máscara, pintando com um pedaço de carvão vegetal.

Cine major Tomás Reis



1233 – Na "oficina" indígena de arte aplicada. Rio Içana.
Cine Major Tomás Reis



1234 – Esta máscara representa uma onça-pintada.



1235 – E este modelo imita uma borboleta.
Cine major Tomás Reis



*1236 – Transporte do caxiri, bebida fermentada para a festa, feita de milho, mandioca ou frutos da pupunha (*Bactris speciosa*).*



1237 – A bebida é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante.



1238 – Pilando o caapi, uma espécie de ópio e que é outra bebida, mais parcimoniosamente empregada durante as festas.



1239 – As tubas anunciam as próximas festividades.
Cine Major Tomás Reis



1240 – Um aviso pelas trombetas para convocar os índios para a reunião.



1241 –

Cine major Tomás Reis



1242 – Os índios mascarados chegam à maloca, para o início dos festejos.



1243 –
Cine major Tomás Reis



1244 – A procissão aparece em cena.



1245 –

Cine major Tomás Reis



1246 – Num aparato exótico, eles representam sempre símbolos de animais do mato.



1247 –

Cine major Tomás Reis



1248 – As danças de máscaras são sempre rituais, em homenagem a um ente falecido.



1249 –
Cine major Tomás Reis



1250 – A ideia de expulsar e perseguir espíritos maus da casa do falecido e que se encontram então na aldeia constitui um grande complexo na alma dos selvícolas, ainda muito supersticiosos, como é natural na sua aculturação fetichista.



1251 –

Cine major Tomás Reis



1252 – Em geral as cerimônias duram enquanto existem bebidas; e só continuam quando estas se renovam, para as festas chamadas Caxiri.



1253 –

Cine major Tomás Reis



1254 – Às festas sempre comparecem muitos índios de tribos diferentes e amigas...



1255 – ...de modo que parece pertencerem a tribo diferente, e não aos uananas, os mascarados que aqui vemos.

Cine major Tomás Reis.



1256 – Grande parte das festas realizam-se no interior da maloca, como, por exemplo, as cerimônias do caxiri.



1257 –

Cine major Tomás Reis



1258 – Dança das máscaras.
Cine major Tomás Reis



1259 – Nesta foto se vê bem a diferença das máscaras com que se ornamentam.



1260 – Para as danças do Acangatara usam os chefes uananas ornamentos mais pomposos, empunhando a lança e o escudo.



1261 – Os chefes uananas em traje de grande gala.



1262 – Vê-se os cilindros de quartzo branco no pescoço, sinal da mais alta dignidade dos chefes supremos. Durante muitos anos trabalham os índios amolando as pedras, até que estas tomem a forma característica que aqui exibem.

Cine major Tomás Reis



1263 – Índios enfeitando-se para a festa.
Cine major Tomás Reis



1264 – Os índios ajudam um ao outro na arte difícil de colocar as penas do modo desejado, para as festividades do Acangatara.



1265 –

Cine major Tomás Reis



1266 – Em Tutica, importante povoado dos índios mananas, reuniram-se 200 índios das redondezas para os festejos. Os índios do Matapi e Taracuá-cachoeira vieram tomar parte na festa.

Cine Major Tomás Reis



1267 – A festa do Acangatara começa.



1268 – Numerosa a assistência, principalmente dos elementos femininos.

Cine major Tomás Reis



1269 – Pequenas flautas, de diversos sons, são usadas.



1270 – Terminam sempre voltando à palhoça.
Cine major Tomás Reis.



1271 – Cena do Acangatara.



1272 – Pouco a pouco chegam as índias para tomar parte na dança.
Cine major Tomás Reis.



1273 – Cenas do Acangatara.



1274 –
Cine major Tomás Reis.



1275 – Acangatara. Rio Içana. Diversas tribos tomam parte nesta dança, entre eles muitos tucanos.
Cine major Tomás Reis.



1276 – Cenas das festas.



1277 –
Cine major Tomás Reis.



1278 – As flautas entram em ação.



1279 –
Cine major Tomás Reis.



1280 – As cenas ficam sempre mais movimentadas.
Fotos major Tomás Reis.



1281 – Interessante é que os índios não tomam em consideração os passos menores das suas bailarinas na periferia do círculo que percorrem durante a dança; assim é que em cada ronda a dificuldade aumenta para as damas acompanharem as largas passadas de seus pares.



1282 – Índio uanana. Rio Içana.
Cine major Tomás Reis



1283 – Crianças de Sta. Luzia, povoação indígena no rio Papuri.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1284 – Outro grupo formado de índias e crianças da povoação Sta. Luzia.



1285 – Ao amanhecer, apresenta-se Sta. Teresita na margem esquerda do rio Papuri (Colômbia), Missão Montfortiana, com seus edifícios de madeira, pintada em branco, vermelho e azul, nas cores nacionais de origem holandesa, como um brinquedo. Aqui são aldeados índios piratapuios.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1286 – Canoa com índios atravessando a Jauacacá-Cachoeira no rio Papuri, ao lado direito se vê inscrições rupestres dos índios.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1287 – A principal povoação dos índios piratapuios, São Gabriel no rio Papuri, passa à nossa vista antes de uma tempestade forte, tropical. Últimos raios solares iluminam ainda um curto instante a aldeia, vencendo as nuvens carregadas, tingidas em todas as tonalidades cor de chumbo, dando assim uma iluminação fantástica, grandiosa e ameaçadora.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1288 – Povoação Taracuá, rio Papuri. Os índios, instruídos e influenciados pelas Missões Salesianas, acabavam de imitar uma construção dos civilizados com um segundo andar.



1289 – A flotilha da Inspeção de Fronteiras cruzando em canoas a remo, tripulados por índios tucanos no rio Papuri, em frente de Cuiú-Cuiú (São Bernardo), lado colombiano, Missão dos Montfortianos e aldeia dos índios decanos.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1290 – São Paulo, linda povoação com Boas casas, orlada de pupunheiros e de uma população indígena com uma mentalidade avançada, não faltando muito para integrar-se na civilização completa.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1291 – Montfort (lado colombiano), no rio Papuri, consiste num colégio missionário e uma aldeia dos índios das tribos tucanos e deçanos. Na povoação, a cada tribo pertence uma fila de casas no lado oposto da rua.



1292 – Uapixunas ou Anchieta, rio Papuri, povoado criado pelo cap. Frederico Rondon, quando em serviço na Comissão de Limites, Setor Oeste.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1293 –
Fotos Charlotte Rosenbaum



1294 – Padre José, missionário salesiano acabando seu relatório na máquina de escrever sob os olhares curiosos dos selvícolas da povoação indígena de Uapixunas, rio Papuri.



1295 – O Posto do S. P. I. em Melo Franco, no rio Papuri, está situado numa barranca alta.



1296 – Posto do S. P. I. Melo Franco em 1938, com seu encarregado, Sr. Alcides Castro Rocha, e a povoação indígena Melo Franco.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1297 – Povoação indígena de Melo Franco. Rio Papuri. Fronteira Brasil-Colômbia.



1298 – Marco de Fronteira em Melo Franco, rio Papuri.

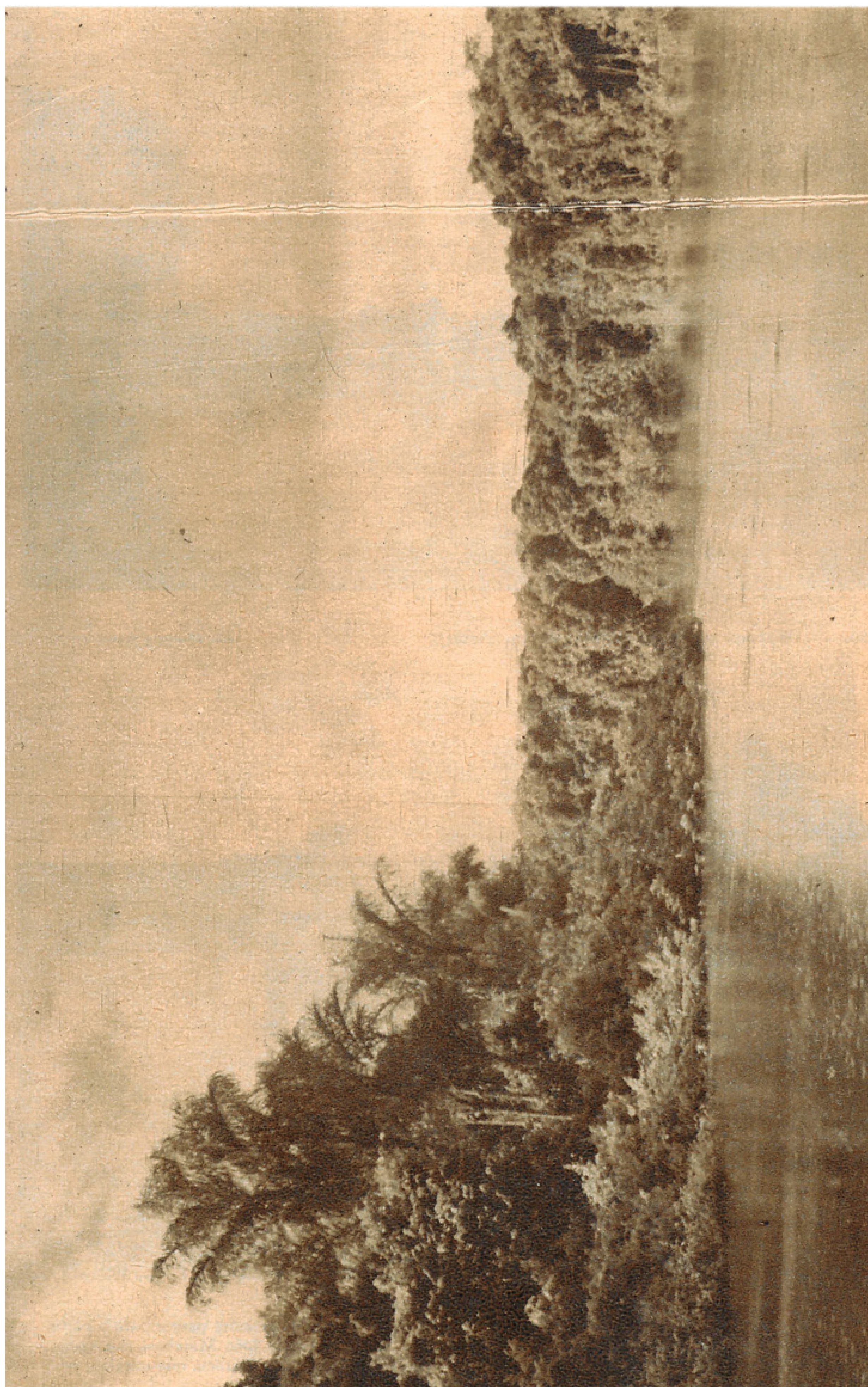
Fotos Charlotte Rosenbaum



1299 – O Rio Tiquié é também de rara beleza, mas muito diferente do rio Negro.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1300 – Rio Tiquié.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1301 – A água do rio Tiquié é avermelhada de um tom de terra de Siena, clara, tranquila; o mato rico de grande escala de tonalidades parece uma espécie de veludo: só, de vez em quando passa uma garça branca devagar, transmitindo em tudo o senso de uma doce melancolia de saudade desconhecida.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1302 – Uirapoço, povoação indígena no rio Tiquié.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1303 – Os índios de Uirapoço, atraídos pela nossa chegada, andam com grandes passos para o porto, orgulhosos, desconfiados ainda. Quando reconheciam entre nós o padre João Marchesi, seu amigo, voltou-lhes rapidamente a confiança, mas não a completa tranquilidade. Parecia que queriam perguntar com os olhos: "Por que veio trazer-nos pessoas estranhas para cá?"



1304 – Pari-Cachoeira no rio Tiquié. Os índios aguardando que a Insp. de Fronteiras faça a distribuição de remédios de que necessitam para curar-se de ferimentos diversos, da malária e outras doenças. Mas a população indígena neste lugar é forte e de grande robustez.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1305 – Rio Tiquié. Na Pari-Cachoeira deixam-se lançar os índios pelas águas por entre os rochedos como se fossem peixes. Na fotografia se vê também diversos cacuris, armadilhas para pegar peixes.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1306 – Caruru-Cachoeira. Rio Tiquié.



1307 – Trecho do rio Tiquié.



1308 – Jatuca-Cachoeira. Rio Tiquié.
Foto Charlotte Rosenbaum



1309 – Índios atravessando com suas canoas a perigosa Ipocu-Cachoeira.
Foto Charlotte Rosenbaum

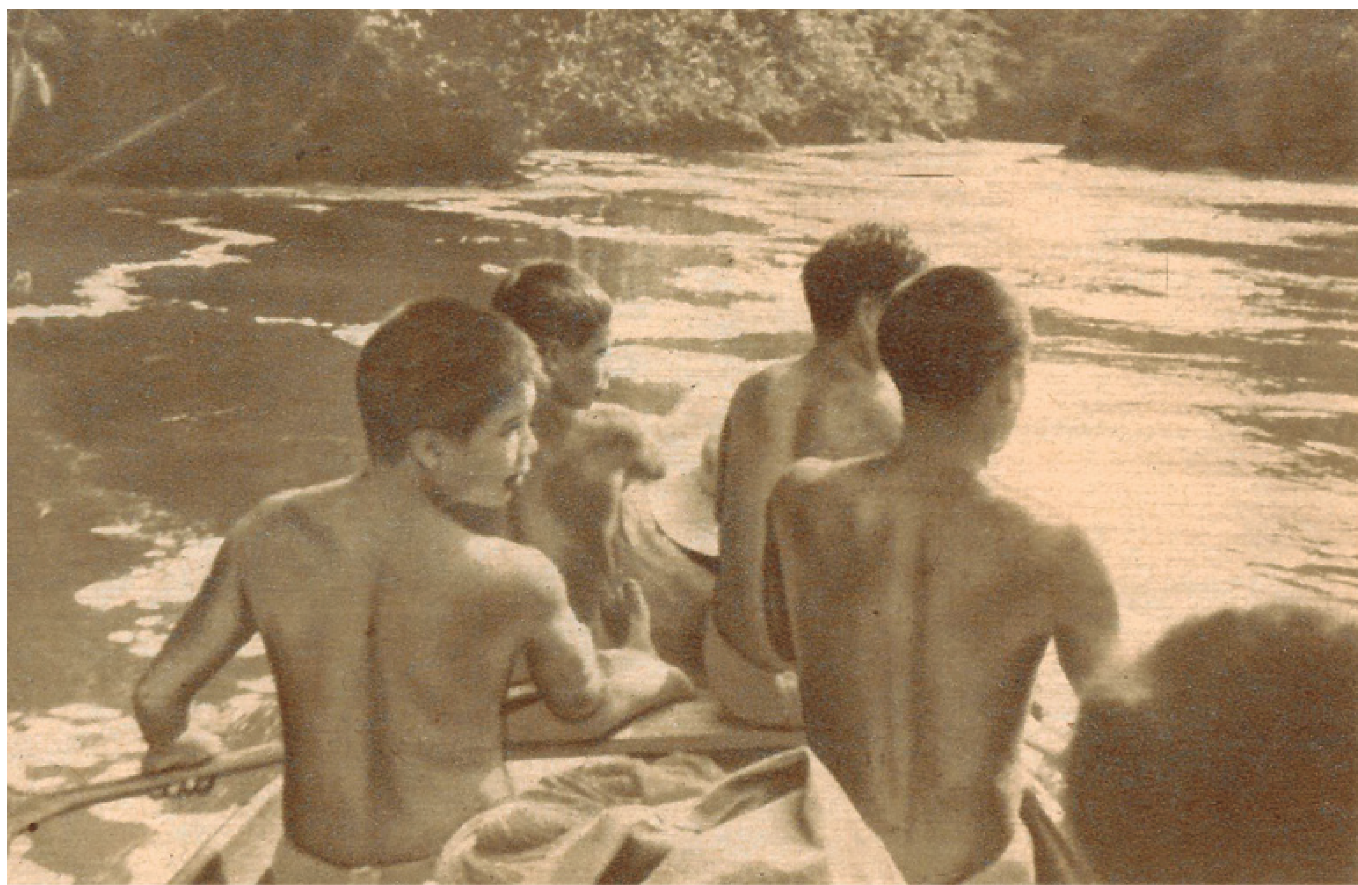


1310 – Índios da nossa tripulação de canoas, constituída de diversas tribos, pulando em fila indiana de pedra em pedra. Um quadro empolgante e original, vendo-se as figuras bronzeadas em movimento, com precisão e firmeza, atingir o seu alvo sem hesitar ou errar.



1311 – A bela Ipocu-Cachoeira.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1312 – Índios tucanos remando no rio Tiquié.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1313 – São João, rio Tiquié. A aldeia dos índios tuiucas, a dois quilômetros do marco da fronteira com a Colômbia. Os índios ainda primitivos, mas pacíficos.



1314 – Marco de Fronteira do Brasil no rio Tiquié. Índios tuiucas e tucanos interessam-se vivamente pela máquina cinematográfica do major Reis.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1315 – Os futuros vigias da fronteira brasileira. Rio Tiquié. Em ótimas condições encontramos o marco que os índios muito apreciam, roçando e limpando os matos que o possam encobrir.



1316 – O tuxaua tuiuca (lado direito) e seu vizinho e amigo da margem oposta, da mesma tribo, e de igual graduação, assinalada pelos adornos de quartzo no pescoço, igual aos dos chefes uanana no rio Içana.



1317 – E os filhos. Não é difícil de reconhecer o filho de cada um dos chefes. Deve existir uma influência do sangue tribal diferente entre uma e outra família, talvez pelos casamentos repetidos com diferentes tribos.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1318 – O velho tuxaua tuiuca de São João no rio Tiquié conservou (1938) ainda um ódio tremendo contra os brancos. Só depois sob a promessa de nossa parte de não pedir nem levar quaisquer objetos ou enfeites da tribo, deu a licença à juventude que queria dançar como em todo o mundo apraz gente nova. Mas deixou transparecer todo o seu rancor, preferindo canções de guerra e ódio contra os brancos (pelos dizeres do rev. padre João Marchesi, que nos acompanhou e conhece a língua) punindo a juventude com passos mais forçados, empunhando e usando o maracaxá com verdadeira fúria, quando os jovens começavam a relaxar a disciplina e não tomar a sério o comando do chefe.

1319 – E o filho jovem ainda parece ser já muito mais amigo dos civilizados. Hoje, depois de 15 anos, quem sabe, com ideias mais amadurecidas talvez entenda melhor o pai, ou seja já civilizado?

Cine major Tomás Reis





1320 – Índios tucanos ajudando ao índio tuiuca a fechar o complicado adorno de delicadas penas de garças.
Cine major Tomás Reis



1321 – Índios tuiucas, tucanos e tarianos em preparativos de festa em São João. Rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1322 – Danças indígenas em São João. Rio Tiquié.



1323 – Outra dança. Ao som dos cariços, só dançam os músicos.
Fotos Charlotte Rosenbaum



1324 – Pelo uso de maracaxãs a dança dos tuiucas é muito mais disciplinada do que a dos índios uananas no rio Içana.



1325 –
Cine major Tomás Reis



1326 – Eles observam bem a distância e os passos.



1327 –

Cine major Tomás Reis



1328 – Com as mulheres dançam nas mesmas condições...



1329 –
Cine Major Tomás Reis



1330 – ... e, mesmo, feitos os passos com grande velocidade, ainda dá um aspecto com ritmo e grande beleza, nos gestos que acompanham às danças.



1331 –

Cine major Tomás Reis



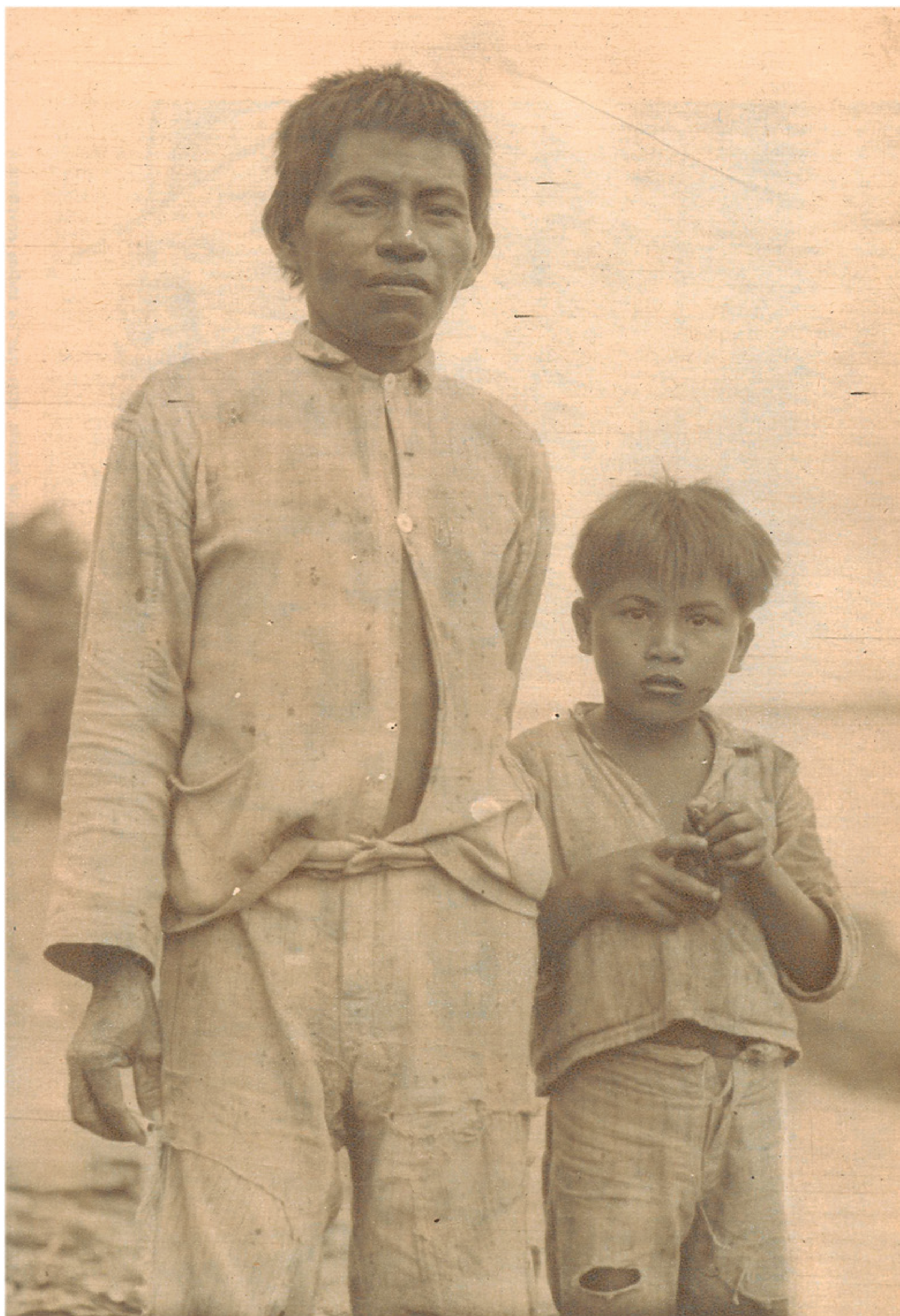
1332 – Os tuxauas da tribo tuiuca dançando. As fotografias mostram bem o uso de maracaxás. Rio Tiquié.



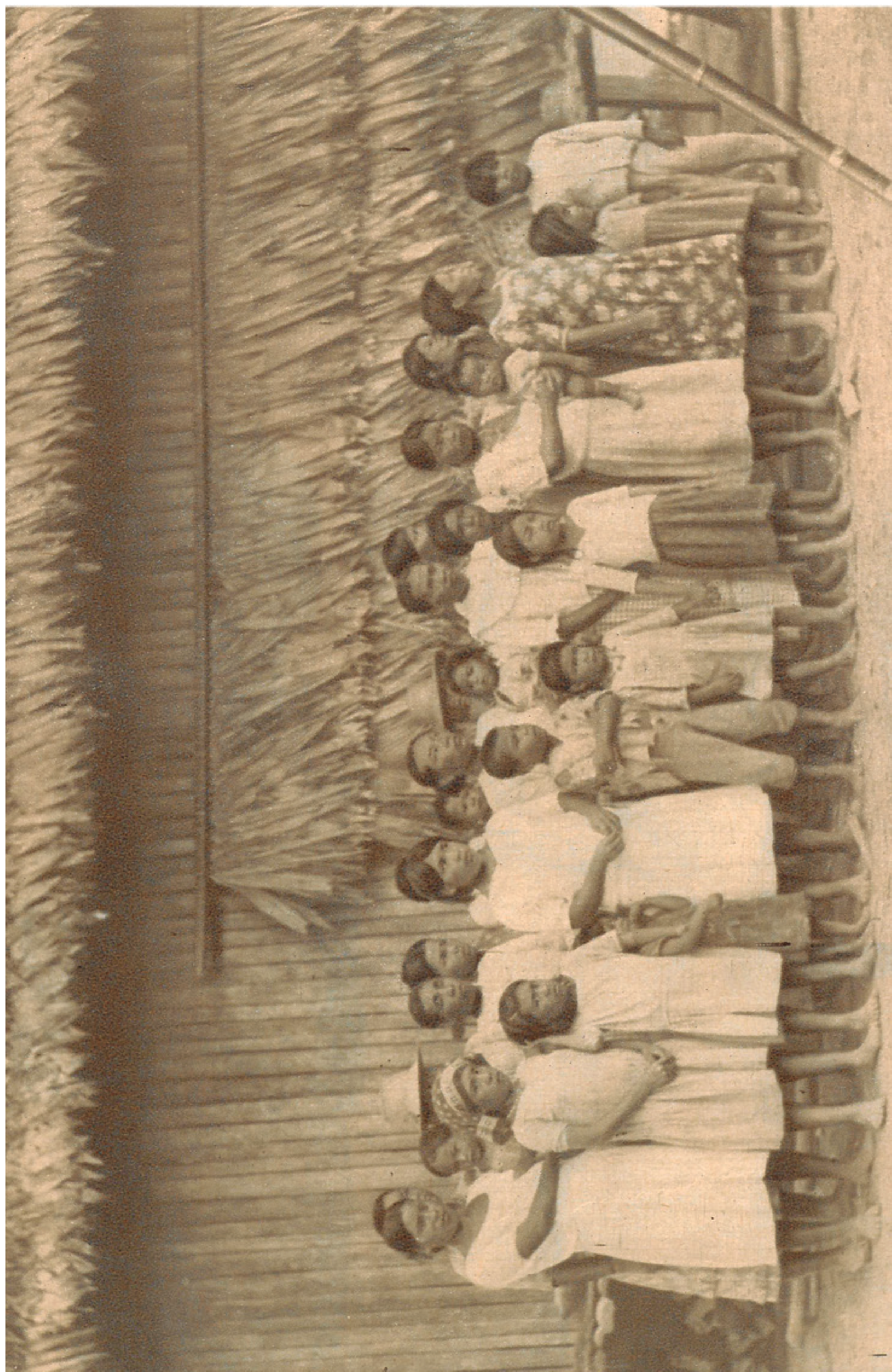
1333 – Rio Tiquié. Tuxauas da tribo tuiuca.

Cine major Tomás Reis

Índios ticunas



1334 – Índio ticuna com seu filho. – Rio Solimões
Foto Dr. B. Rondon



1335 – Grupo da afamada tribo ticuna, do rio Solimões, conhecida por sua fabricação de curare, com que os índios envenenam suas flechas, substância que, atualmente, nas mãos dos médicos, representa as suas qualidades maravilhosas contra a paralisia infantil segundo recentes publicações e experiências realizadas na América do Norte.

Foto Dr. B. Rondon

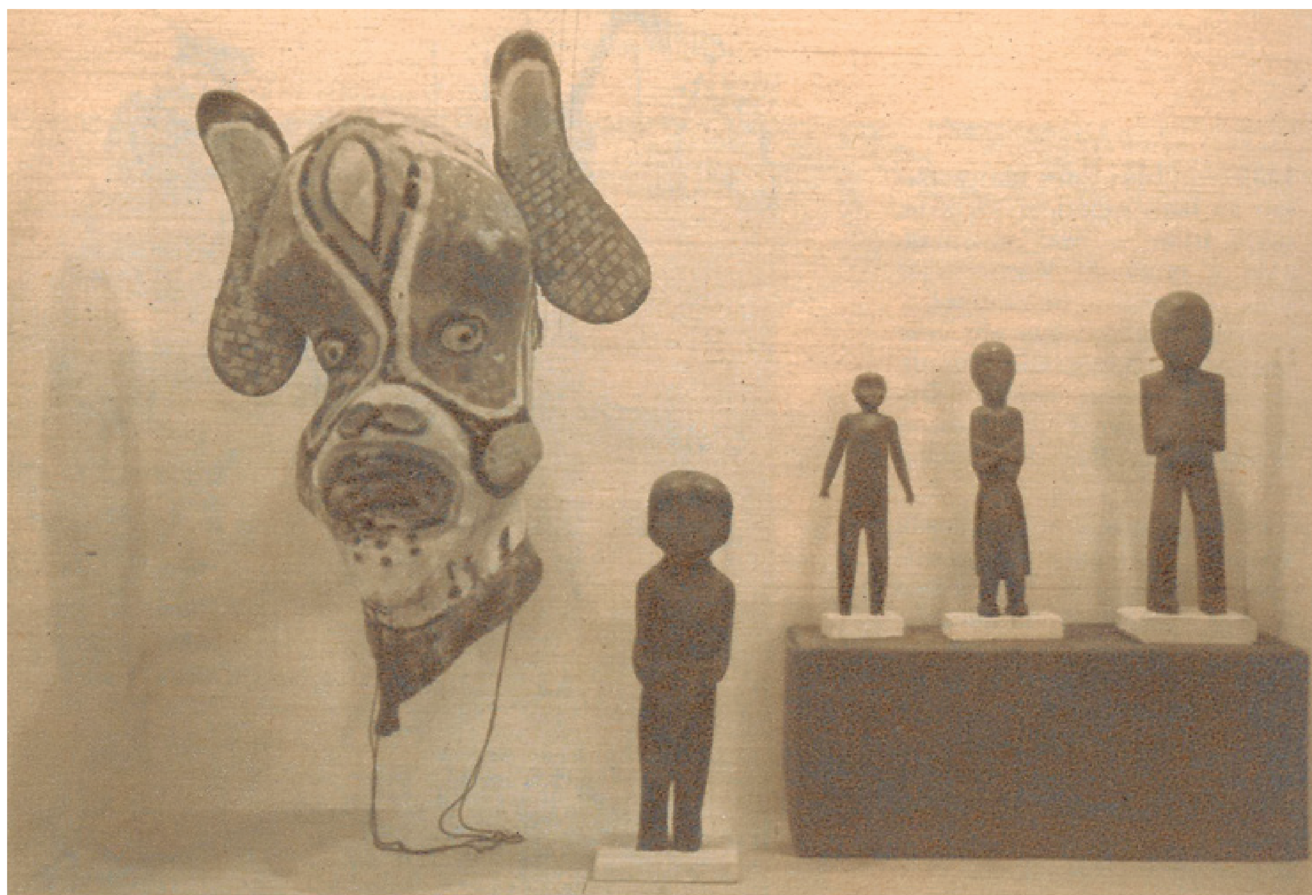


1336 – Boneca mascarada (Museu Nacional) com vestimenta cerimonial dos índios ticunas, exposta durante a Semana do Índio, no Ministério do Trabalho. As cores usadas são diversas, preto-azulada obtida do jenipapo; um amarelo, provavelmente de uma raiz. Usada também pelos índios do rio Uaupés; e outras mais comuns.

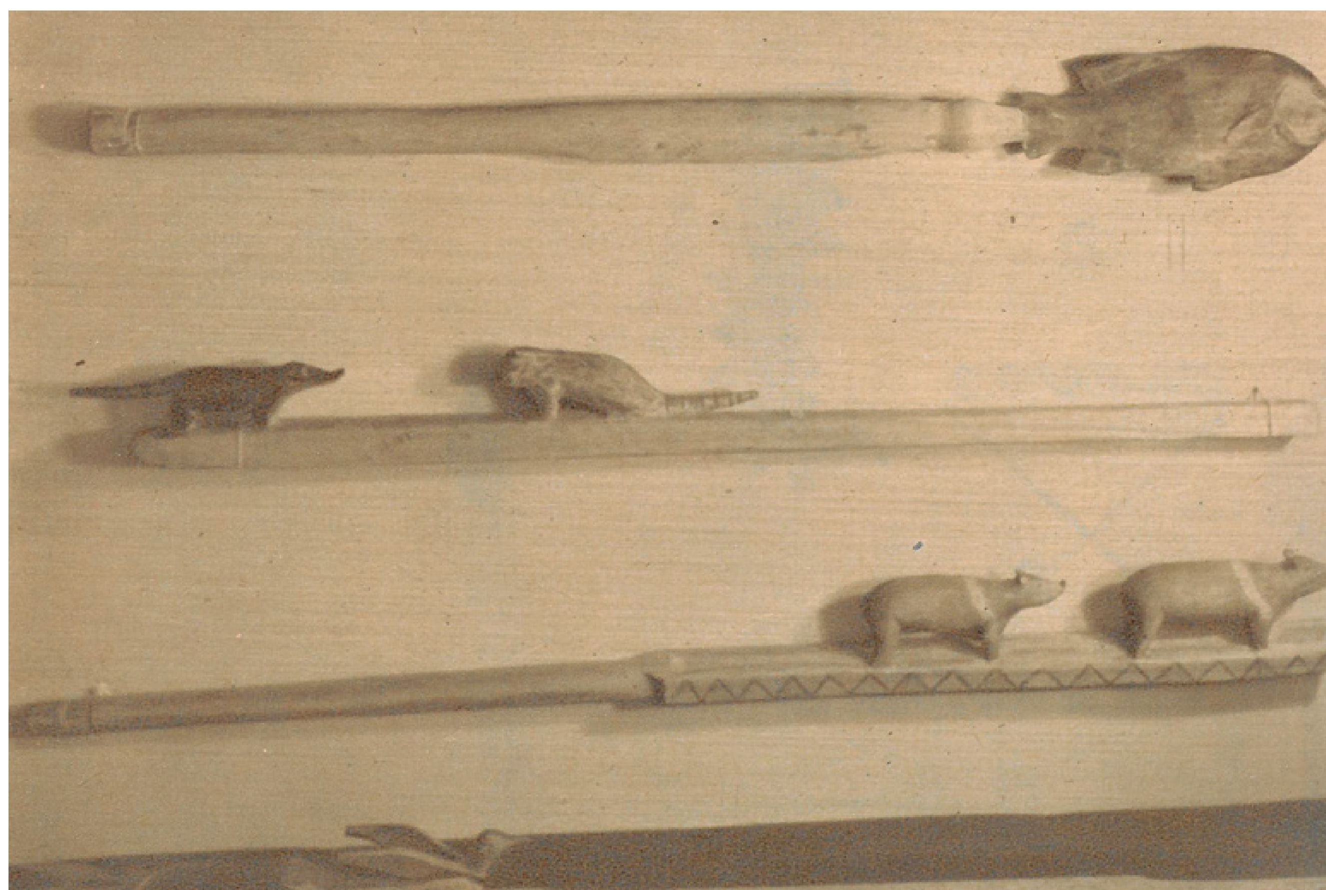


1337 – Mas estes índios não são só bons químicos. A arte, nesta tribo, é bem desenvolvida e original. Vemos aqui uma entrecasca de Tururi,... pintada e modificada em uma vistosa indumentária usada em suas danças rituais. Objeto pertencente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Fotos Charlotte Baumwald



1338 – Máscara e esculturas de madeira manufaturadas pelos índios ticunas. Rio Solimões.



1339 – Bastidores de dança dos índios ticunas. Rio Solimões. (Museu Nacional.)

Índios da região do Rio Branco



1340 – Vista Alegre, Rio Branco.



1341 – Vista Alegre, no Rio Branco, é o lugar onde faleceu o grande alemão Theodor Koch-Grünberg, vitimado pela malária.
Fotos Dr. B. Rondon.



1342 – General Rondon com seus oficiais visitam o túmulo deste grande cientista e amigo dos índios, que estudou os seus idiomas e costumes, na região do rio Branco, Roraima e rio Negro.



1343 – Cidade de Boavista, no rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon



1344 – Limite de navegação: Caracaraí.



1345 – O rio Branco durante uma grande enchente.
Fotos Dr. B. Rondon.



1346 – Em viagem podem ser vistos os ranchos de seringueiros (barracas, segundo a terminologia local)...



1347 – ... e as cerradas matas de Cecrópias.

Cine major Tomás Reis.



1348 – Vastas regiões marginais alagadas, onde medram as ramagens de trepadeiras.



1349 –

Cine major Tomás Reis



1350 – Transporte de cachos maduros de palmeiras açaí. A mucilagem dos seus cocos, diluída n'água fornece um excelente refresco alimentício.



1351 – Outra vista do transporte dos cachos maduros.

Cine Major Tomás Reis



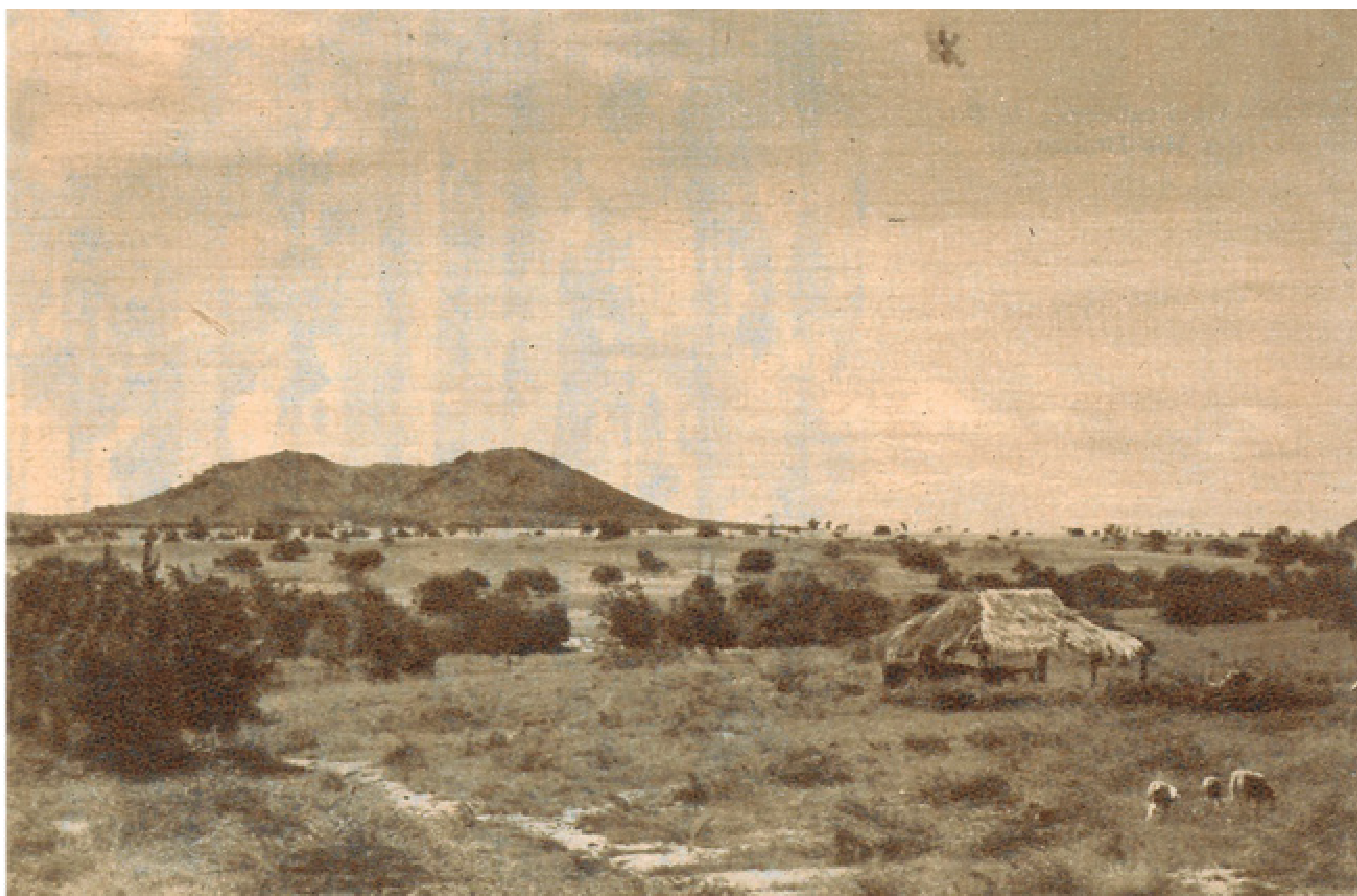
1352 – A tartaruga serve de alimento de primeira ordem nos cardápios do sertão.
Cine major Tomás Reis



1353 – Uma cabeceira de buritis. Rio Branco.
Foto Dr. B. Rondon



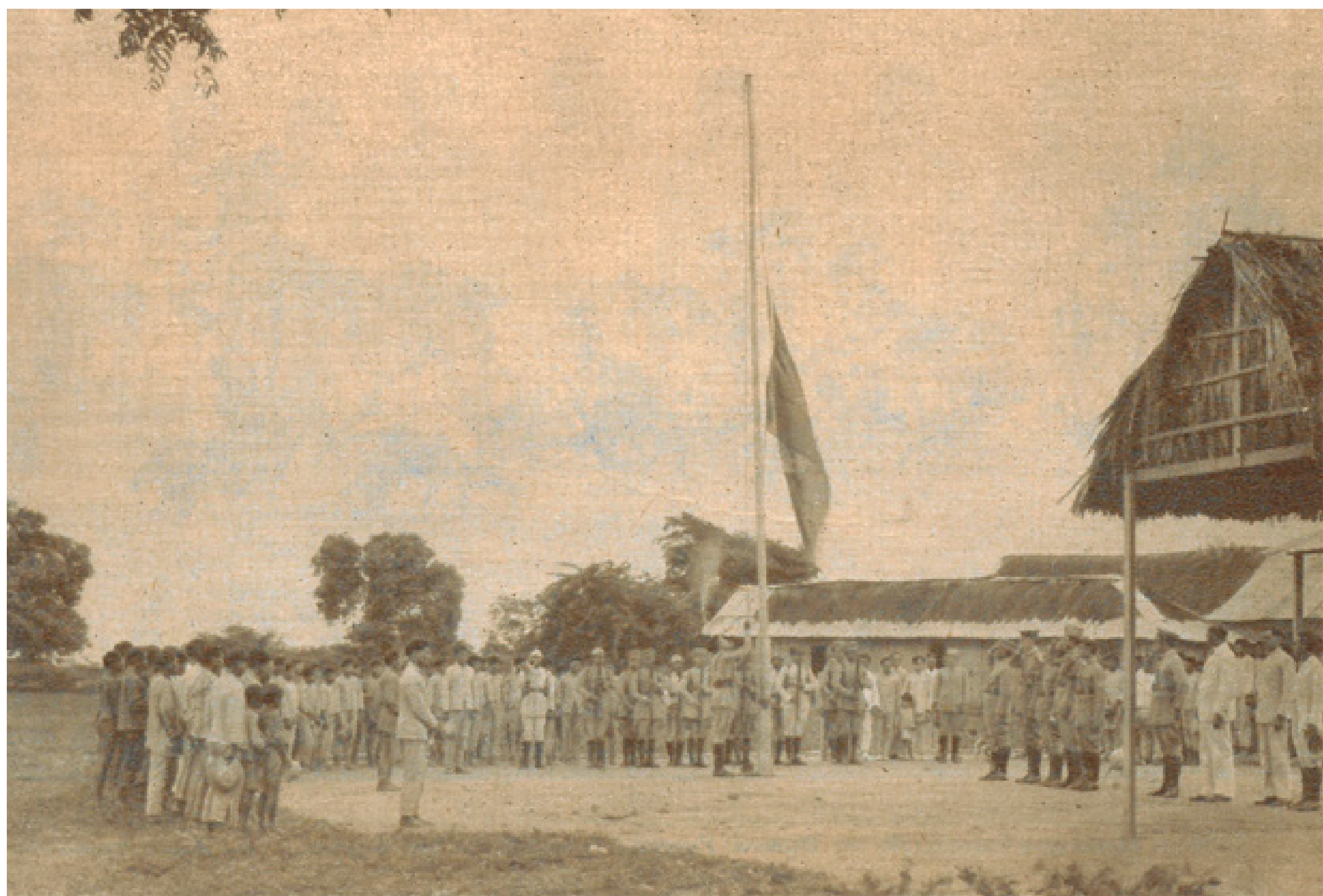
1354 – Aspectos do alto rio Branco, vendo-se a Serra Grande ou Tarumã.
Cine major Tomás Reis



1355 – Morro Urubu – São Marcos. Rio Branco.
Foto Dr. B. Rondon



1356 – Lagoa dos lavradores da Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco.
Fotos Dr. B. Rondon



1357 – Festa da Bandeira, em 19 de novembro de 1927, na Fazenda Nacional de São Marcos.
Foto Dr. B. Rondon.



1358 – Gado crioulo na Fazenda Nacional de São Marcos, rio Branco, onde se cria o gado do Amazonas.
Fotos Dr. B. Rondon.



1359 – Haras nos Campos do rio Branco. Fazenda Nacional de São Marcos.
Cine major Tomás Reis.



1360 – Cavaleiros com os lindos exemplos dos haras de São Marcos. Fazenda Nacional. Rio Branco.
Cine major Tomás Reis.



1361 – Índios uapixanas do rio Uraricuera em visita ao general Rondon, na Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco.
Foto Dr. B. Rondon



1362 – Fazenda São Marcos. Regresso da expedição ao alto Uraricuera.



1363 – Índios uapixanas. Maloca do Paulão. Rio Branco.
Fotos Dr. B. Rondon



1364 – Velho casal de índios uapixanas. Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco.



1365 – Distribuição de sal aos índios uapixanas, no rio Tacutu.

Fotos Dr. B. Rondon



1366 – Distribuição de brindes aos índios uapixanas. Rio Branco.



1367 – Mulher da tribo uapixana, com seu filhinho.

Fotos Dr. B. Rondon



1368 – Índios uapixanas do rio Tacutu.
Fotos Comissão Rondon



1369 – Crianças uapixanas. Maloca Tereneio, na margem do rio Jacamim, afluente do rio Branco.



1370 – Índios uapixanas. Maloca Tereneio. Rio Jacamim, afl. do rio Branco.



1371 – Meninas uapixanas do rio Branco.
Foto Comissão Rondon



1372 – Índios uapixanas. Rio Branco.



1373 – Pequena uapixana do rio Branco.
Foto Dr. B. Rondon.



1374 – Do lado esquerdo se vê um índio uiacá e do direito um carimé. Rio Caratirimani, afl. do rio Branco.
Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



1375 – Índias carimés. Rio Caratirimani.



1376 – Índios pauchianas, baixo rio Caratirimani.
Fotos Exp. Carlos Lako e Salathe



1377 – Maloca dos índios carimés. Rio Caratirimani.

Fotos Exp. Carlos Lako e Salathe



1378 – Maloca dos índios pauchianas. Baixo rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



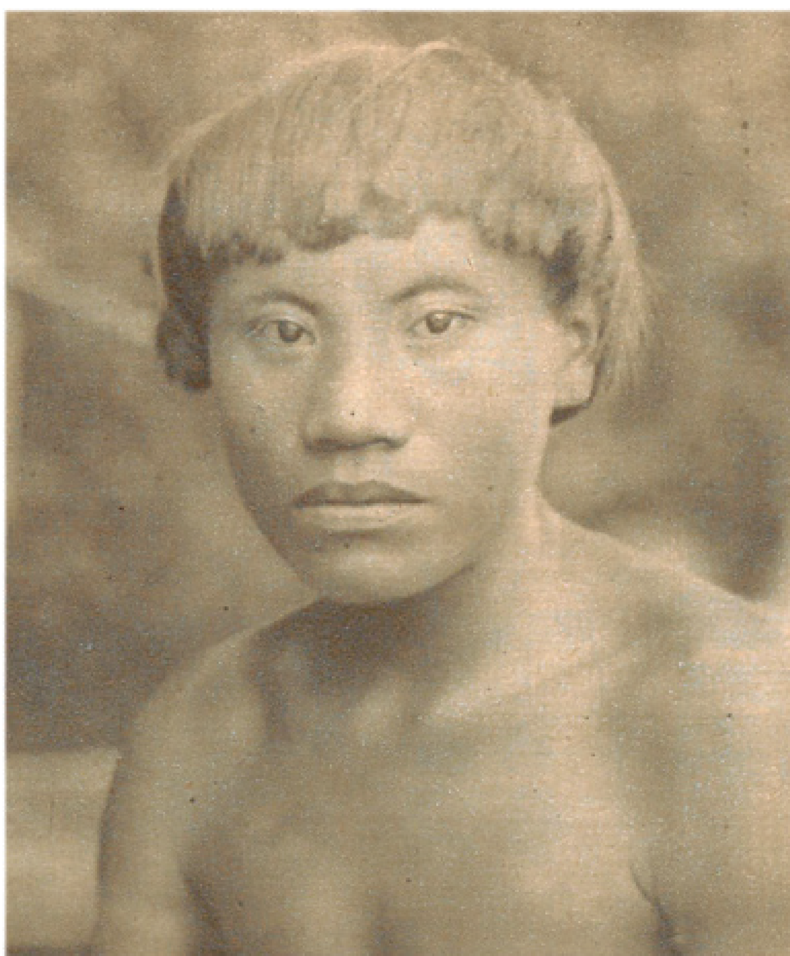
1379 – Subida do rio Uraricuera para as cabeceiras na serra Parimã.



1380 – Ten. Joaquim Rondon e índios da tribo xirianã que auxiliaram a turma durante os reconhecimentos realizados na fronteira Brasil-Venezuela, em outubro e novembro de 1927.

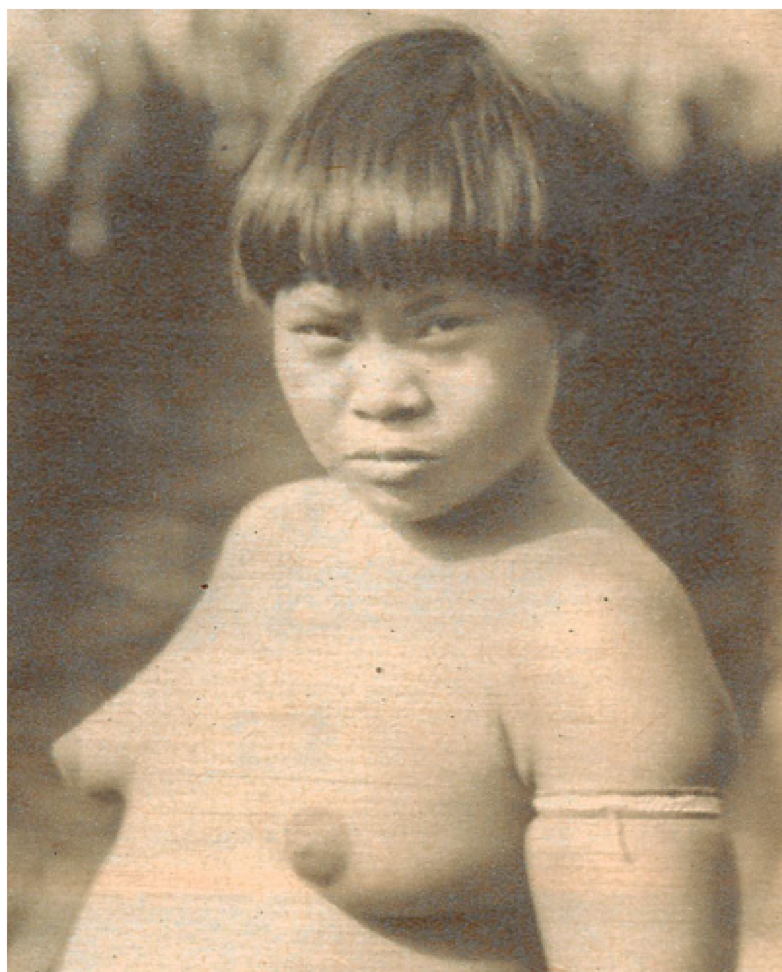


1381 – Jovem índio xirianã do rio Uraricapará. Os xirianãs são de mediana estatura, tendendo para a baixa, porém fortes e saudáveis.



1382 – Tipo de índio xirianã, rio Uraricapará; ele, como todos da tribo, é um ótimo canoeiro, resistente e destro no manejo do remo, principalmente na passagem das cachoeiras.

Fotos cel. Joaquim Rondon



1383 – Índia xirianã. Rio Uraricapará.



1384 – O governo da tribo era exercido pelo índio mais idoso, sob o título de tuxaua.

Fotos cel. Joaquim Rondon



1385 – A turma dos expedicionários com suas canoas e os índios da tripulação, no rio Uraricapará.



1386 – Índio xirianã. Rio Uraricapará.

Fotos cel. Joaquim Rondon



1387 – Índio xirianã. Rio Uraricapará.
Fotos cel. Joaquim Rondon



1388 – O tuxaua da tribo xirianã. Os homens da tribo usam, como tanga, uma tira de chita vermelha.
Foto cel. Joaquim Rondon



1389 – Índio xirianã. Infelizmente nem um dos retratos mostra que esta tribo usa furar as orelhas e o lábio inferior, para introduzir penas de mutum, a título de adorno.

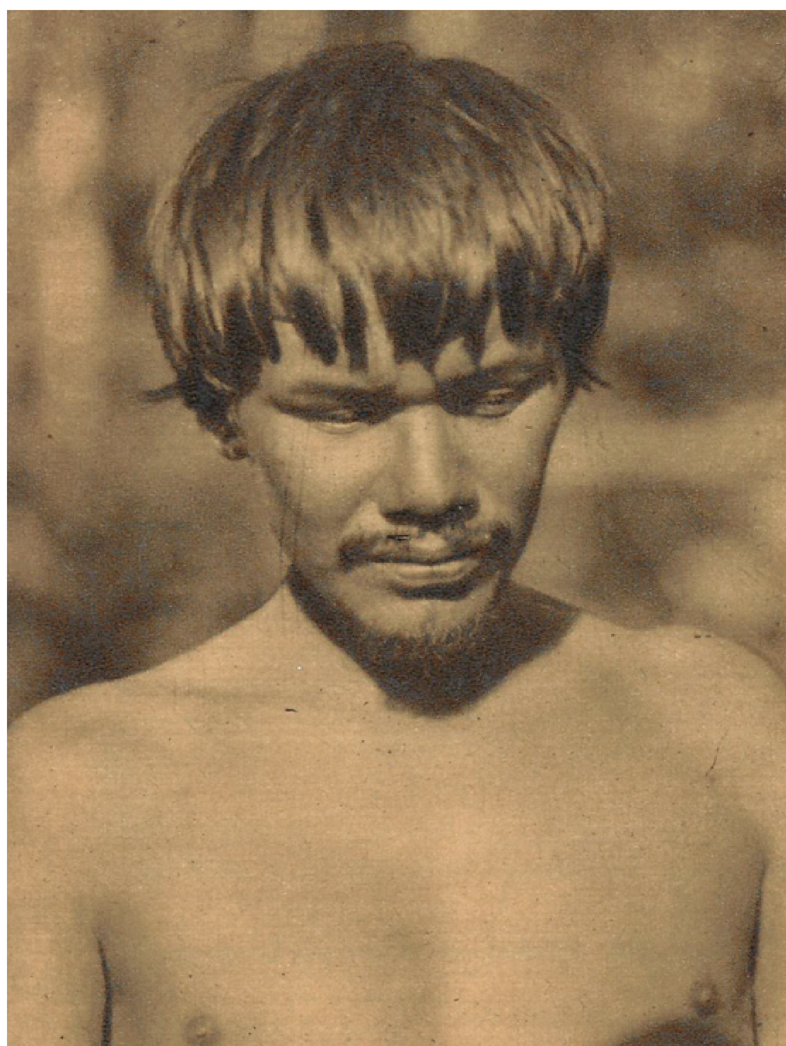


1390 – Índio xirianã

Fotos cel. Joaquim Rondon

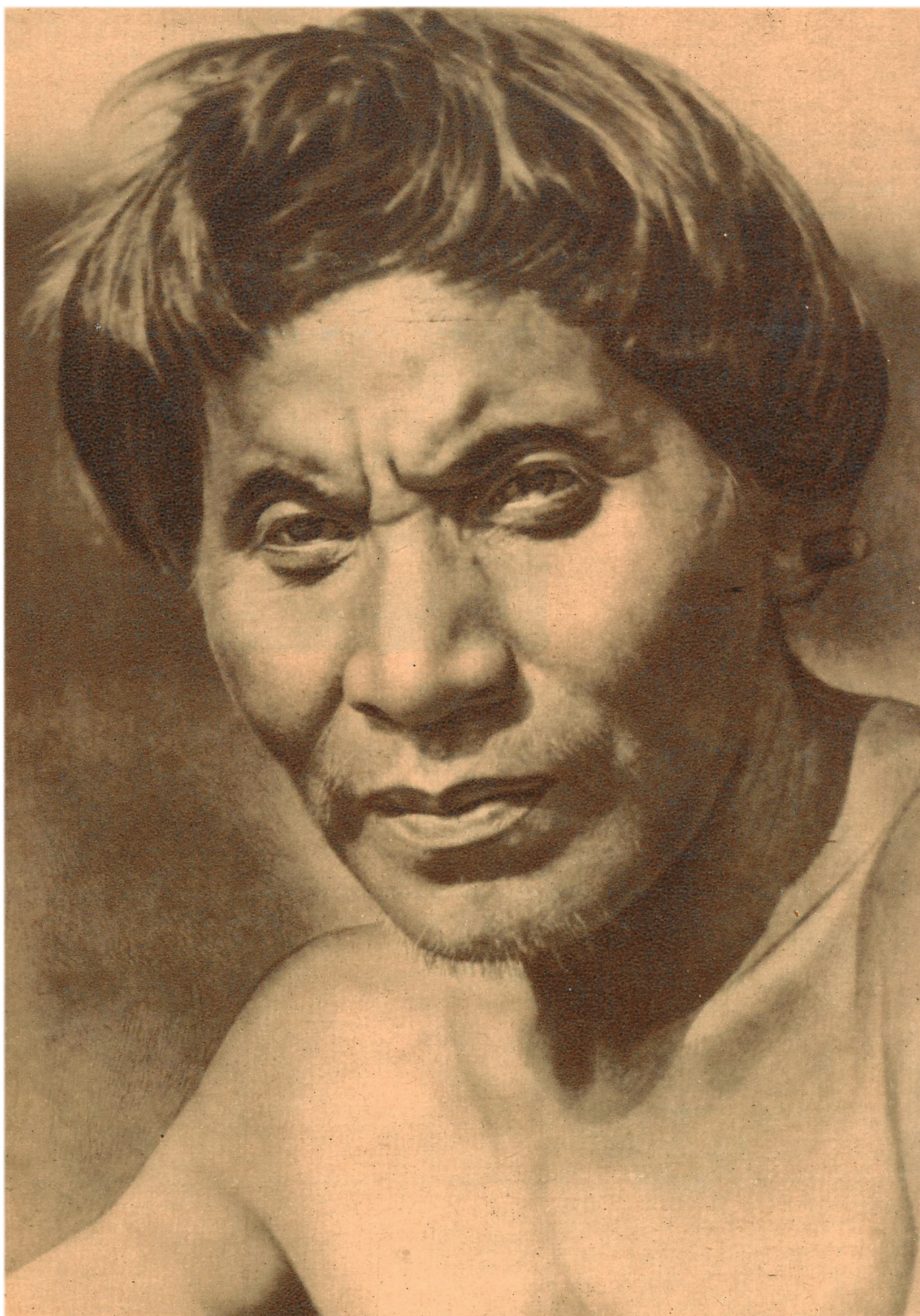


1391 – Índio xirianã. Rio Uraricapará.
Fotos cel. Joaquim Rondon



1392 – Outro xirianã. Como fato curioso, contou o cel. Joaquim Rondon que, por ocasião do início dos trabalhos, ao amanhecer, os índios despiam-se completamente e guardavam com muito cuidado as roupas recebidas nas ubás, até o fim da jornada, quando então, vestiam-se novamente.

Fotos cel. Joaquim Rondon

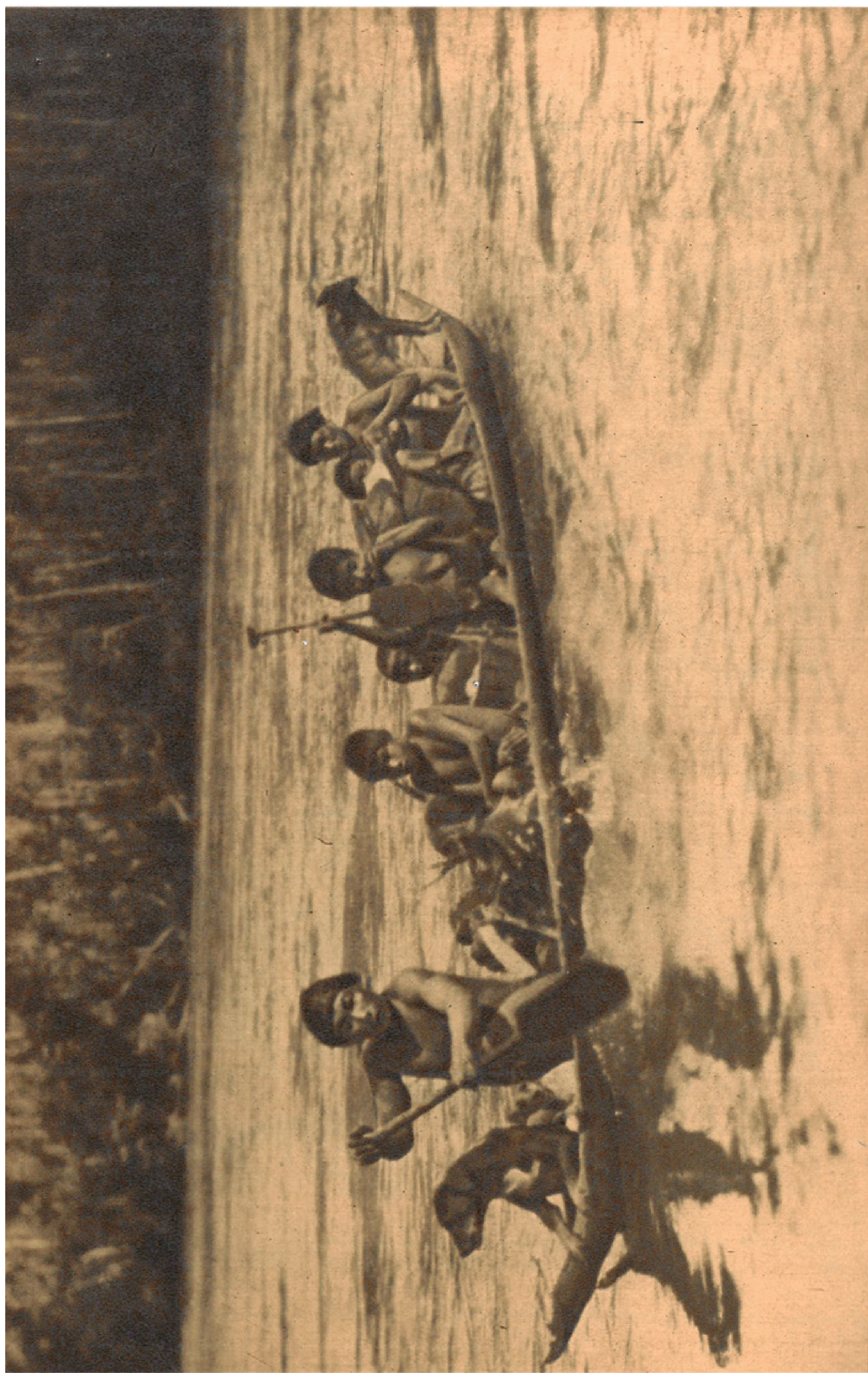


1393 – Índio xirianã, guia do então ten. Joaquim Rondon, até o alto do Uraricapará.
Foto José Louro.

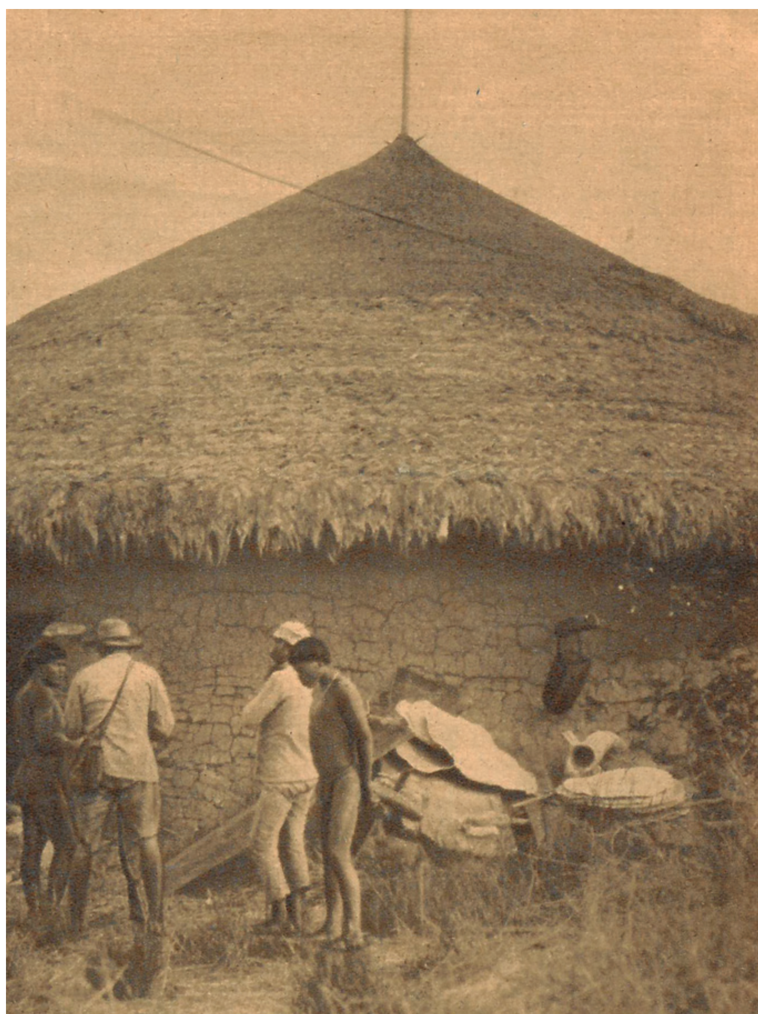


1394 – Mãe indígena da tribo maiongom. Rio Uraricuera. As mulheres usam uma espécie de tanga de lindo tecido de contas multicores.

Foto José Louro.



1395 – Índios maiongons, viajando no rio Uraricuera.
Foto José Louro.



1396 – Casa dos índios maiongons. Rio Uraricuera.
Fotos José Louro.



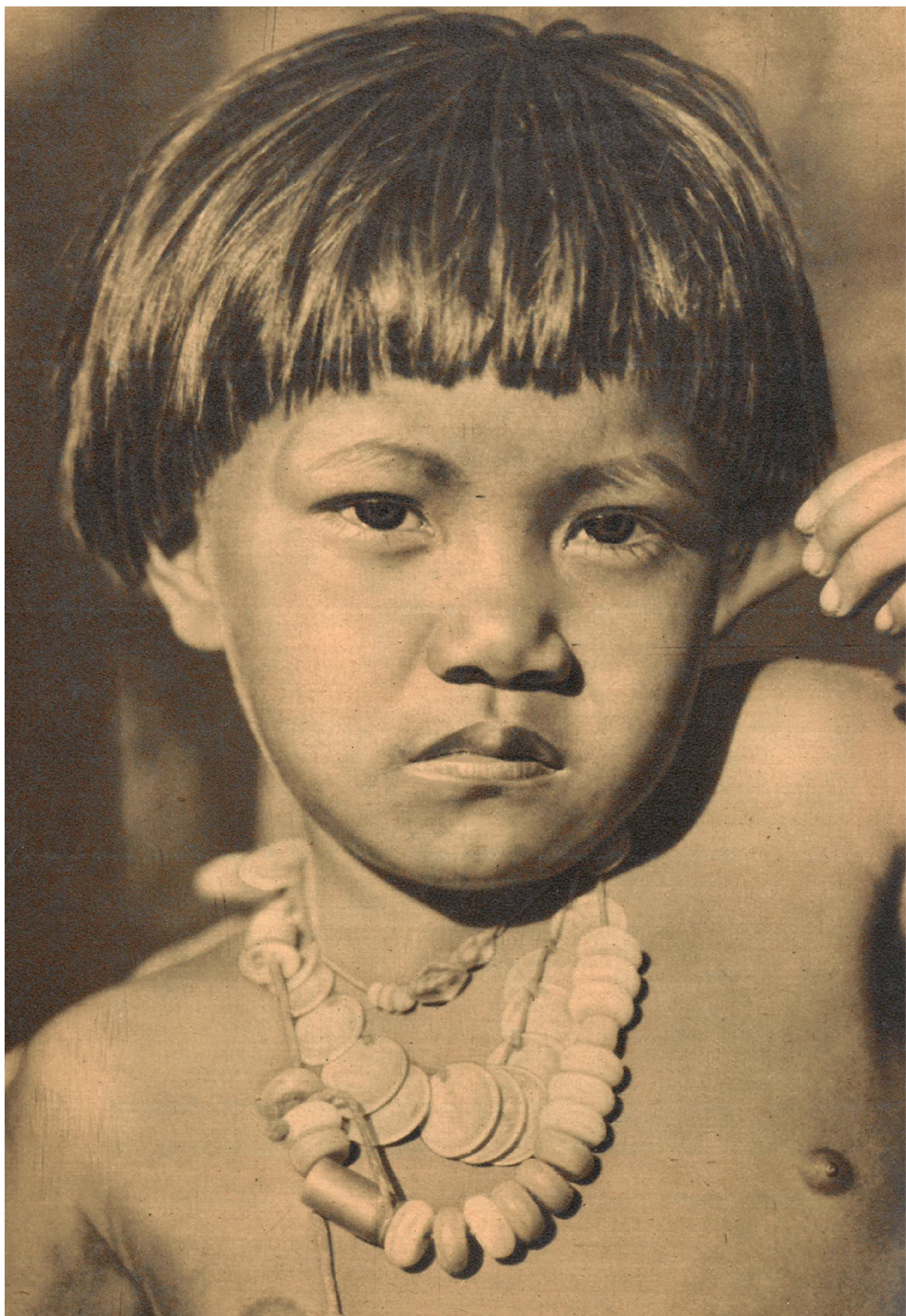
1397 –



1398 – Velha índia maiongom. Rio Uraricuera.
Foto José Louro.



1399 – Índio maiongom. Rio Uraricuera.
Foto José Louro



1400 – Este indiozinho da tribo maiongom gostou tanto de qualquer doce, sujando o lindo rosto. Para não perder a oportunidade não restou outra coisa ao fotógrafo, senão fazer o retrato, assim mesmo.

Foto José Louro



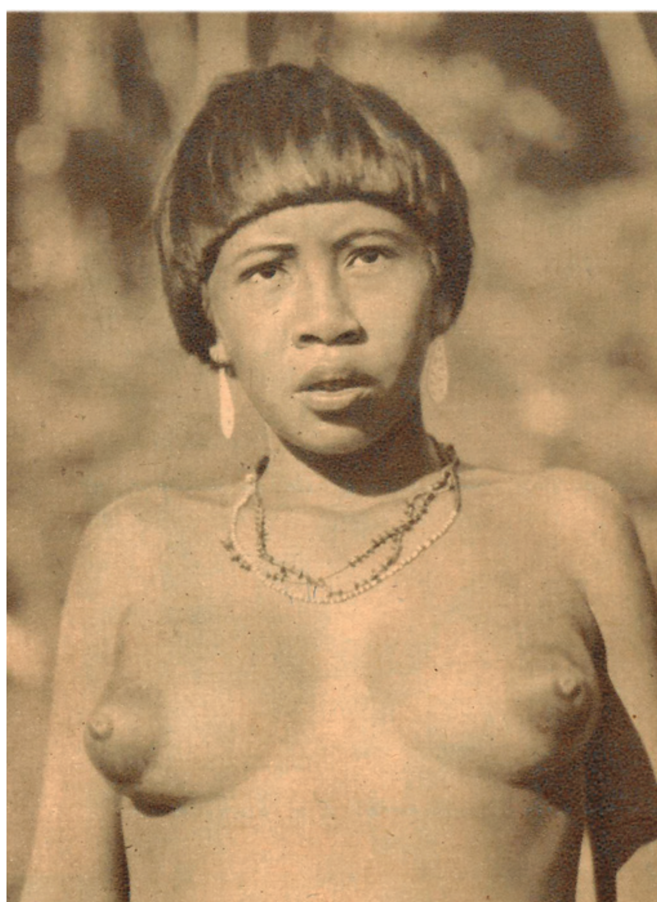
1401 – Índio maiongom. Rio Uraricuera.
Foto José Louro.



1402 – Índia maiongom. Rio Uraricuera.
Fotos José Louro.



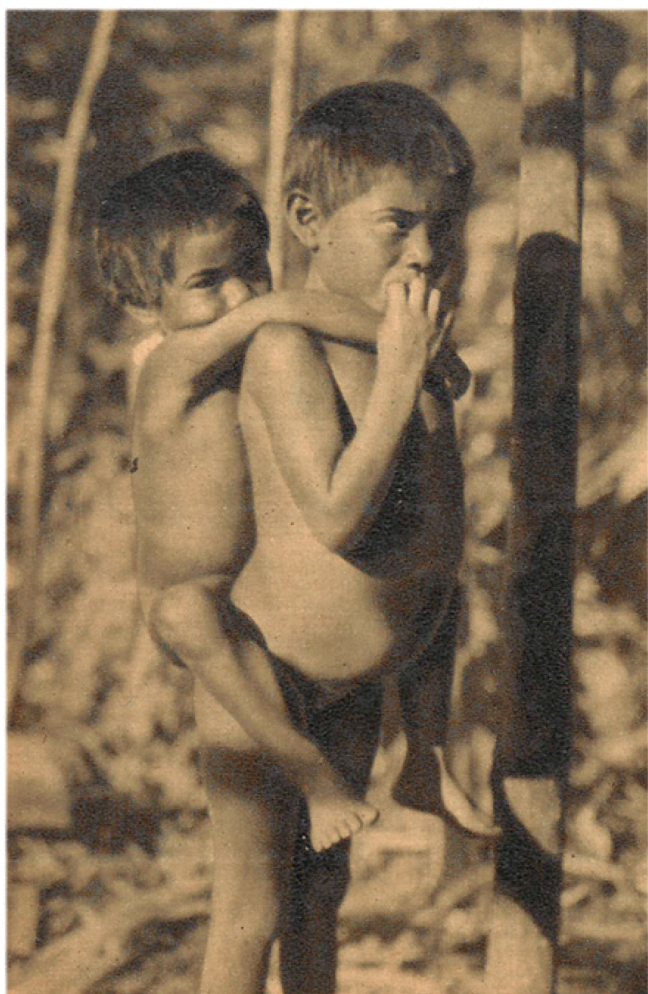
1403 – Grupo de índios da tribo Maiongom. Rio Uraricuera.



1404 – Índia maiongom. Rio Uraricuera.
Fotos José Louro.



1405 – Índio maiongom. Rio Uraricuera.



1406 – Pequenos índios maiongons.



1407 – Menino maiongons.
Rio Uraricuera.



1408 – Mãe maiongom. Rio Uraricuera.



1409 – Outra índia maiongom com seu filho.
Fotos José Louro.



1410 – Índia maiongom trabalhando com seu engenho tipiti com o qual os índios extraem a mandioca, espremendo o seu líquido.

Foto José Louro



1411 – Grupo de índias maiongons com seus filhos.



1412 – Índia maiongom, com crianças. Vê-se bem a bonita tanga da índia, tecida a mão, essa pequena peça de roupa feminina, segundo modelo na sua tribo.

Fotos José Louro



1413 – Índios "varando" uma canoa no rio Uraricuera.
Cine major Tomás Reis.



1414 – Foto mostra a destreza da manobra dos nossos selvícolas. Passagem da cachoeira Arucaimã na subida do rio Uraricuera.
Foto cel. Joquim Rondon



1415 – General Rondon mostrando um lindo galho de flores das margens do Uraricuera.
Foto Dr. B. Rondon.



1416 – Índias macus. Rio Uraricuera.
Cine major Tomás Reis.



1417 – Voltando da roça. Menino macu. (Alto Uraricuera)



1418 – Menino macu do rio Uraricuera
Cine major Tomás Reis.



1420 –
Cine major Tomás Reis



1419 – Índia Macu. Rio Uraricuera.



1421 – Índio macu. Rio Uraricuera.



1422 – Menino da tribo macu. Rio Uraricuera.



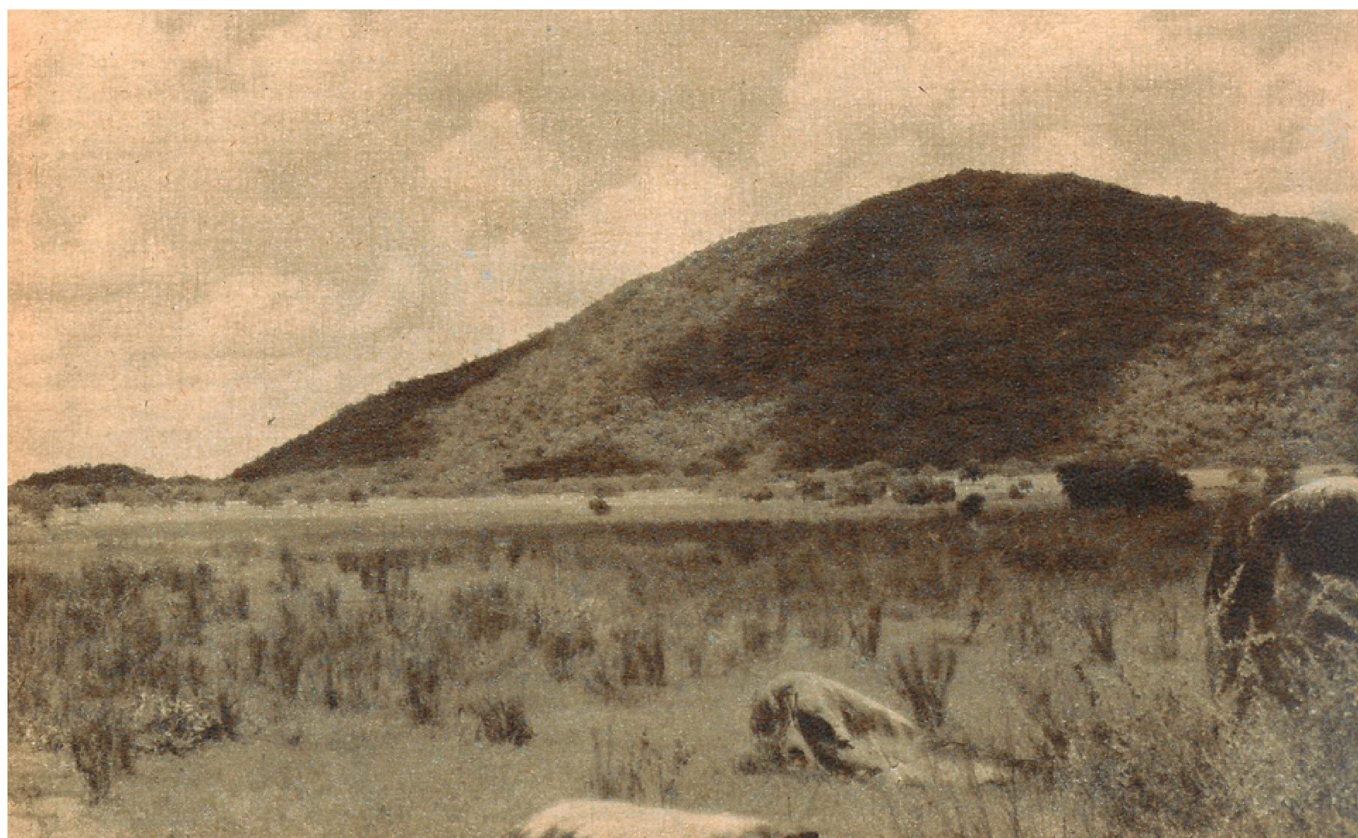
1423 – Maloca do tuxaua macu. Rio Uraricuera.



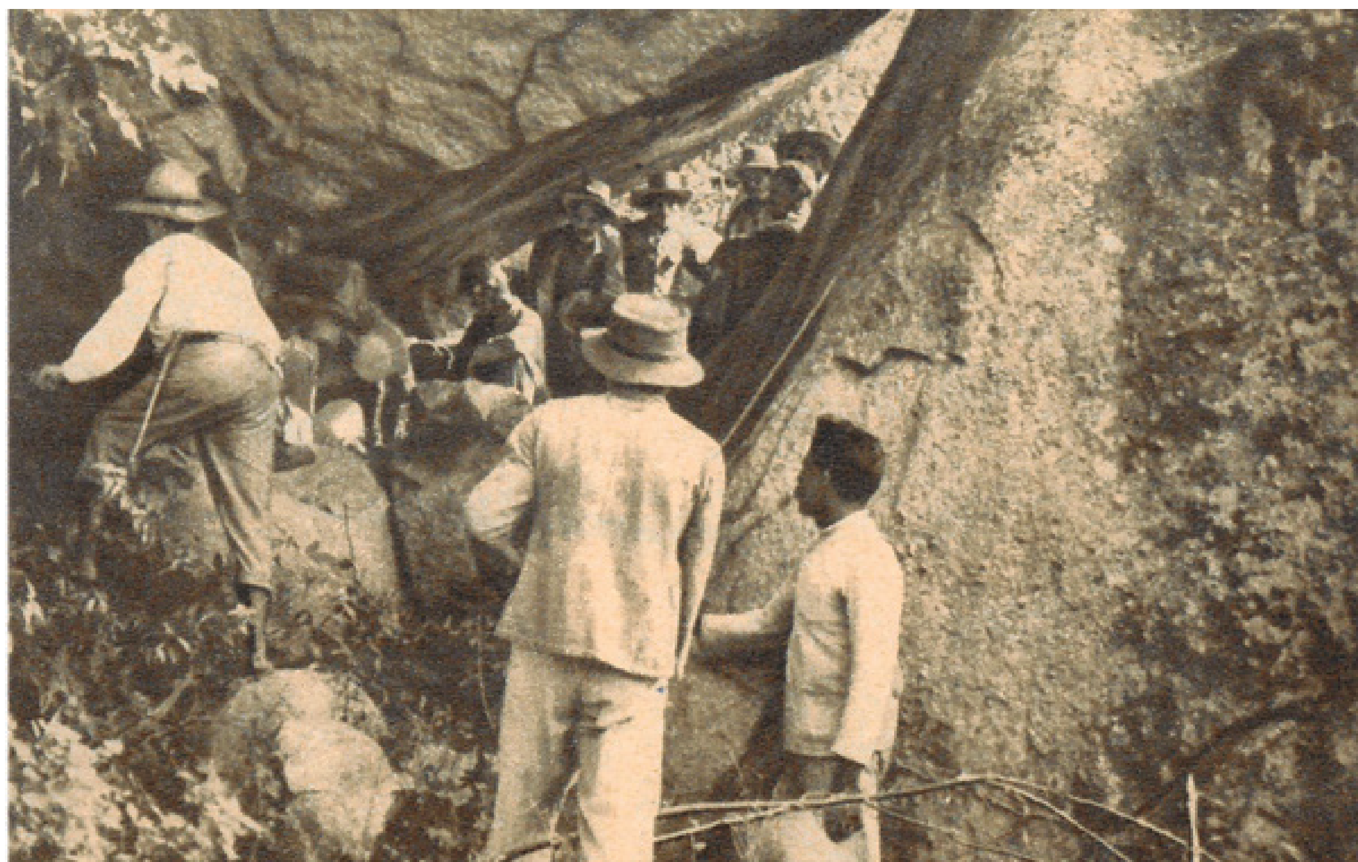
1424 – Um alçapão dá saída à fumaça.
Foto Dr. B. Rondon.



1425 – Índio macu. Rio Uraricuera.
Foto major Tomás Reis.



1426 – Campos salitrados de Surumu-Catinga.
Foto Dr. B. Rondon.



1427 – Urnas de barro, escondidas entre grandes pedras, guardavam ossadas humanas seculares.
Foto Dr. B. Rondon.



1428 – O monte Maruaí, onde foi descoberta a necrópole indígena.
Cine major Tomás Reis



1429 – No maciço granítico foi encontrada uma lapa circular, com mais duas igaçabas de forma diferente; uma delas cilíndrica, com cobertura em forma de um simples prato fundo.



1430 – A urna do cemitério de índios em tempos remotos, lisa sem nenhum desenho sobre as paredes do vaso, continha um esqueleto humano.

Cine major Tomás Reis



1431 – O general Rondon mandou recolher as urnas funerárias, levando-as para o Museu Nacional, através das dificuldades que um tal problema envolve.



1432 – Aldeia do Contam dos índios macuxis, rio Cotingo.
Foto Dr. B. Rondon.



1433 – Tuxaua Domingos e os seus macuxis da Aldeia do Contam.
Foto Dr. B. Rondon.



1434 – Dança da Parichara, dos índios macuxis. Aldeia do Contam.

Foto Dr. B. Rondon.



1435 – Travessia do Surumu – na Aldeia do Limão.

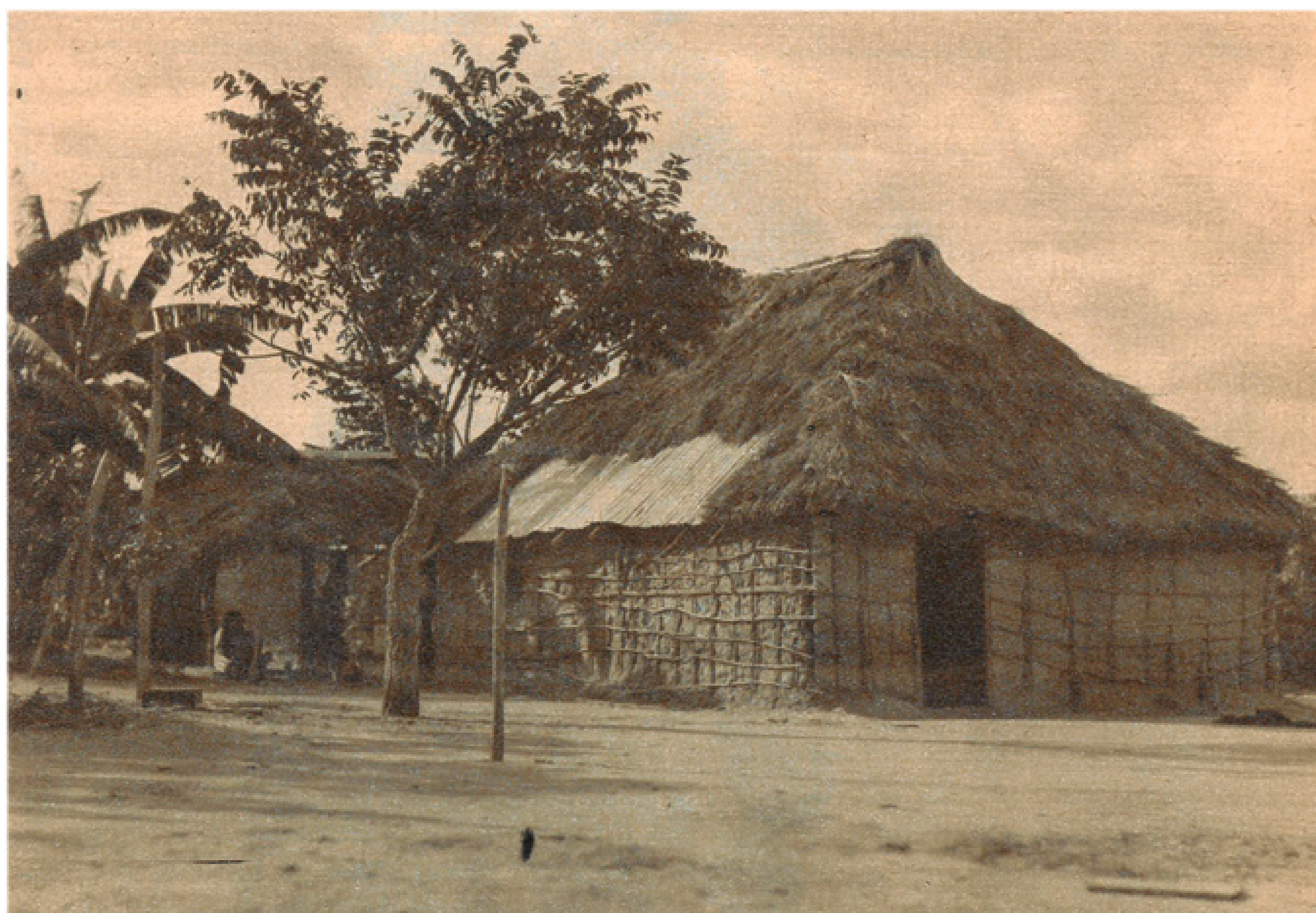


1436 – Dança da Parichara, dos índios macuxis na Aldeia do Contam, rio Cotingo.

Fotos Dr. B. Rondon.



1437 – O general Rondon, Mr. Tate, do Museu Nacional de Nova Iorque, major Reis e índios macuxis, no Limão, rio Surume.



1438 – Casa do tuxaua macuxi, na Aldeia do Limão, rio Surumu.
Foto Dr. B. Rondon.



1439 – A Aldeia do Barro está situada à margem esquerda do rio Surumu e no sopé da serra do Mel.
Foto Dr. B. Rondon.



1440 – Os índios da aldeia do Barro estão prontos para a partida, esperando sentados sobre a carga.



1441 – O tuxauaCipriano, da aldeia do Barro, prestou relevantes serviços à expedição; mas ao enfrentar a majestade da muralha do Roraima, tomado de súbito pela surpresa de tamanho perigo, que as narrativas indígenas diziam existir na subida de tão grande altura, mostrou seu arrependimento e as profundas emoções nessas toscas palavras, dirigidas a seu companheiro Davi: "Eu queria vir; mas, bem que não queria."



1442 – Últimos preparativos antes da marcha.
Cine major Tomás Reis.



1443 – O comboio era constituído de pedestres (índios macuxis) levando a carga às costas.



1444 – A expedição sob a chefia do general Rondon foi organizada com 180 índios macuxis da aldeia do Barro.



1445 – Lagoa do Sabino, ao pé da serra.
Cine major Tomás Reis.



1446 – Viagem rio Branco – Pacaraimã ao Roroimã.



1447 – Os ribeirões correm em vales profundos.

Cine major Tomás Reis.



1448 – Um afluente cheio, do Mian. Foi improvisada uma pinguela de buriti.



1449 – Desalojando uma sucuri do seu esconderijo.
Cine major Tomás Reis.



1450 – Muitos dias de marcha pelas serranias de Pacaraimã
Cine major Tomás Reis.



1451 – Os pedestres, cansados da longa jornada, desfilavam na forma do costume.



1452 – Subindo a serra Pacaraimã.
Cine major Tomás Reis.



1453 – As índias macuxis são excelentes carregadeiras, elas levam as crianças ainda, sentadas por cima da carga pesada.



1454 – O Roroimã definia-se ainda mal no horizonte, além do Coquenã.



1455 – Atravessando os campos da Venezuela.
Cine major Tomás Reis.



1456 – O bloco Roroimã, visto a 30 quilômetros de distância, ponto de maior altitude conhecido, pertencente a cordilheira de Pacaraimã



1457 – Tuxaua Paulo, conversando com outro chefe taurepã.

Foto Dr. B. Rondon.



1458 – A vida na aldeia do tuxaua André.
Cine major Tomás Reis.



1459 – O tuxaua Paulo, da tribo taurepã que muito auxiliou a escalada do Roroimã.
Foto Dr. B. Rondon.



1460 – O general Rondon em visita à aldeia do tuxaua André. Índios taurepãs.
Foto Dr. B. Rondon.



1461 – Casas dos taurepãs, na aldeia do tuxaua André.
Cine major Tomás Reis.



1462 – Aldeia de Marcelino, no sopé da serra Pacaraimã.



1463 – Acampamento do córrego Uailein.
Visita do tuxaua taurepã André.

Fotos Dr. B. Rondon.



1464 – Acampamento do córrego Uailein. O general Rondon tomando o caxiri tradicional da tribo taurepã. Os taurepãs deram muitos recursos de alimentação a troco de outros objetos.



1465 –

Cine major L. Tomás Reis



1466 – Habitantes da aldeia do tuxaua Paulo, da tribo taurepã.

Cine major Tomás Reis.



1467 – Tipo de homem taurepã.

Córrego Uailein.

Foto Dr. B. Rondon.



1468 – Mulher taurepã e seu filhinho.

Cine major Tomás Reis



1469 – Índia taurepã da aldeia do tuxaua Paulo, próximo de Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon.



1470 – Vida do acampamento – Córrego Uailein.
Cine Major Tomás Reis



1471 – O acampamento do córrego Uailein foi grandemente aumentado com os taurepãs.



1472 – Os taurepãs e suas mulheres acamparam com a expedição.



1473 –
Cine major Tomás Reis.



1474 – Uma das mais valentes carregadeiras taurepãs do Uailein
Foto Dr. B. Rondon.



1475 – Tipo de casa taurepã.
Foto Dr. B. Rondon.



1476 – Mulheres taurepãs do Uailein.



1477 – Tipo de homem taurepã.
Foto Dr. B. Rondon.



1478 – Tipo de menina taurepã
Foto Dr. B. Rondon.



1479 – Moças taurepãs, da Venezuela, em visita a seus parentes macuxis.
Foto Dr. B. Rondon.



1480 – Mulheres taurepãs do Uailein.



1481 –

Cine major L. Tomás Reis



1482 – Mulher taurepã



1483 – Velho taurepã
Cine major L. Tomás Reis.



1484 – Nos altos de marcha, os índios e suas mulheres eram aprovisionados de gêneros necessários à alimentação.



1485 – Com suas cuias esperam a sua vez.
Cine major L. Tomás Reis



1486 – Índia taurepã
Cine major L. Tomás Reis



1487 – Índias taurepãs com seus filhinhos, que acampavam com a expedição.

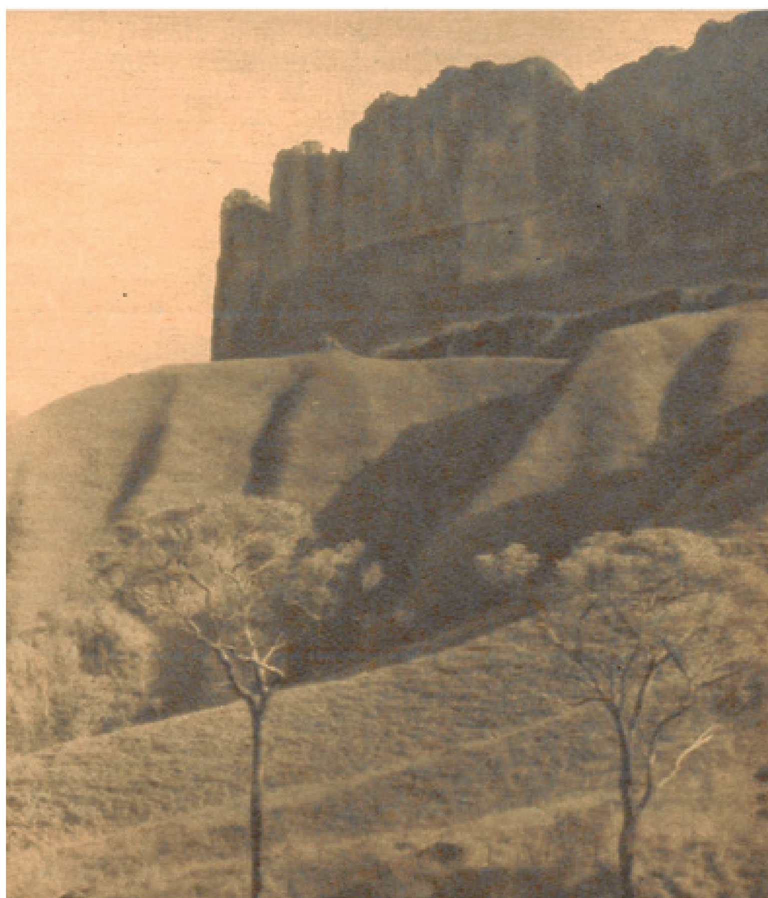


1488 – Travessia do Coquenã – base do Roroimã.
Foto Dr. B. Rondon.



1489 – Atravessando o rio Coquenã.
Cine major L. Tomás Reis

1490 – As cumeadas do Roroimã sensivelmente horizontais, apenas recortadas pelos agentes erosivos, terminam bruscamente em imponentes muralhas de arenito, assentadas sobre um planalto rochoso de pórfiro, bem descrita pelo geólogo Glycon de Paiva, que acompanhou a expedição para fins científicos até o cume do Roroimã.



1491 – Serviço astronômico – A feição geológica do planalto apresenta-se sob a forma dum solo pedregoso, estéril.



Fotos Dr. B. Rondon.



1492 – Lutando com as dificuldades da subida do Roroimã.
Cine major Tomás Reis.



1493 – Carregador indígena com grande peso no seu cesto de costas quando escalava a montanha.



1494 – Pelo desfiladeiro de terra frouxa que vai ter ao cume.
Cine major Tomás Reis.



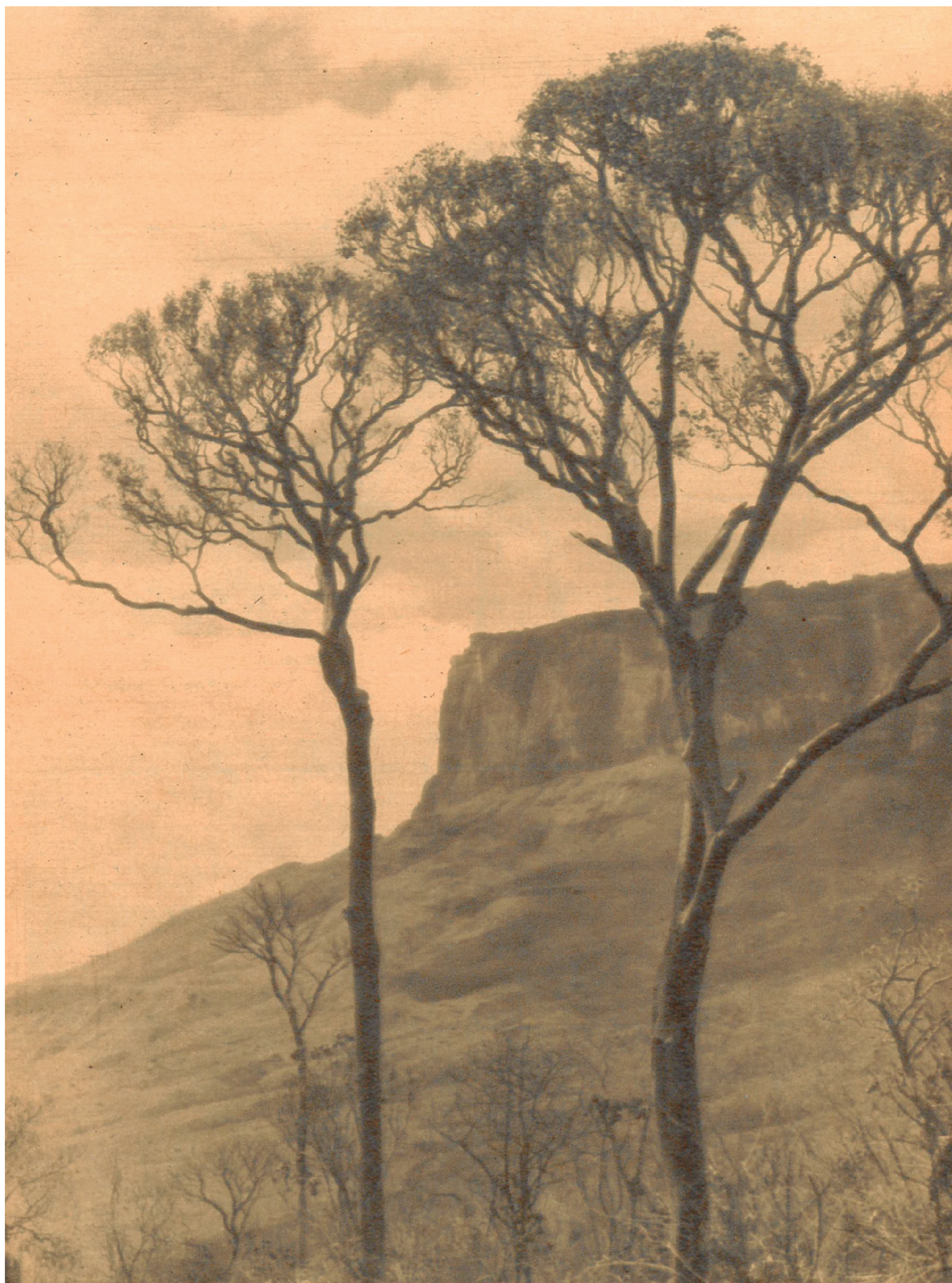
1495 – General Rondon, com os seus 62 anos de idade, vencendo as dificuldades que se opõem à subida do Roroimã.



1496 – Diante do monte Roroimã. Acampamento.
Cine major Tomás Reis.



1497 – Cabeceiras do rio Cotingo. Roroimã.
Foto Dr. B. Rondon.



1498 – Paredão do Roroimã – visto do acampamento, a 1600 metros de altitude. O Roroimã se levanta do solo numa monumental muralha arenítica de 600 a 800 metros acima do seu pedestal e de diábase, a cerca de 2850 metros sobre o nível do mar.

Foto Dr. B. Rondon.



1499 – A 1800 metros de altitude.



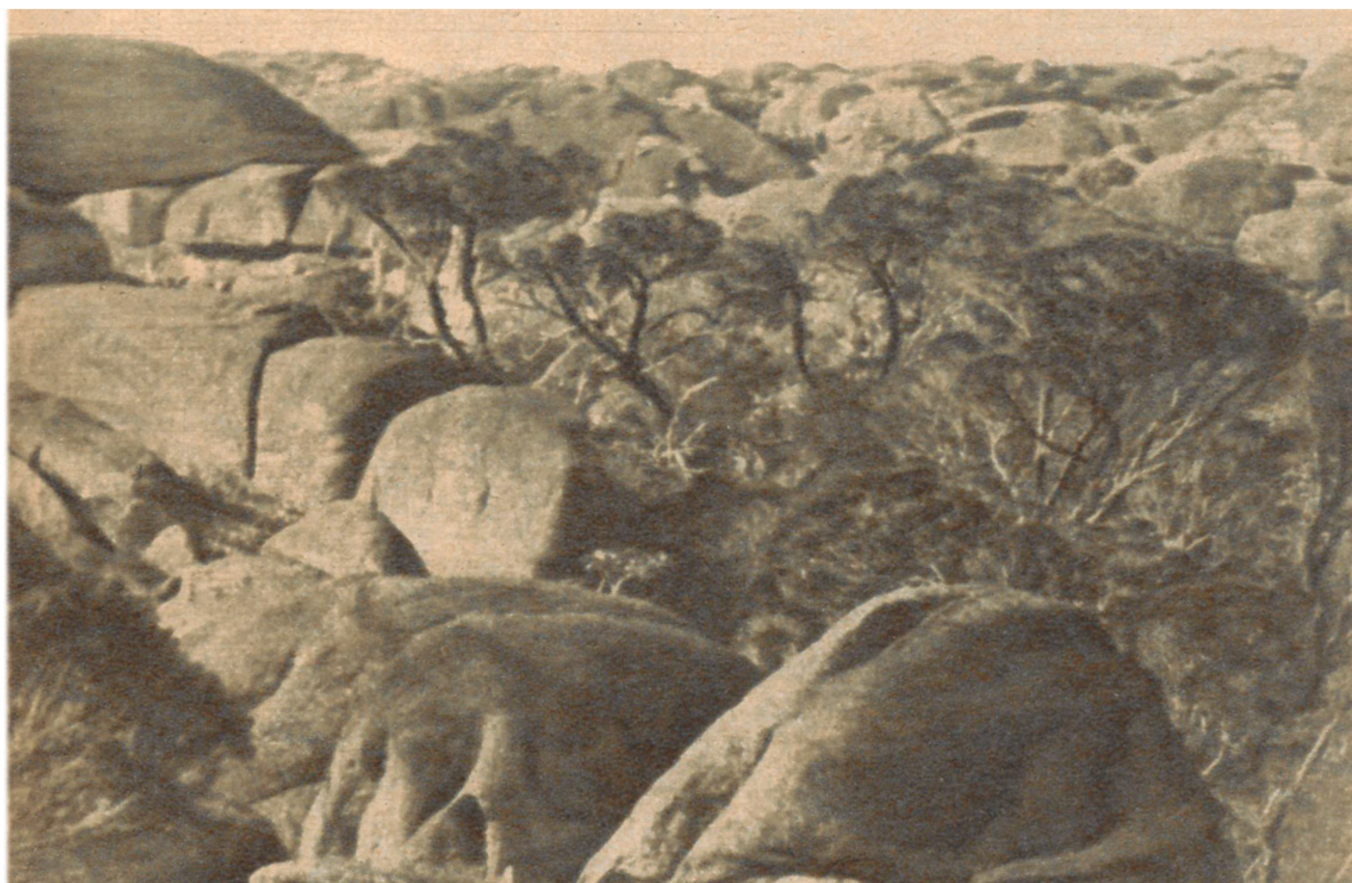
1500 – Acampamento entre grandes pedras caídas do alto.
Cine major L. Tomás Reis.



1501 – Distribuição de brindes aos índios que acompanham a expedição.



1502 – Cena da distribuição de facas aos índios, no acampamento. Roroimã.
Cine major Tomás Reis.



1503 – No local do acampamento Clement. Ali se deparam cavernas originais abertas no granito Roroimã.



1504 –
Cine major Tomás Reis



1505 – De vez em quando as nuvens, como cortinas brancas, encobrem a vista.
Cine major Tomás Reis

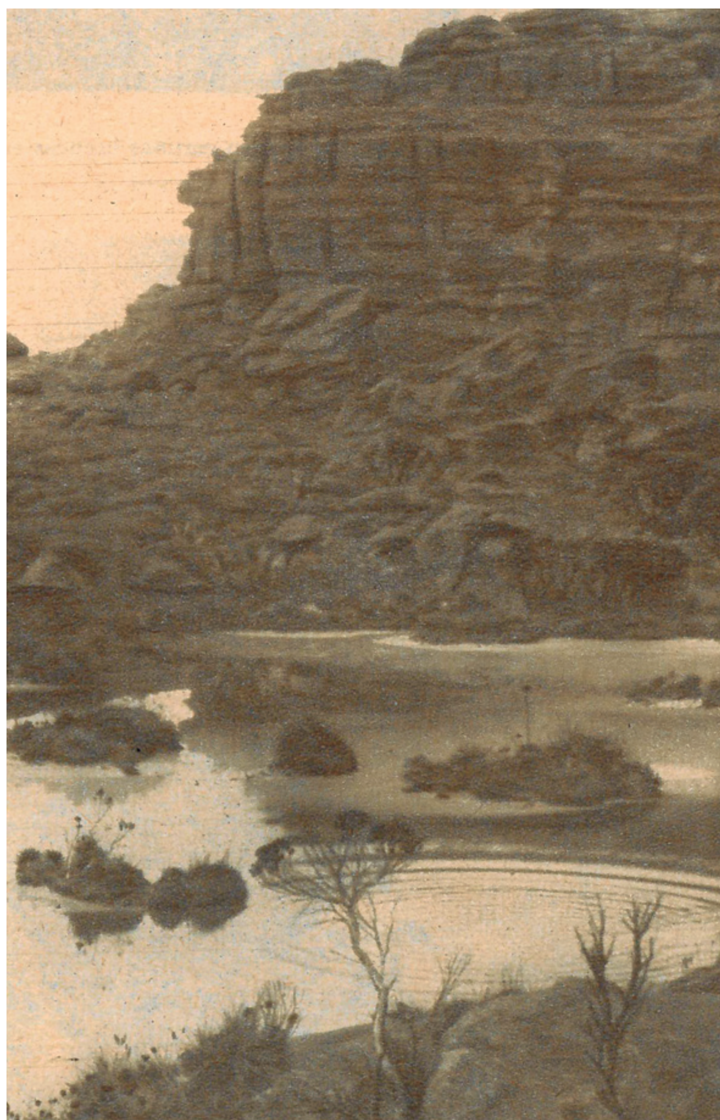


1506 –
Cine major Tomás Reis





1507 – Um dos dois únicos tipos de arbusto, existentes a 2850 m. de altitude, no ponto culminante do Roroimã. (Mico, em língua dos taurepãs).



1508 – General Rondon entre espécimes do reino botânico a 2000 metros de altitude.

1509 – Típico aspecto botânico-geológico do Roroimã.
Fotos Dr. B. Rondon.



1510 – Roroimã a 2700 metros quase atingindo a cumeada.
Fotos Dr. B. Rondon.



1511 – A porta de entrada do planalto Roroimã.
Fotos Dr. B. Rondon.



1512 – General Rondon no planalto do Roroimã. Esta chapada dá a impressão de ser empedrada, cheia de lagos e pântanos. É, porém uma enorme superfície completamente revolta, coberta de blocos de arenito de grandes dimensões.
Foto Dr. B. Rondon.



1513 – Detalhe geológico do Roroimã a 2850m de altitude. Blocos de arenito de grandes dimensões, e com aspéctos dos mais bizarros, elevam-se por toda a parte em consequência do efeito da erosão secular, simulando, ao longe, monumentos fantásticos, criados por caprichosa imaginação.

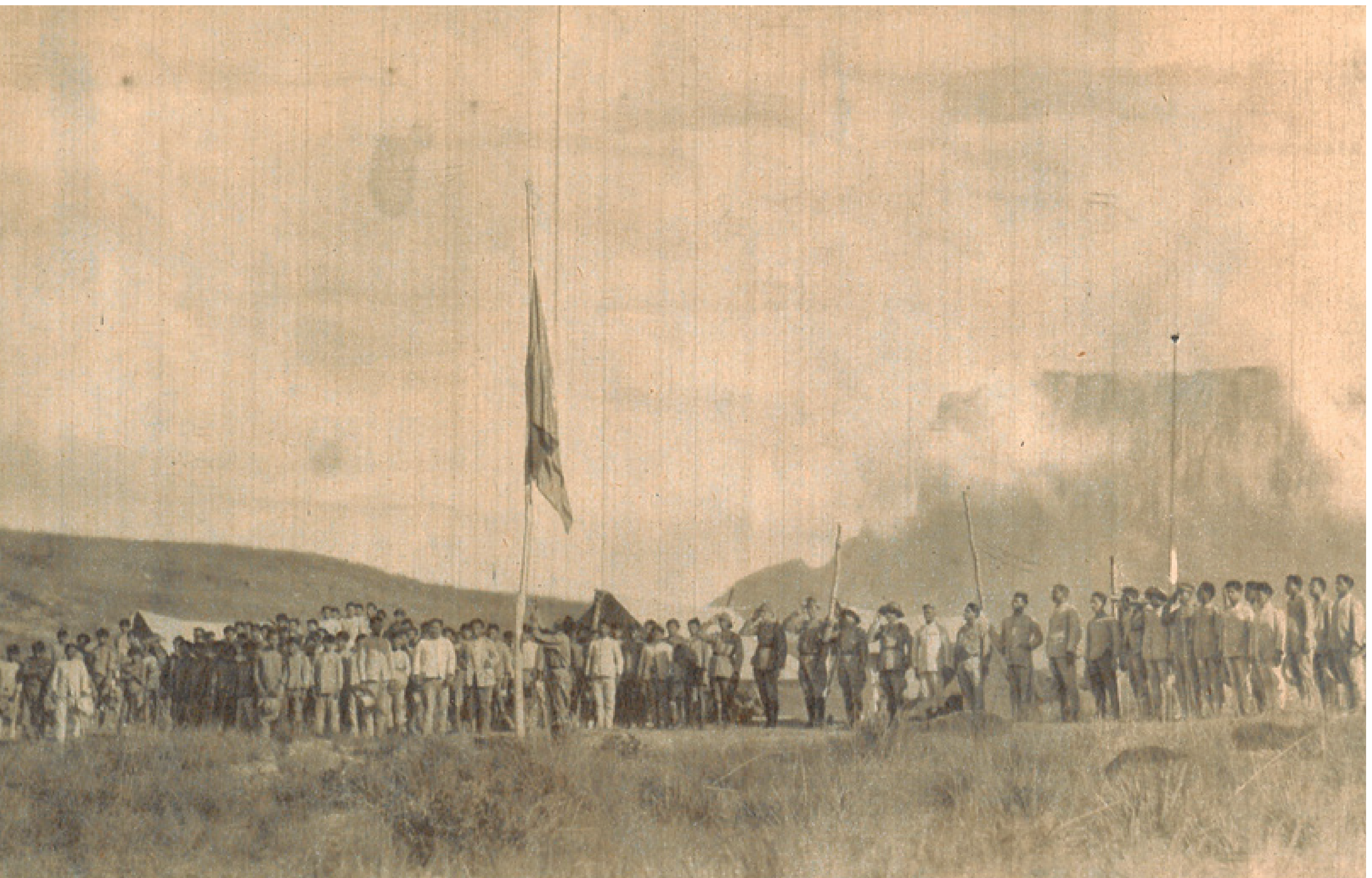


1514 – No topo do Roroimã, o general Rondon com seus auxiliares indígenas, guias e carregadores numa



altitude de 2850m onde convergem as três fronteiras: Brasil, Guiana inglesa e Venezuela.

Foto Dr. B. Rondon



1515 – Dois de Novembro de 1927, despedida do Roroimã.
Foto Dr. B. Rondon

Índice

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Angaricá	Índios do Brasil	17/18	Caraíba	Macuxi	Angaricá	Com este nome extinto	–
Antigaricó	*	19				Cuialocogue	–
Apari ou Apalaí	*	17/18	Caraíba	Aparaí		Serra Tumuc-Humac. Médio Paru e rio Jari.	105 a 108
Arapaço	*	17, 20	Tocana	Subtribo tocana	Arapaço	Rio Uaupés, afl. do rio Negro e no baixo Papuri.	–
Baniua ou Baniva	*	20	Aruaque	Baniva		Rio Içana e no Coduiari, afl. do rio Negro	–
Bará	*	17, 20	Tocana	Bará		Amacá-cachoeira, no alto rio Tiquié.	–
Baré	*	20/21	Aruaque	Baré		Núcleos destes índios em Matituba e Santana	–
Boarana	Índios do Brasil	20	Caraíba	Boiurana	Provavelmente assimilados pelos cobeuas	Médio do rio Caiari	–
Calanã	*	19	Caraíba	Rangu-Piqui	Caianã	Rio Parumã, front. Guiana Francesa	93, 96, 97
Camaracotó	*	17/18	Caraíba	Macuxi	Camaracotó		–
Carapaná-tapuia	*	17, 20, 21/22	Tocana	Cobeua	Carapaná-tapuia	Rio Querari, Coduiari, Japu--cachoeira no alto Papuri e Tiquié superior.	–
Carimé	*	–	–	Carimé		Rio Caratirimani.	265 a 266
Cauá-Tapuia	*	21/22	Arauque	Cobeua do Aiari	Cauá-Tapuia	Rio Aiari, afl. do rio Içana.	–
Cobeua	*	8, 12, 13, 14, 15, 16	Tucano	Manonara, Tiua ou Tocandira, Juquicê-Tapuia, Carapenã e Coroa		Quarari-Coduiari	–
Coheno, Coeuna ou Heénaua	*	17, 20, 21/22	Tucano	Cobeua do Coduiari	Coehano, Coeuna ou Haenaua	Rio Negro.	143
Deçana, Paporimara ou Trovão Rapicuma	*	17, 20, 22	Tucano	Deçana		Baixo Uaupés, Papuri e Tiquié.	213

Erulia ou Eruriu	Índios do Brasil	20	Tucano	Erulia		Pirá-Paraná, afl. do rio Apapóris	–
Jiboia – Tapuia ou Yaboia-Tapuia	*	–	Tucano	Jiboia-Tapuia		Curso superior do rio Aiari, afl. do rio Içana	–
Guaraivo ou Guaharibo	*	18, 19	Alófilo	Guaraívo		Cab. e alto curso dos rios Cabori e Padauari afl. do rio Negro. Serra Pacaraimã	–
Heenaua ou Coehano	*	21/22	Tucano	Cobeua do Coduiari	Heenaua ou Coehano	Coduiari, rio Negro.	143
Hoodeni	*	20	Aruaque	Baniva	Hoodeni	Foz do Aiari, alto Içana, afl. do rio Negro.	–
Ipeca ou Ipeca-Tapuio	*	20	Aruaque	Ipeca		Siuci-cachoeira no alto Içana, afl. do rio Uaupés.	–
Jaricuna	*	17/18, 19	Caraíba	Macuxi	Taurepã ou Iaricuna	Rio Parimé, Maruá e Anajari, afls. do Surumu, rio Branco	311 a 327
Macu	*	20	Alófilo	Macu	Procedentes do território venezuelano, ainda não se pode averiguar se se trata da mesma raça dos seus homogêneos do rio Negro.	Rio Uraricuera	288 a 295
Macu	Índios do Brasil	17, 18, 20/21	Alófilo	Macu	Macu	Baixo curso do rio Tiqué e m. esq. do rio Japurá, até rio Negro.	–
Macuxi	*	17, 18/18, 19	Caraíba	Macuxi		Rios Surumu, Tacutu, Maú, Cotingo, afls. do rio Branco	297 a 304, 308
Manau	*	14 20, 21	Aruaque	Assimilados pela população sertaneja do rio Negro.		Rio Negro	–
Maiongom	*	17, 18	Caraíba	Macuxi	Maiongom	Rio Uraricuera e rio Meruari	275 a 287
Marabitana	*	20/21	Aruaque	Assimilados pela população sertaneja do rio Negro.		Rio Negro	–

Micura-tapuia	*	17, 20	Tucano	Cobeua	Micura-tapuia	Rio Papuri, afl. do rio Uaupés	–
Miriti-tapuia	*	20	Tucano	Miriti-tapuia		Baixo rio Tiquié afl. do Uapés	–
Nhambiquara	Índios do Brasil. Vol. I	19	Jê	Nhambiquara		Vale do rio Jurema	–
Palonoa ou Palacnoa	Índios do Brasil. Vol. II	20	Tucano	Palacnoa		Alto Pirá-Paraná, afl. do rio Tiquié.	–
Parauiana ou Paravilhano		17/18, 19	Caraíba	Macuxi	Parauiana	Cab. Do Anauá, afl. do rio Branco e no Jauaperi, afl. do rio Negro.	295 a 297
Pauchiana ou Pauxiana	Índios do Brasil		Guajiro	Pauxiana		Rio Caratirimâni	265, 266
Pauicê, Pauxi ou Caxinauá	*	29	Caraíba	Como Pauxi ou Pauicê, estinto		Rio Jordão, afl. do rio Tarauaca, rios Cachorro. Jacicuri, afls. do Trombetas	–
Pianocotó	*	17, 19	Caraíba	Pianocotó		Rio Marapi, alto rio Cuminá, Serra Tumuc-Humac	70 a 85, 100
Piratapuio	*	17, 20	Tucano	Tucano	Piratapuio	Baixo Uaupés, Papuri e Tiqué	210
Quepiquiriuate	Vol. I	19	Tupi	Quepiquiriuate		Cab. Ji-Paraná	Vol. I 138 a 142
Rangu-Piqui	Vol. III	19, 20	Caraíba	Rangu-Piqui	Rangu-Piqui	Rio Paru, afl. do rio Cuminá. rio Parumã, front. Guiana francesa.	89 a 99 101, 102
Riã	*	17/18	Caraíba	Macuxi	Como Riã extinto		–
Siriano	*	18	Xirianã	Siriano ou Xirianã, segundo Frederico Rondon		Médio e baixo Cuiari. Afl. do rio Içana.	267 a 274
Siuci ou Siucitapuia	*	20	Aruaque	Baniva	Siuci	Médio e baixo curso do Aiari. Afl. do Içana.	
Sucuriú-Tapuia	Índios do Brasil	–	Arauque	Baniva	Sucuriú-tapuia		
Tariana	*	17, 20, 21, 22	Arauque	Tariana	Submetidos pelos tucanos	Curso médio do rio Uaupés até o rio Papuri.	232
Taurepã, Taulipang ou Jaricuna e Aricuna.	*	17/18, 19	Caraíba	Macuxi	Taurepã	Rio Parimé, Maruá e Anajari, afls. do Surumu, rio Branco.	311 a 327

Ticuna ou Tucuna	*	Aruaque		Ticuna		Rio Igarapé, afluente do Solimões.	242 a 244
Tirió	*	17, 19	Caraíba	Rangu-Piqui	Tirió	Rios Cuminá, Paru, na divisa Guiana holandesa.	86 a 91, 94, 95, 97, 98
Tocana ou Tucano	*	17, 20, 21, 22	Tocana	Tocana		Rios Uaupés, Papuri, Jauaretê – Cachoeira e Tiquié.	155 a 158 211, 213 227, 231/32
Tsoeloa	*	20	Tocana	Tsoeloa		Cabec. do rio Tiquié	–
Tuiuca, Tuiuca-Tapuia ou Dogapura	*	17, 20, 22	Tocana, que fala sua própria língua	Tocana	Tuiuca	Rio Tiquié	228 a 238
Uaboí	*	19		Extinta		Rio Trombetas e Jamundá	25 a 40
Uaíca	Índios do Brasil			Uaica		Rio Caratirimâni	264
Uariana	*	17/18, 20, 21/22	Tocana	Uanana		Rio Içana, no médio Uaupés entre Jurupari e Jandi – Cachoeira	161 a 206
Uapixana	*	17, 18	Uapixana	Uapixana		Rio Tacutu, Uraricuera, afl. do rio Branco, Anahari, Parimé e Cauamé.	272 a 283
Uaupé	*	17	Diversos	Denominação genérica dos índios, habitantes do rio Uaupés.		Rio Uaupés	–
Uitoto	*	17, 18	Alófilo	Uioto		Alto Japurá entre Caquetá e Putumaio, foz do Amacaracu.	–
Upaima	*	20	Tocana	Tocana	Upaima	Rio Tacutu, Uraricuera Anajari, Parimé e Caumé, afls. do rio Branco	–
Xirianã ou Chirihaná	*	17, 20	Xirianã	Xirianã		Rio Uraricapará afl. do rio Uraricuera, rio Branco	267 a 274

ÍNDICE GEOGRÁFICO

ASPECTOS E EPISÓDIOS HISTÓRICOS DO SERTÃO

ÍNDICE DOS TRAÇOS CULTURAIS

ALIMENTAÇÃO

ARTES E OFÍCIOS INDÍGENAS

CERÂMICA

PINTURAS E CONFECÇÃO DE MÁSCARAS

ASTRONOMIA

CRENÇAS, RELIGIÕES E RITUAIS

A INFLUÊNCIA DA CIVILIÇÃO E A REAÇÃO DO ÍNDIO

GLOSSÁRIO: FAUNA, FLORA E DIVERSOS

AÇAÍ
Palmeira (*Euterpe oleracea*) e as nossas "juçaras" (*Euterpe edulis*) às vezes assim designadas. 252, 253

ANINGA
Planta paludícola (*Montricardia arborescens Schott*). Fam. arácea. 88

ANONÁCEA
A família das anonáceas, goza de grande estima, por causa das árvores frutíferas que contém. 68

BALATA
Árvore gigantesca (*Mimusops Balata*) de grande importância econômica, cujo látex fornece a "balata" do comércio. 66

BURITI
Palmeira (*Mauritia vinifera Mart.*) 253

CAÁPI
Bebida, parcimoniosamente empregada durante as festas, preparada por infusão da *Banesteria Caapi,* planta sarmentosa, que possui um alcaloide entorpecente: a "banesterina", que produz embriaguez semelhantes à do ópio e à do cactos *peiotl*, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O caápi é servido em pequenas cuias como xícaras e não é aceito por todos os índios. 182

CACTÁCEAS
A flora apresentava novos aspectos no rio Paru. 89

CANARAÍ
Palmeira, também chamada buritirana (*Mauritia aculeata*) 114

CASTANHA-DO-PARÁ
Castanheiro em serviço no Tronco. Rio Cuminá. Semente da árvore (*Betholletia excelsa*) – que tem grande valor comercial no mundo inteiro – de forma triangular, comestível, conhecida no comércio internacional sob o nome "nozes-do-Pará" e Paranut. 48, 102

CAXIRI
Bebida alcóolica fabricada pelos índios, de milho, mandioca ou de frutos da "pupunheira". 181

CECRÓPIA
Conhecida como imbaúba. Fam. das Moráceas. 250

JENIPAPO
Árvore rubiácea (*Genipa americana L*), cujo fruto os índios usam na alimentação e para a pintura do corpo com uma cor preto-azulado. 121

INAJÁ

Palmeira (*Maximiliana regia*). Os frutos desta palmeira servem na defumação do látex da *Hevea*. 121

JABUTI

Quelônio (*Testudo tabulata*) 90

JAUARI

Palmeira (*Astrocaryum acale*) do rio Negro. 114

JENIPARANA

Árvore (*Gustavia pterocarpa* Poit), cujos frutos são comestíveis. 69

MALOCA

Taba selvícola. –

MATA-MATÁ

Da madeira mata-matá extrai-se a casca com que se confeccionam as saias em forma de franjas, para suas máscaras. Região do rio Negro. 177

MICO

Um dos únicos tipos de arbusto existentes a 2.850 metros de altitude, no ponto culminante do Roroimã. 338

MUIRAQUITÃ

Delicada escultura em nefrite ou jadeíte, que constitui amuleto de alto valor estimativo, venerado pelos índios. –

PENTE-DE-MACACO

Planta trepadeira com flores escarlates. (*combretum*, sp.). Fam. das combretáceas. 68

PIAÇABA

Palmeira (*Leopoldina piassava*), do rio Negro, cujos pecíolos das inflorescências constituem a piaçaba do Pará que é muito macia e flexível, ao contrário da piaçaba (*Attalea funifera*), da Bahia. 122

PITEIRA

(*Fourcroyas*). As piteiras distinguem-se das agaves, pelo engrossamento da base dos filamentos estaminais, que são mais curtos que os lóbulos perigonais. (João Decker, *Flora Brasileira.*) 89

PUPUNHA

Palmeira (*Bactris speciosa*). Está sendo cultivada pelos índios do Amazonas. Ela se distingue por um estipe alto, mas muito fino e espinhoso. O fruto é rico em fécula amilácea. 138

QUATI

(*Nasua socialis*). Seu pelo é ruivo acinzentado, nutre-se de larvas e de frutas; domestica-se com facilidade e é um animal muito divertido e amigo de brincar. 73

SERINGUEIRA

Árvore. Existem muitas variedades das (*Heveas*), a espécie mais notável, porém, é a *Hevea brasiliensis,* cujo látex fornece a melhor borracha, superando em qualidade as de qualquer outra proveniência, mesmo das mais afamadas plantações estrangeiras. –

SERRADOR

Coleóptero interessante, cortador de galhos, ornado nas asas com um desenho tão pitoresco, que parece a própria natureza queria criar um modelo para os nossos selvícolas. 69

SÍMIO

Macacos com cara nua e curta e diversos outros sinais, como orelhas despidas de pelos e redondas, unhas chatas, etc. 73

SUCURI

Espécie de cobra grande, que atinge até 15 metros de comprimento. (*Eunectes murinus*.) 307

SUMARÉ

Orquídea (*Cyrtopodium*). Diversas espécies, são orquídeas terrestres de crescimento cespitoso e formam grandes touceiras de pseudobulbos. (João Decker, *Flora Brasileira.*) 89

TANGA

Envoltório, com que os índios velam o corpo, desde o ventre até as coxas. 229

TARTARUGA

Provavelmente será a (*Podocnemis expansa*), a iurará-açu, dos índios, na língua geral e que atinge 80 cm de comprimento no adulto. É o mais importante dos quelônios do Amazonas, muito apreciado por sua carne e seus ovos. (ten.-cel. Frederico Rondon).

TIPITI

É um cilindro feito de talas, elástico, em que se mete a massa de mandioca para espremer e retirar assim o líquido, deixando-a apenas úmida, para a fabricação da farinha. 286

TRAÍRA 87

Peixe (*Macrodon traira*).

TUCUMÃ

Palmeira (*Astrocaryum Tucuma*), cujas fibras, muito resistentes, são utilizadas para tecelagem de redes, cordas, etc. 86, 87

TUCURI

Árvore. A mesma do jequitibá (*Curatari legalis*). Os índios da bacia amazônica usam a entrecasca para a confecção das máscaras. 162

TUXAUA

Chefe indígena. Cacique. –

URUCUM

Substância tintorial, extraída de uma polpa avermelhada, que reveste as sementes do arbusto: *Bixa Orellana*. 172

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS INDÍGENAS USADAS

ACÁ

Chifre 20

ACANGATARA

Cocar, espécie de coroa de penas de cores vistosas, usado nas festas e danças de mesmo nome. Significa *acanga* = cabeça, chefe, também origem, começo e *tará* = enfeite 194 a 206, 233 a 238

ACARAÍ

Nome de uma serra. O nome significa "Garça branca". 19

ARARAPARI

Nome de uma aldeia indígena. Significa Arara pari: "As três Marias" denominação popular para as estrelas que formam o cinto do Orion. –

CAÁPI

Espécie de bebida entorpecente dos índios. 182

CACURÍ

Armadilha para pegar peixe. 222

CARACARAÍ

Cidade no rio Branco, fim da navegação regular. O nome significa: gavião de uma espécie, que vive em pequenos bandos nas margens dos rios, preferindo os lugares encachoeirados. 249

CARIMÉ

Tribo indígena. O mesmo nome se encontra numa bebida, feita de água fria, misturada com farinha de mandioca, em que foi espremido um fruto ou ovos crus de carajás ou tartaruga. 264 a 265

CARURU-CACHOEIRA

A palavra é uma corrupção de cariru pelo fato de que, a planta aquática comestível, colhido pelos índios e da qual extraem o seu sal, cresce nesta cachoeira em grande quantidade. A planta caruru dos civilizados não é idêntica àquela. 223

CAXIRI

Bebida fermentada dos índios. –

CÊ

Possessivo e inseparável do nome, reforçando a ideia da posse. 181

CEUCI

Plêiades. –

CEUCI-PEREIRA
Perera (fim de ceuci). O inverno. –

CUCUÍ
Monte no rio Negro. Segundo E. Stradelli, no seu vocabulário da língua nheengatu significa cucuí ruído, desmoronado, desprendido, assim que se deixa justificar a interpretação "caiu do céus" o que nos foi dado em Jauaretê. Não sabemos entretanto, se esta significação é verdadeiramente indígena. Mas, como o monte nesta paragem é a única elevação e, pela lógica, o que cai deve vir de um ponto mais alto, pode passar a significação por belo exemplo de expressão nítida numa palavra só. 140 a 144

CUNHÃ
Mulher. –

CURICURIARI
Serra no rio Negro. 124

IGAÇABA
Urna. –

IPOCU-CACHOEIRA
Cachoeira, vagarosa. De "i" = prefixo, tornando o adjetivo "pocu" como substantivo. 225 e 226

ITA
Pedra, rocha.

ITACOATIARA
Ita = pedra; coatiara = desenhado, esculpido. (Petroglifo) - 56

IUARAUÁ
Peixe-boi. –

IUAQUICÊ
Enchente. "Iuquê" = líquido que entra ou sai de alguma coisa. –

IUQUIRA
Iuquira = sal. –

IURA
Jirau 152

IURUPARI
O demônio mau e uma flauta sagrada. *Iuru* = boca; *pari* = tapagem. –

IUTICA
Derrubar. –

JANDU-CACHOEIRA
Jandu = Aranha. –

JATUCA-CACHOEIRA
Significa: Cachoeira curta, breve. 224

JAUARI
Palmeira de espique muito espinhoso. 114

MANIACA
Mandioca. –

MARACAXÁ 234 a 238
Chocalho na língua tuiuca. Maracá, em nheengatu.

MARIPÁ
Aldeia dos pianocotós, significa "morcego". 74

MARUAÍ
Monte no rio Branco. 295 a 297

MATAMATÁ
Árvore ou cipó enorme que fornece uma fita espessa de 4 a 6 dedos de largura usado pelos índios na confecção de saias para as máscaras. 177

MOCAENTAUA
Armação feita para moquear. Constelação que compreende parte de Sirius e Orion. –

OCOIMÃ
Aldeia dos índios tiriós. 91

PACARAIMÃ
Serra com este nome. –

PARAUIANA
Nome de tribo indígena. O nome significa na língua macuxi; corredor, veloz. –

PARI-CACHOEIRA
Pari = gradeado de fasquias de madeira, amarrada de cipó, com que os índios barram a boca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída dos peixes, ou com que constroem os currais e cacuris (tapagem). –

PARICHARA
Festa nacional dos macuxis; regada de caxiri, bebida clássica de todos os índios. Dentro de uma hora, quanto durou a cerimônia, víamos já muitos índios em grande alegria a fazer apologia da Expedição que lhe viera trazer a segurança da proteção do Governo Grande, de quem esperam receber roupa para cobrir a nudez das suas mulheres e filhos. Relatório do gen. Rondon, de 1927. 299

PIRÁ
Peixe. –

PIRERA
Resta, casco. –

PORANGA
Bem (boa, bonito) –

RAPECUMA
Ponta da terra. –

ROROIMÃ
Rorô-ímã. Verde monte na língua macuxi: **Imã** = monte. 310

RUPITÁ
Origem, bloco, tronco. –

TARUMÃ
Espécie de árvore muito grande. 254

TAUÁ
Povoação, aldeia.

TAUAPIÇAÇU
Significa povoado novo, fundado de fresco (piaçu). –

TICUNA
Tribo indígena. O nome significa em nheengatu nariz preto. A tribo chama-se a si mesma Dôôen. 242 a 244

TROCANO
Espécie de tambor grande para dar sinais ao longe. –

TUXAUA
Chefe indígena. –

UAPIXUNA
Tribo indígena, a palavra designa gato. –

UIRAPOÇO
Povoação. *Uira* = pássaro. Poço de pássaro. 220

URUBUCUARA
Furo de Urubu. 151

Índios do Brasil do norte do rio Amazonas,
de Cândido Mariano da Silva Rondon, foi composto em Garamond,
corpo 13/15, e impresso em papel polen soft 80 g/m², nas oficinas da
Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2019, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que trancrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do CNPI –
Conselho Nacional de Proteção aos Índios

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br


9 788570 189509

SENADO FEDERAL 